OBRAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

XIV

(SEGUNDO DO ROMANCEIRO)

NA IMPRENSA NACIONAL

ROMANCEIRO

PELO

VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

II

ROMANCES CAVALHERESCOS ANTIGOS

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA

EM CASA DA VIUVA BERTRAND E FILHOS

1863

Pretend
eratura
lecção
a para
tiquari
seus
m livro
radav
nias q
tas e c
cio é c
littera
mais
revol
most
suas

INTRODUCÇÃO

Pretendo supprir uma grande falta na nossa litteratura com o trabalho que intentei n'esta collecção. Não quero compor uma obra erudita para me collocar entre os philologos e antiquarios, e pôr mais um volume na estante de seus gabinetes. Desejo fazer uma coisa util, um livro popular; e para que o seja, torná-lo agradavel quanto eu saiba e possa. As academias que elaborem dissertações chronologicas e criticas para uso dos sabios. O meu officio é outro: é popularizar o estudo da nossa litteratura primitiva, dos seus documentos mais antigos e mais originaes, para dirigir a revolução litteraria que se declarou no paiz, mostrando aos novos ingenhos que estão em suas fileiras os typos verdadeiros da naciona-

lidade que procuram, e que em nós mesmos, não entre os modelos extrangeiros, se devem incontrar.

É obrigação de consciencia para quem levanta o grito de liberdade n'um povo, achar as regras, indicar os fins, apparelhar os meios d'essa liberdade, para que ella se não precipite na anarchia. Não basta concitar os animos contra a usurpação e o despotismo; destruido elle, é preciso pôr a lei no seu logar. E a lei não hade vir de fóra: das crenças, das recordações e das necessidades do paiz deve sahir para ser a sua lei natural, e não substituir uma usurpação a outra.

Eu, que ousei levantar o pendão da reforma litteraria n'esta terra, soltar o primeiro grito de liberdade contra o dominio oppressivo e antinacional da falsa litteratura, doe-me a consciencia de ver a anarchia em que andâmos depois que elle foi aniquilado; pêza-me ver o bom instincto dos jovens talentos, desvairado em suas melhores tendencias, procurar na imitação extrangeira o que so póde, o que so deve achar em casa.

A revolução não está completa nem consolidada. É preciso indicar-lhe o caminho natural e legal, pô-la em marcha para os pontos a que lhe convem chegar; e ella se aperfeiçoará a si mesma no progresso regular que assim hade seguir para um norte fixo.

Fiz para isso ésta collecção de exemplares, de documentos, de estudos e observações. Não respondo nem por sua exacta classificação, nem por uma certeza em todos elles acima dos escrupulos austeros da crítica, e das desapiedadas negações da chronologia. Respondo pelo espirito, pela tendencia, pela verdade moral do trabalho. Sente-se muitas vezes, vê-se clara a verdade e exacção moral de uma coisa cuja exacção material não póde provar-se por falta de documentos de indisputavel authenticidade.

Eu reuni, junctei, puz em alguma ordem muitos elementos preciosos. Trabalhadores mais felizes, e sôbretudo mais repousados que eu de outras fadigas, virão depois, e emendarão e aperfeiçoarão as minhas tentativas. Tomára-os eu ja ver n'esse impenho. Então in-

tenderei devéras que fiz um grande serviço á minha terra e á minha gente. Sem vagar de tempo nem de cuidados para coisas tanto de meu gôsto e tam fóra de minha possibilidade, vou lançando no papel as observações que me lembram, as reflexões que me occorrem, sem curar ás vezes nem do fio que levam, nem do logar em que as ponho. Quizera podêr fazer á lingua e á litteratura portugueza serviço egual ao que fez M. Raynouard á dos seus provençaes. Mas nem posso eu, nem o resultado sería tam prompto como elle hoje se precisa.

Tomára que éstas paginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem á mocidade, que as mulheres se não infadem absolutamente de as ler, e os rapazes lhes não tomem medo e tedio como a um livro professional. Eisaqui o que eu desejo, o em que puz fito, e o porque intersachei a prosa com o verso, a fábula com a historia, os raciocinios da critica com as inpirações da imaginação.

Tenho alguma esperança no methodo.

A primeira parte e volume do presente ROMANCEIRO deve ser considerada como a introducção d'esta segunda e das que se lhe seguirem.

Alli dei a traducção em lingua e stylo moderno de alguns dos nossos romances populares; aqui vão os proprios textos d'esses e de muitos outros romances.

Horacio, cuja arte poetica hade sempre ser para a poesia de todas as edades, de todas as escholas e de todas as nações, o que são para a moral os 'Versos de oiro' de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis— Horacio louva, sôbre todos, aos poetas romanos que ousaram desviar-se do trilho batido dos gregos, e celebrar emfim as acções da sua propria gente, deixando em paz as Medeas e Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpétua familia dos Attridas.

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabiam talvez, se tanto, o latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que decerto nunca tinham lido

Horacio — nem o intenderiam — seguiram comtudo melhor, por mero instincto do coração, ás doutrinas do grande mestre que não conheciam, do que depois o fizeram os poetas doutos e sabidos que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia.

Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar ás venerandas barbas dos nossos dois Boileaus de Quinhentos, Ferreira e Sa-de-Miranda! E quem ousará pôr os olhos fittos no sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem? Todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos e grandes philologos, são os que, cheios de Virgilio, de Ariosto e de Petrarcha, com os olhos cravados no antigo Lacio e na moderna Italia, de todo esqueceram e fizeram esquecer os tons e os modos da genuina poesia da nossa terra.

Os nossos vizinhos de Castella nunca chegaram, no seculo XVI, á perfeição classica da litteratura portugueza: mas porisso ficaram mais nacionaes, mais originaes; e por conse-

quencia, maior e mais perduravel e mais geral nome obtiveram e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os LUSIADAS: é verdade. E porque? Será pelas fórmas virgilianas do poema, pelos deuses homericos do seu maravilhoso, pela belleza dos modos que so nós sentimos bem? Não, é pelo que alli ha de poesia original, propria, primitiva: porquanto, era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias homericas e virgilianas, os mesmos sons classicos se lhe repassavam debaixo dos dedos n'aquella sincera e maviosa melodia popular que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fe religiosa, do nosso fanatico—e inda bem que fanatico! —patriotismo, da nossa historia, meio historia, meio fábula dos tempos heroicos. Dominou-o, mas não pôde pervertê-lo a eschola do seu tempo.

A poesia e a litteratura portugueza precisavam retemperadas nos principios do seculo passado; que estavam uma coisa informe e laxa: eram cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas de má fábrica, as unicas

da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, Francisco-Manuel, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia—a prosa não—mas nos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinham sido pela reflexão italiana.

Fallou portuguez e fallou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia; mas ainda não era portugueza.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo, quando a reacção do que se chamou romantismo, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a ver por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

'Gregos, romãos e toda a outra gente.'

Que se hade fazer para isto? Substituir Goëthe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter-Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas fontes poeticas, os romances em verso e as legendas em prosa, as fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas: le-las no mau latim musárabe meio suevo ou meio godo dos documentos absoletos, no mau portuguez dos foraes, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo— que até bem tarde a litteratura das Hespanhas foi quasi toda uma. O tom e o espirito verdadeiro portuguez esse é forçoso estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo e as suas tradições e as suas virtudes e os seus vicios, e as suas crenças e os seus erros. E por tudo isso é que a poesia nacional hade resuscitar verdadeira e legitima, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada quando morreu, e com que se vestia quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queiram chamar,

é um dos primeiros trabalhos, que precisavamos. É o que eu fiz—é o que eu quiz fazer, ao menos.

Para entrar com alguma ordem, e com algum nexo, ainda que seja apenas hypothetico, no ajunctar e examinar dos documentos, vejamos e resummamos em poucas palavras como, da litteratura da civilização velha se fez, na chamada meia-edade, a transição para a nova e imperfeita, mas muito mais original, muito mais creadora litteratura da sociedade christan, d'esta civilização que é tam outra e tam distincta d'aquella, e, por forçosa nècessidade, tam diversamente tem de formular-se em sua mais natural expressão, a poesia.

Roma e Grecia tinham cahido na segunda meninice, os barbaros do norte entravam em vigorosa juventude de intendimento. Chamou-se a este periodo, tam notavel e interessante na historia do espirito humano a Edade-media. Mas não foi elle, como ha tres seculos se escrevia, e se cria sem mais exame, não foi uma epocha de trevas em que toda a arte e sciencia pereceram, foi uma crise de transfor-

mação e regeneração em que os elementos da sociedade, purificados no fogo de um grande incendio, começaram a tender para ordem nova, para uma organização que era extranha a todas as ideas e concepções antigas.

Observa um elegante escriptor contemporaneo que naturalmente são objecto de nossa curiosidade e nos excitam vivo interêsse os costumes, os sentimentos, a litteratura d'aquella epocha singular em que, passo a passo, vemos o progresso do intendimento humano caminhando para a civilização christan, essa que depois havia de confundir-se com as reminiscencias da antiga, desvairar-se em seu caminho, retrográdar, perder-se tantas vezes na senda, chegar a ser desconhecida e desconhecer-se ella a si mesma.

Abstractamente consideradas as maneiras e as instituições d'aquella edade, pouco ha n'ellas de louvar, muito que reprovar: e todavia as que mais pareciam deformidades na infancia dos povos, vieram a produzir resultados tam beneficos, a amadurecer em fructos de tanta bençam, que hoje nos deleita e in-

teressa contemplar e examinar essas mesmas aberrações.

Saudavel e reanimadora foi a influencia das tribus gothicas na politica e na litteratura da Europa. A antiga luz da civilização velha ardia ainda na caliginosa athmosphera de Constantinopla; e a ascendencia que, de tempos a tempos, readquiria na Europa o crapuloso imperio do Oriente, por vezes fez sumir a luz nova e verdadeira que, sob o reinado de Theodorico, se tinha accendido na Italia, que depois, resurgindo de novo nas remotas regiões do norte, d'esses claustros da Islandia onde jazera latente, veio propagando-se até nós. Um soberano theutonico, Carlos-Magno, suscitou o genio nacional que deu existencia, fórma e cultura á lingua vernacula no centro da Europa para substituir a corrupta algaravia das fezes latinas, em que mal se póde dizer que ja fallava, senão que gaguejava a nossa decrepitude. Um rei saxonio, Alfredo, formulou, com os primeiros elementos da lingua, a primeira civilização ingleza. Os nossos reis godos, visigodos e asturianos crearam nas

Hespanhas éstas linguas e éstas litteraturas, — hoje resumidas em duas irmans gemeas — tam characterizadas e originaes ainda, apezar dos longos e teimosos esforços de uma reacção de cinco seculos que por todos os modos as quiz desnaturalizar e fazer renegar sua nobre e legitima ascendencia, para somente as reconhecer bastardas e adulterinas de corrupção romana, quando ellas são legitimas filhas, havidas em um matrimonio, sim forçado pela conquista, mas util e vantajoso aos contrahentes e á progenie que d'elles veio.

Durante todo o undecimo, duodecimo e décimo-terceiro seculo os elementos de civilização da Europa estiveram fermentando, separando-se e moldando-se para receber nova fórma; os principios eram ainda crus e indigestos, mas os sentimentos fortes e vivazes. O fervor do zêlo religioso transviava a miudo o espirito e inflammava as paixões; mas essa religião era tambem o symbolo, e era o meio, o instrumento mesmo da civilização; era o anjo Custodio que velava nos sanctuarios da

sciencia, que os protegia contra o podêr ignorante e desinfreado.

Offendem o senso commum aquelles sonhos da cavalleria andante; mas onde não havia mais lei que a fôrça, n'ella so podiam os desvalidos achar protecção, so ella podia conter os que outra lei não conheciam. D'essa instituição phantastica derivou todavia, modificado pelo tempo, este principio de cortezia, de honra e de civilidade que é a base e o fundamento da sociedade moderna.

Aquelles rendimentos de adoração para com o bello-sexo, a solemnidade com que se lhe prostrava todo o intendimento e vontade faz-nos hoje surrir desdenhosamente; mas d'ahi nasceu a importante revolução social que veio a fixar, nas firmes bases de uma religiosa justiça, os destinos de ametade da raça humana.

Hoje, certo, nos parece ridiculo ver derepente transformar a mulher, de escrava abjecta, em divindade sublime, poderosa para salvar, omnipotente para destruir... E ainda assim as cadeas voluntarias, com que d'este modo se prendiam reis, imperadores e guer-

reiros, não os traziam em desagradavel captiveiro. Sentiram-se amansar e humanizar aquelles meio-selvagens; e sem saberem porquê nem como, apprenderam a respeitar-se uns aos outros; gradualmente vieram a acabar por se respeitar a si proprios.

Então começou a ter valor e importancia a opinião pública; até as 'cortes d'amor' concorreram para este grande fim, ajudando a curvar a prepotencia dos grandes e a submetter a anarchia dos poderosos aos regulamentos da disciplina social. Quando a poesia tinha tammanha influencia, que poderoso instrumento de civilização não devia de ser o energico escriptor de *Sirventes* que honesta e despejadamente seguia sem medo as licções e o exemplo do famoso trovador Pons Barba!

Sirventes no es leials,
S'om no i ausa dir l'os mals
Dels menors e dels communals,
E maiorment dels maiorals.

A Sirvente não é leal
Se não ousa home expor o mal
Dos menores do communal,
E mormente do maioral.

Vê-se quanto era o podêr de tal influencia pelo modo com que a animavam os politicos imperadores de Allemanha, oppondo-a de barreira á superstição dos ignorantes e ás pretenções da curia romana. A fôrça com ella operava póde avaliar-se pela resistencia de opinião pública que tantas vezes excitou.

Todos os elementos da sociedade, unidos assim por sympathias communs, tendiam simultaneamente a apperfeiçoar-se, temperando-se uns aos outros pela propria acção e reacção de suas fôrças. Principes, senhores e povo rivalizavam no campo das contendas poeticas; as desigualdades de condicção eram mitigadas pela valia que se dava ao talento onde quer que elle apparecia. Então o Oriente patenteou as suas maravilhas, o mundo foi incantado e a historia se fez romance. Foi a primavera do espirito, a estação da florescencia d'alma. O coração do homem era mais arrojado, o seu braço mais firme do que nos dias da prosaica realidade. O espirito da aventurosa cavallaria abrandou-se em heroica gentileza e amoroso galanteio. A belleza da mulher foi estimada

como thesoiro, exaltada como triumpho, adorada como divindade. Chegou a hora de despontar a flor mais bella de toda a grinalda, a rosa que as coroa e domina a todas, aquelle espirito de poesia que desenferrujou e puliu o barbarismo accumulado das edades, que suscitou o espirito de emulação, que o preparou para as melhores coisas. Está aberto emfim o manancial dos sentimentos generosos e elevados, d'onde hade correr a civilização pelo mundo.

A cavalleria e a poesia d'esses tempos foram pois inseparavelmente ligadas, são fructos de uma grande revolução moral, nasceram junctas, mutuamente se explicam e definem, os mesmos senões as maream, qualidades eguaes as illustram.

Mas, tendo-se discorrido tanto sôbre uma, não se estudou ainda bastante a outra: e todavia n'essa poesia da edade-media está a melhor explicação do estado da sociedade que a creou, d'essa pasmosa mistura dos sentimentos fortes, das associações religiosas, e do galanteio metaphysico que revestia de uma fór-

ma angelica o objecto da adoração do poeta, e em seus olhos punha as estrellas em que o homem lia o seu destino, que abria o ceo aos amantes felizes, e fazia os bosques e os prados testimunhas e participantes de sua alegria. Com que expressão de terno contentamento começa aquella gentil canção do trovador Arnaldo de Merveil:

Oh que doce abril respira
Quando maio ve chegar!
Pelas noites socegadas
Se escuta o doce cantar;
E nas frescas manhans puras
Brandas aves gorgeiar.
Tudo emtorno alegre folga,
Tudo ri, tudo suspira:
Como heide eu conter no peito
Affectos que amor me inspira!

Que festivas alegrias não folgam n'essa outra canção do velho minnesinger, o conde Conrado de Kirckberg quando, ao voltar de maio, chama pelas festivas choreas que saiam ao campo:

Seus thesoiros de alegria
Todos maio derramou,
Pelas seves que florece,
Pelas sombras que copou,
Onde rouxinol amante,

Em cada ramo que pende,
Em cada flor que recende,
Sua doce mellodia
Faz soar pela espessura.
Vinde, maio é o mez d'amor,
Da belleza e da ternura;
Cantemos, vinde, cantae-o:
Deus te salve, lindo maio!

A coincidencia de tom entre a sociedade e a poesia do tempo observa-se tambem nas phantasticas instituições a que deu nascença a paixão reinante da galanteria. Aprazia-se, diz outro escriptor moderno, a sociedade, nova ainda, em formalidades ceremoniosas, que então eram signal de civilização e que hoje mattariam de infado: é o mesmo character que se acha na lingua provençal, na difficuldade e no inrevezado das suas rhymas, nas suas palavras femininas e masculinas para expressar o mesmo objecto, até no infinito número de seus poetas. Tudo o que era formalidade e alinhamento, coisa hoje tam insipida, tinha então toda a frescura e sabor da novidade.

Veja e examine com paciencia os exemplares que nos restam d'essa eschola entre nós,

O CANCIONEIRO ditto do Collegio dos Nobres, o de Dom Diniz, o de Rezende, e conhecerá quanto é exacta a observação.

N'este periodo se observa tambem o fundamento de uma das mais characteristicas distincções que separam a poesia moderna da antiga, a que vulgarmente se diz romantica, da que tambem vulgarmente se chama classica. Essa, a poesia grega e latina tinha um character essencialmente masculino, a todos os respeitos: em seus mais ternos desaffogos a mulher somente apparece como subserviente aos caprichos e aos prazeres do 'sexo mais nobre.' A nossa poesia, ao contrario, deve os mais de seus incantos ao suave character que lhe infundiu a differente posição da mulher na sociedade. Nos primeiros tempos este novo sentimento trasbordava extravagante e inculto; mas depois abrandando-se e cultivando-se, veio a aquietar-se n'essas tranquillas pinturas de affeição social, de felicidade doméstica, de gôso ora sereno, ora apaixonado, de que pouco ou nada apparece na litteratura chamada classica.

A poesia dos trovadores ainda não foi imparcialmente avaliada nem siquer por aquelles (e poucos são) que a foram examinar nos proprios originaes. Os mesmos que se extasiam com as rhymas de Petrarcha e de seus imitadores, esses mesmos a tractaram de resto. Os minnesingers d'Allemanha, contemporaneos dos trovadores, apenas, se tanto, serão conhecidos de nome entre nós. De nossos vizinhos castelhanos, aragonezes e gallegos ha muito que se apagou a memoria, ja tam familiar á gente portugueza. Aos nossos proprios cantores e juglares so ficou fiel a saudosa recordação do vulgo, da plebe que, de geração em geração, foi transmittindo, mas corrompendo tambem suas composições, delicias outr'ora de damas bellas e de cortezãos cavalheiros, hoje intertenimento de alguma pobre velha d'aldea que as canta ao serão aos esfarrapados netos.

O maior senão de todas éstas poesias primitivas é a sua uniformidade e monotonia. Responde a ésta accusação, por parte dos seus minnesingers, o erudito e ele-

gante F. Schlegel: a defeza serve para todos.

A accusação de uniformidade, diz elle, parece-me singular: é o mesmo que desdenhar da primavera pela multidão de suas flores. Certo é que em muita especie de ornatos, elles agradam mais separados do que amontoados em massas. A propria Laura não era capaz de ler, sem fadiga e fastio, todos os seus louvores, se lhe appresentassem de uma vez quantos versos inspirou a Petrarcha no decurso de sua vida.—A impressão de uniformidade nasce de vermos estes poemas reunidos em volumosas collecções que talvez não pensaram nem desejaram fazer seus auctores. Mas em verdade não é so canções d'amor, todo o poema lyrico, se elle realmente for fiel á natureza e não pretender mais do que expressar sentimentos individuaes, hade circumscrever-se a muito estreitos limites tanto de sentir como de pensar. A próva e exemplo está nos mais altos generos de poesia lyrica de todos os povos. O sentimento hade occupar o primeiro logar para podêr expressar-se com

poesia e fôrça: e onde o sentimento predomina, variedade e riquezas de pensamento são de importancia muito secundaria. Grandes variedades em poesia lyrica não se acham senão nas epochas de imitação em que se capricha de trattar toda a casta de assumptos em toda a sorte de fórmas.

Os trovadores do sul da França foram decerto os primeiros inventores da nova arte e nova lingua poetica que em breve se diffundiu por toda a Europa e se popularizou de tal modo que o seu alahude fez callar as harpas dos bardos theutonicos e quebrar a última desafinada corda da lyra romana. Da brutal idolatria do norte, do profligado paganismo do meio-dia, a sociedade europea fugia para o spiritualismo christão. Exagerados e falsos muitas vezes, os trovadores eram comtudo os poetas d'este culto, os formuladores d'essa idea; d'aqui sua popularidade e supremacia.

De nenhum ponto na historia litteraria do mundo se fallou e escreveu mais do que d'este. E todavia os documentos necessarios para julgar do verdadeiro merito e character da

poesia dos trovadores eram, até ha pouco, tam mesquinhos que justamente observou Schlegel: 'todo o mundo fallava dos trovadores e ninguem os conhecia.' Os críticos francezes, e Millot specialmente, occultaram com impenho os poucos originaes que tinham consultado, manifestamente para que ninguem podesse ajuizar da fidelidade de suas traducções e da justiça de seus conceitos.

Guinguené contentou-se com o trabalho que achou feito por Millot; rara vez se aventurou a traduzir por si, e algum fragmento original que por accaso appresenta, não o escolheu com o fim de mostrar o talento, o stylo ou o gôsto da eschola poetica que examinava; foram tomados á sorte e offerecidos como simples exemplos de linguagem e de fórma metrica: certamente não conheceu, não avaliou nem a fôrça nem a belleza d'aquella lingua, que, se a não julgarmos, como intendeu M. Raynouard, continuada e revivente na lingua portugueza, se póde considerar uma lingua hoje morta.

Seria absurdo e injusto assentar juizo sôbre

os trabalhos d'um auctor que pouco ou nada leu das obras que se metteu a julgar, e que confessa, como este confessou, e Sismondi tambem, que nos manuscriptos em que se achavam as poesias dos trovadores não estava para as ir ler, e se fiava descançadamente nos extractos e traducções de Millot.

Sismondi comtudo ja na segunda edição da sua obra é mais extenso, e mudou de tom a respeito dos trovadores, porque tinha apparecido o primeiro volume dos trabalhos de M. Raynouard, que porfim veio esclarecer ésta tam obscurecida parte da historia litteraria.

Com effeito Raynouard [1] fixou o vago d'estes exames, reformou os antigos erros, suppriu as deficiencias de seus predecessores, formou a grammatica da lingua, imprimiu correctamente os originaes e reuniu os principaes monumentos da lingua e da poesia provençal [2] com diligencia, gôsto e crítica.

Póde-se dizer que so depois de apparecer

[1] RECUEIL DES POÉSIES DES TROUBADOURS, por M. Raynouard.

[2] O primeiro conhecido d'estes poetas é Guilherme, nono conde de Poitiers, nascido em 1070 e morto em 1126. O ellaborado de seu

o seu livro é que verdadeiramente começámos a conhecer a litteratura dos trovadores d'onde a nossa descende, ou com a qual se ligou estreitamente quasi desde o principio da monarchia e pouco menos que o comêço da lingua.

E viesse ella por Catalunha e Aragão, e, atravessando d'ahi a Castella, a Gaia-sciencia nos chegasse por Galliza, ou directamente no'la trouxesse o conde D. Henrique, o certo é que nos primeiros reinados da monarchia nós trovavamos ja á provençal; e ahi está a carta do marquez de Santilhana para fazer fe, que primeiro e melhor que ninguem o fizemos em todas as Hespanhas, e que na mesma côrte de Castella o portuguez era a lingua da poesia culta.

Mas não acharia essa poesia provençal quando ca chegou e se aclimatizou tam depressa como em chão seu proprio, não acharia nenhuns restos da poesia indigena que ja os

stylo e a symetria metrica de suas canções mostram claramente que muito antes se devia ter formado e cultivado a lingua para chegar a tal estado.

romanos aqui acharam, que sempre foi vivendo com elles e adoptou a sua lingua, que não consta que morresse, assim como não morreu a nova lingua com o senhorio godo, nem era para acabar sob os arabes,—que antes esses lhe dariam de sua côr oriental e phantastica, segundo em tudo os mais nos fizeram?

Estou convencido que sim; e que os vestigios d'essa poesia indigena ainda duram, desfigurados e alterados pelo contacto de tantas invasões sociaes e litterarias, nos singelos poemas narrativos que o nosso povo conserva, que ama com tanto affinco, e que não são nem mais queridos nem mais vulgares em nenhuma outra parte das Hespanhas.

Como porêm na seculo XIII começa a apparecer a lingua portugueza propriamente ditta, e n'esse tempo ja o stylo provençal tem o predominio, as duas litteraturas da côrte e do povo vistas hoje d'esta distancia, se confundem aos olhos inexpertos: mas o observador illustrado bem depressa as estrema logo.

Ás apalpadellas quanto aos periodos mais remotos, eu parece-me achar que a poesia original portugueza — comprehendendo n'esta designação a aborigene, a provençal e a mixta — tem passado por oito phases differentes, cujas transições e duração constituem sette epochas naturaes.

Na primeira collocarei tudo o que, mais ou menos authêntico, tem parecido ser anterior á predominação da eschola provençal, quasi absoluta no reinado de Affonso III e D. Diniz; e comprehende portanto as poucas e incertas reliquias que se dizem existir dos seculos XI e XII. Na segunda epocha ja pisâmos terreno historico, e somos alumiados por um grande e inquestionavel documento, O CANCIONEIRO ditto do Collegio dos Nobres, e o chamado de D. Diniz que ultimamente se imprimiu em París pelo manuscripto do Vaticano. Dura ésta epocha até D. Pedro I. E alguma coisa portanto poderemos tambem ja haver do CANCIONEIRO de Rezende. Mas certo e fixo tudo é lyrico, são canções ou cantares. O pouco de epico ou de romance narrativo que se attribue a ésta

epocha é a puro adivinhar, porque tudo é havido da tradição oral, nada escripto.

Começa a terceira epocha em D. Fernando com a introducção do gôsto inglez, isto é, normando; e por consequencia com uma certa reacção a favor do genero narrativo.

Aqui triumpha a moda dos romances da Tavola-redonda; elrei Arthur é o typo de toda a cavallaria e de toda a poesia; o condestavel o Mecenas d'esta eschola, e D. João I o seu Augusto. Ja na tradição oral apparecem muitos romances que, sem grande risco de errar, se podem attribuir a este periodo. Da rainha D. Philippa, de seu filho D. Duarte temos versos escriptos e authenticos; de seu neto, o outro famoso condestavel, um CANCIONEIRO inteiro.

Nos reinados de D. Affonso V e D. João II predómina o genero germanico. No CANCIONEIRO de Rezende e em outras collecções temos exemplares bastantes no genero lyrico, algum raro porêm do narrativo.

Reputo fechada a epocha com a terminação da èdade-média, que todos collocam por ésta

data, pouco mais ou menos, e que nós portuguezes positivamente devemos pôr no fim do reinado de D. João II.

A quarta epocha é aberta por Bernardim-Ribeiro e Gil-Vicente. Agora o Palmeirim e a litteratura normando-byzantina triumpham. Pouco depois ja é menor o sabor normando nos nossos romances; e ja começam a ganhar influencia os romancistas italianos. Parte do CANCIONEIRO de Rezende pertence tambem a ésta epocha: é todo d'ella o mesmo Garcia.

Logo após vem a renascença da litteratura classica. A poesia culta e da côrte perpetuamente se separa da popular, toma as fórmas italianas e triumpha com Antonio Ferreira. Sá-de-Miranda fica no meio das duas escholas; Camões populariza o genero classico repassando-o, quanto era possivel, do gôsto nacional. Temos muitos romances, lendas e canções d'esta epocha, tanto escriptos como conservados pela tradição oral. Mas no reinado de D. João III a affectação bucolica invade o proprio romance, que despe a malha e depõe a lança para vestir o surrão e impu-

nhar o cajado de pastor. O gôsto popular, mal satisfeito com a eschola classica dominante, lança-se no romance castelhano, cuja sinceridade e rudeza epica lhe agrada mais. Muitos romances castelhanos se nacionalizam entre nós.

O genio cavalheresco de D. Sebastião, a calamidade nacional da sua perda dão outra vez tom e vida ao romance historico e aventureiro. Conclue-se a quarta epocha com o fim do seculo XVI e da independencia nacional.

O dominio castelhano e a mais forte influencia da sua litteratura formam a quinta epocha. O genero moirisco tinha tomado posse da poesia popular de Castella, e agora invade a de Portugal. Apparecem ainda hoje na tradição oral imitações e traducções dos romances granadinos. Francisco Rodrigues Lobo e depois D. Francisco Manuel de Mello estão á frente d'esta eschola. A Arcadia é comtudo mais forte do que Granada, os moiros são expulsos do romance e da canção popular, e o genero pastoril triumpha. O povo fica espectador desinteressado n'estas luctas; nem

chorou pelos vencidos, nem sanccionou a victoria dos triumphadores. Nem uns nem outros fallavam ao seu coração, ás suas paixões, nem o consolavam em suas desgraças, nem lhe animavam as esperanças. Mas como nenhum povo vive sem poesia, o nosso povo foi achá-la onde nem os grandes nem os sabedores do tempo decerto imaginavam que ella estivesse, mas estava, a verdadeira, a unica nacional d'então, a das trovas e prophecias que lhe fallavam de um libertador, de um vingador, de um salvador que a Providencia tinha reservado á nação portugueza, e no qual se haviam de cumprir as imaginadas e suspiradas promessas do Campo de Ourique.

São d'este tempo as prophecias do Bandarra e outras que em si resumem quasi toda a poesia popular da epocha, se exceptuarmos as lendas de milagres e as canções ao divino de que agora apparecem mais exemplares do que nunca.

O romance porêm não estava morto, so desconsiderado e sem popularidade. Na insipidez da vida pastoril, o povo desprezou-o, a côrte

mostrou-lhe, ao princípio, agrado e protecção, mas infastiou-se d'elle e abandonou-o. O infeliz recorreu ao expediente commum dos baixos *parvenus* e dos nobres degenerados, fez-se truão e bobo; os gracejos, os equivocos, as facecias burlescas foram as suas armas, e á fôrça de ridiculo conseguiu reconquistar alguma attenção do público. Tal o achâmos no fim d'esta epocha, tal apparece nas volumosas collecções do tempo, de que na 'Phenix renascida' ha alguns exemplares curiosos.

Sem melhorar ou talvez empeiorando de stylo, mas muito alterado o tom, torna o romance a rehabilitar-se na opinião nacional, volta a ser quasi popular, porque se inspira do genio redivivo da nação para cantar os seus triumphos e a sua glória na expulsão dos castelhanos e nas contínuas victorias que sôbre elles alcança. O seu enthusiasmo porêm é sem dignidade, sem nobreza; não é o povo que conta as suas victorias, são os poetas que querem cortejar o povo no dia da sua glória e que o não sabem fazer senão com grosseiros motejos aos inimigos vencidos.

As prophecias e as legendas continuam a ser a verdadeira poesia nacional. Tudo o mais é corrompido pelo mau gôsto dos *cultos*, que, arregimentados em uma infinidade de academias dos nomes mais extravagantes e incriveis, conseguem tirar toda a côr á litteratura portugueza de todos os generos e fazer da lingua uma algaravia affectada e ridicula, van de toda a expressão, assoprada em phrases tam descommunaes, em conceitos tam oucos, que nenhum sentido se lhe acha, se algum tiveram os que tam absurdas coisas escreviam.

E todavia ainda resurge, ainda brota, aqui alli, por entre estes matagaes, o antigo genio do romance peninsular inspirando alguma rara composição menos desnatural. Mas o gongorismo, a affectação, os conceitos presumidos incham, assopram, desfiguram tudo. Porfim até a metrificação natural e privativa é abandonada, o romance faz-se a gralha da fábula para vestir as pennas do pavão da fórma hendecasyllaba; e com este esfôrço de vaidade se torna absurdo, desprezivel, é apupado por

todos os partidos litterarios, e morre esquecido e miseravel.

O triumpho classico foi completo: reina a Arcadia; o seu dominio academico obtem o consenso e o concurso geral: tammanho era o cansaço e fastio que os desvarios daquella anarchia sem-sabor tinham causado. Popularizam-se de novo as fórmas latinas e italianas, o stylo e o pensamento francez por tal modo, que ninguem se lembrava ja siquer de que tivesse havido ou podesse haver outra coisa.

So o povo-povo, o povo dos campos, as classes menos illustradas da sociedade protestaram em silencio contra este injusto abuso de uma justa victoria, guardando na lembrança, e repettindo entre si, como os hymnos de uma religião proscripta, aquelles primitivos cantares das antigas eras que os doutos desprezavam e perseguiam, confundindo-os no anathema geral que so tinham merecido seus degenerados imitadores e corruptores.

No resto de Hespanha succedia o mesmo. Madrid e Lisboa rivalizavam a qual havia de

proscrever e escarnecer mais a sua verdadeira poesia nacional. A falsa e ridicula imitação da antiguidade classica, amaneirada pelas regras francezas, dominava tudo. Os escriptores do grande rei e os seus allumnos reinavam absolutos. E não so á peninsula iberica se extendia a sua auctoridade: a Italia, a Allemanha, a propria tam ciosa Gran'Bretanha se deixaram avassallar d'estes novos Roldans e Oliveiros que, em singular mas pouco leal batalha, pareciam ter vencido a todos os paladins trovadores do mundo, juglares, menestreis, bardos, minnesingers e *tutti quanti*. A propria religião de Camões esfriava em Portugal; um mau Luthero — frade e graciano como o outro — chegou a ter a ousadia de proclamar o protestantismo contra a sua catholica auctoridade! Calderon era quasi esquecido, quasi desprezado ás margens do Mançanares; ao Dante não o intendiam ja nem juravam por elle os seus; o proprio Shakspeare esteve a ponto de succumbir ás traições de Dryden, e de ver Covent-Garden e Drurylane occupados exclusivamente pelas traducções e imitações

dos classicos de Luiz XIV; Goëthe nem Schiller não tinham erguido ainda bem desfraldado o estendarte da reacção; toda a litteratura da Europa era franceza, amaneirada, monotona, servil, e reduzida a uma esteril unidade rotineira que nada creava, nada sentia, e nada ousava dizer senão por aquellas fórmas pautadas que lhe impunha o fatal regimen da centralização absoluta.

Senão quando, a revolução se levantou no Norte; a Allemanha foi a primeira a sacudir o jugo; quasi ao mesmo tempo a Inglaterra; porfim a Italia; e até na propria França se levantou um grande partido contra esse despotismo que a não avassallava menos a ella do que ás nações extrangeiras.

Nós luctavamos então contra a usurpação e a tutella ingleza que, insinando-nos a combater mais regularmente e com mais certa fortuna, ao mesmo tempo comprimia o impulso popular em seus bons e maus effeitos; apagou o incendio que não queimasse, mas tambem o impediu de purificar e allumiar. A Arcadia ja não existia, mas a sua sombra

e o seu nome ainda reinavam. Bocage teria sido o poeta mais popular de Portugal, o verdadeiro restaurador da nossa poesia, se elle e os seus discipulos, que poetica e litterariamente reinaram na segunda metade d'esta epocha, não fossem dominados d'aquelle temor, d'aquelle respeito, d'aquella deferencia com que se inclinavam deante dos preceitos e exemplos da Arcadia em quem reconheciam a infallibilidade ecumenica.

Quasi se podia dizer destruida toda a nacionalidade, apagados os ultimos vestigios originaes da nossa poesia, quando no fim do primeiro quartel d'este seculo essa influencia da renascença alleman e ingleza se começou a fazer sentir.

Não quero, por muitos motivos, e alguns d'elles personalissimos, não quero entrar aqui em disputas de preferencia e prioridade com os nossos vizinhos e parentes mais proximos: direi somente que em Hespanha portuguezes e castelhanos despertaram quasi ao mesmo tempo, e começaram a abrir os olhos sôbre a triste figura que estavam fazendo na Eu-

ropa em renegar da fidalga origem de suas bellas linguas e litteraturas, prostituindo-as em tam humilhante servidão franceza que por fins tinham chegado a nem ja quasi ousar imitar os seus modelos: traduziam so, traduziam palavra a palavra; e da propria phrase, do genio de seu idioma se invergonhavam.

Despertámos porêm; e commum nos foi o pensamento, quasi simultaneo o esfôrço, a castelhanos e a portuguezes; foi uma verdadeira reacção iberica; as duas linguas cultas da peninsula appareceram unidas por um tacito pacto de familia, animadas do espirito redivivo de seus avós communs na causa da restauração commum.

Pede todavia a verdade historica, a justiça manda que se faça uma grande e notavel distincção no appreciar do respectivo contingente de esforços com que cadauma d'ellas contribuiu para ésta guerra de independencia.

Assim como na resistencia ao dominio da espada franceza, os portuguezes foram mais

ajudados pelos seus antigos alliados os inglezes, e o resto d'Hespanha luctou mais de proprio marte e por singular esfôrço seu; tambem no sacudir o jugo academico extrangeiro e em proclamar a independencia da litteratura patria, os castelhanos foram poderosamente auxiliados pelos inglezes e allemães, especialmente e largamente pelos ultimos: a nós ninguem nos ajudou, ninguem combateu a nosso lado, ninguem nos ministrou armas, munições, soccôrro o mais minimo.

Seja-me permittido tomar aqui, n'este ponto de historia litteraria ja contemporanea, a mesma liberdade de que para si usou, na historia politica, o illustre conde de Toreno. Historiador coevo, elle teve de fallar de si e de seus feitos como soldado e como homem públlico n'essas honrosas lides da guerra peninsular: eu forçosamente tenho de fallar de meus pobres trabalhos de escriptor, trabalhos quasi infantís, é verdade, mas com os quaes e por cuja voz tímida e balbuciante, rompeu todavia a primeira acclamação da nossa independencia litteraria.

Desde 1825–26, que foi publicada a DONA BRANCA e O CAMÕES, datam as primeiras tentativas da revolução; em 1828 com a 'Adozinda' e o 'Bernal-Francez' se firmou o estendarte da restauração. Separado, logo depois e por mais de dez annos, pelos cuidados e lidas politicas, de quasi todo o trabalho litterario, tive comtudo a satisfação de applaudir aos muitos e illustres combatentes que foram entrando na lice; vi lavrar milagrosamente o fogo sancto, e junctei o meu retirado clamor aos hymnos da victoria que derrotou para sempre os pretendidos classicos, os zangões academicos, os extrangeirados de todas as côres e feitios.

Antes que, excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a imprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, ja Grimm, Rodd, Depping, Muller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sôbre as tam preciosas quanto mal-estimadas antigas collecções castelhanas; ja M.me de Stael e Sismondi tinham exaltado sua grande importancia litteraria.

E todavia so muito depois d'isso publicou em França o Sr. duque de Rivas o seu 'Moro exposito' que foi o primeiro signal da reacção castelhana, e emfim em 1832 o Sr. Duran o seu ROMANCEIRO que a completou.

D'aqui por deante é geral e unanime em toda a peninsula o movimento litterario. Buscam-se os codigos antigos, comparam-se, estudam-se, reimprimem-se.

O nosso cancioneiro passou sempre por ser o mais ricco; e é decerto o mais antigo, porque as citadas collecções de Rezende, do Collegio dos Nobres, e de D. Diniz vão até o seculo XIII e XIV. Romanceiro, tórno a dizer, não o colligimos nunca; mas na tradição oral do povo, e dispersos pelos livros de varios auctores e por alguns raros manuscriptos, anda uma grande riqueza que ainda se não trattou de ajuntar e apurar como ella merece e como tanto precisâmos.

Sôbre isto trabalho ha muitos annos, conforme ja o disse no primeiro livro d'esta collecção, o qual todavia, repitto, so deve considerar-se como introducção a este que agora

chamo segundo, mas que em realidade vem a ser o primeiro do ROMANCEIRO.

Não pude seguir a ordem chronologica, como era tanto para desejar, na collocação d'estas antigas e preciosas reliquias; porque havidas, na maior parte, da tradição oral dos povos, tudo quanto de suas datas se possa dizer é meramente conjectural. Tampouco não julguei dever adoptar inteiramente a classificação por assumptos do Sr. Duran, que á fôrça de systematica lhe dá em falso muita vez, e o obriga a subdivisões tam minuciosas que, por muitas demais, confundem em logar de elucidarem.

Depois de muitas e variadas combinações que successivamente tentei e abandonei, resolvi por fim limitar-me a uma divisão menos severa que a do Sr. Duran, mas que me parece mais natural porque é mais simples.

Posta de parte poragora toda a idea de cancioneiro, não contemplei senão o que é strictamente materia de romanceiro, e assim distribui porfim a minha collecção em cinco livros; a saber:

Livro I. Romances da renascença, imitações, reconstrucções e estudos meus sôbre o antigo;

Livro II. Romances cavalherescos antigos de aventuras, e que ou não teem referencia á historia, ou não a teem conhecida;

Livro III. Lendas e prophecias;

Livro IV. Romances historicos compostos sôbre factos ou mythos da historia portugueza e de outras.

Livro V. Romances varios, comprehendendo todos os que não são epicos ou narrativos.

Por de leve esbocei as delineações d'estas epochas. Nem os perfeitos limites d'ellas, nem a exacta classificação de todos os documentos e exemplares que ajuntei, pretende defender com certeza, porque é impossivel tê-la em taes materias quem está de boa fe.

Tal é o methodo que segui. E taes são os principios, taes foram os sentimentos que me fizeram imprehender ésta difficil tarefa, per-

severar n'ella tantos annos apezar de tantas difficuldades, abhorrecimentos e contrariedades sem número.

Tenho, outra vez o digo, tenho a consciencia de fazer um grande serviço ao meu paiz, e de contribuir com um contingente não desprezivel para a illustração da historia das linguas e das litteraturas da Europa.

ROMANCEIRO

LIVRO SEGUNDO

PARTE PRIMEIRA

I

BELLA INFANTA

Ésta é sem questão a mais geralmente sabida e cantada de nossas xácaras populares, a 'Bella Infanta.'

Os criticos e collectores da nação vizinha e parente collocam alguns romances, que são visiveis fragmentos d'este, entre os seus mais antigos e mais populares, d'aquelles cuja vetustade se perde talvez nas trevas do décimo-terceiro seculo. É sabido que os romances mais antigos e queridos do povo davam thema aos poetas para trovarem sôbre elles, ou os applicarem aos factos do seu tempo. É o que se vê nos referidos fragmentos[1] que se incontram entre os primeiros das vastas collecções de Duran e de Ochoa.

Digo que ésta é uma verdadeira xácara,

[1] Tesoro de romanceros, ed. de Ochoa, París 1838, pag. 2 e 9.

porque, feita a introducção, o poeta retira-se e deixa aos seus interlocutores contar a historia toda.

No quinto acto do 'Alfageme' introduzi, com algumas alterações indispensaveis, ésta xácara, fazendo-a cantar por um côro de mulheres do povo, á hora do trabalho; e observei o sensivel prazer que tinha o público em ver recordar as suas antiguidades populares, que nem ainda agora deixaram de lhe ser caras. Mas por mais que fizesse, não consegui que as cantassem a uma toada propria e imitante, quanto hoje póde ser, da melopea antiga com que ha seculos andam casadas essas trovas. Ainda em cima, os cantores desaffinavam e iam fóra de tempo na musica italiana e complicada que lhes pozeram. Apezar de tudo, os espectadores avaliaram a intenção e a applaudiram.

Não sei de outra alguma d'estas composições populares que tenha por assumpto um successo ligado com a guerra das cruzadas: até por isso é interessante.

No corrigir do texto segui, como faço quasi

sempre, a licção da Beirabaixa, que é a mais segura. Ás poucas licções várias dignas de se notar vão apontadas.

Uma variante completa, que me enviou ha pouco uma senhora do Minho, merece comtudo ser transcripta por extenso: aqui a ponho junctamente com os fragmentos castelhanos, no appendice que vai no fim.

Na estimada collecção de antigas trovas e romances inglezes, pelo bispo Percy, vem uma ballada, que elle considera dos principios do seculo décimo-sexto, em que ha visivel imitação d'esta. Sabe-se muito bem quanto a poesia ingleza, desde Chaucer até Shakspeare, andou correndo aventuras pela romantica e incantada terra das Hespanhas. A ballada ingleza é um dialogo entre um viajante e um romeiro; começa assim:

— 'As ye came from the holy land
Of blessed Walsingham,
Ó met you not my true love
As by the way ye came?'
— 'How should I know your true love
That have met many a one?..' [1]

[1] Percy's RELIQUES OF ANCIENT ENGLISH POETRY, Londres 1823, sect. II book I, pag. 261.

D'esta preciosa collecção, disse um grande intendedor:—'O gôsto com que foram escolhidos os materiaes, a extrema felicidade com que foram illustrados, a riqueza de conhecimentos archeologicos, e de licção classica em que abunda a collecção, torna difficil imitar, impossivel exceder, uma obra que para sempre ha de ser tida como a primeira da sua classe em merecimento.'[1]

[1] W. Scott, MINSTRELSY OF THE SCOTTISH BORDERS.

BELLA INFANTA

Estava a bella infanta
No seu jardim assentada,
Com o pente d'oiro fino
Seus cabellos penteava.
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma nobre armada;
Capitão que n'ella vinha,
Muito bem que a governava[1].
—'Dize-me, ó capitão[2]
D'essa tua nobre armada,
Se incontraste meu marido
Na terra que Deus pisava.'

[1] Que a guiava — LISBOA.
[2] Dize-me, ó cavalleiro,
Os signaes . . . — RIBATEJO.

—'Anda tanto cavalleiro
N'aquella terra sagrada...
Dize-me tu, ó senhora,
As senhas que elle levava.'
—'Levava cavallo branco,
Sellim de prata doirada;
Na ponta da sua lançá [3]
A cruz de Christo levava.'
—'Pelos signaes que me deste [4]
La o vi n'uma estacada
Morrer morte de valente:
Eu sua morte vingava.'
—'Ai triste de mim viuva,
Ai triste de mim coitada!
De tres filhinhas que tenho,
Sem nenhuma ser casada!..'
—'Que darias tu, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'Dera-lhe oiro e prata fina,

[3] Nos punhos da sua espada.—EXTREMADURA.

[4] Pelos signaes que me deste
Lá o vi morto ás lançadas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça passada.—VÁRIAS.
Pelos signaes que me deste,
Lá morreu ás cutilladas,
Que a mais pequena que tinha
Era a cabeça cortada.—VÁRIAS.

Éstas variantes são ambas muito geraes, e talvez sejam melhores do que o texto que adoptei.

Quanta riqueza ha por hi.'
—'Não quero oiro nem prata,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'De tres moinhos que tenho,
Todos tres t'os dera a ti;
Um moe o cravo e a cannella[5],
Outro moe do gerzerli[6]:
Ricca farinha que fazem!
Tomára-os elrei p'ra si.'
—'Os teus moinhos não quero,
Não n'os quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem t'o trouxera aqui?'
—'As telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.'
—'As telhas do teu telhado
Não n'as quero para mi:
Que darias mais, senhora,
A quem n'o trouxera aqui'
—'De tres filhas que eu tenho[7],

[5] Este verso pelas suas allusões se vê que é moderno comparativamente; foi introduzido decerto por licção muito posterior ao romance; o que se incontra a miudo.

[6] Gerzelim, em arabico *Jolzelim*, semente redonda e oleosa de uma planta de que se faz doce, e d'ella moida tambem oleo que serve para o comer.

[7] De tres filhas que eu tenho
Todas tres te hei de dar;

Todas tres te dera a ti:
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir.'
—'As tuas filhas, infanta,
Não são damas para mi:
Da-me outra coisa, senhora,
Se queres que o traga aqui.'
—'Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que me pedir[8].'
—'Tudo, não, senhora minha,
Que inda te não deste a ti.'
—'Cavalleiro que tal pede,
Que tam villão é de si[9].
Por meus villões arrastado
O farei andar ahi
Ao rabo de meu cavallo[10].
Á volta do meu jardim.
Vassallos, os meus vassallos,

Uma para te vestir,
Outra para te calçar;
A mais formosa de todas
Para comtigo casar.—EXTREMADURA.

[7] Ésta variante assás vulgarizada é comtudo uma *pruderie* moderna de linguagem que se introduziu visivelmente quando a hypocrisia pediu a decéncia na falla que faltava nos costumes.

[8] Quanto tinha offereci.—BEIRALTA.

[9] Que pede e torna a pedir.—EXTREMADURA.

[10] Ao rabo do meu cavallo.—RIBATEJO.

Acudi-me agora aqui!'
—'Este annel de sette pedras
Que eu comtigo reparti...
Que é d'ella a outra metade?
Pois a minha, vê-la ahi!'
—'Tantos annos que chorei[11],
Tantos sustos que tremi!..
Deus te perdoe, marido,
Que me ias mattando aqui.'

[11] Os ultimos quatro versos faltam na maior parte das cópias, e talvez sejam postiços; precisos não são.

VARIANTE PORTUGUEZA

Que parece uma versão mais moderna do original antigo

Dona Clara, dona infante [1]
Estava no seu jardim,
Penteando tranças de oiro
Com seu pente de marfim,
Sentada n'uma almofada
De veludo cramezim.
Botou os olhos ao mar
E avistou formosa armada:
Capitão que a governava
Que bem a traz preparada!
Saltou em terra elle so
Com a vizeira callada,
Vem saudar à dona infante
Que assim triste lhe fallou:
—'Viste tu o meu marido
Que ha tempo que me deixou?'
—'Teu marido não conheço,
Diz-me que signaes levou.'
—'Levou seu cavallo branco
Com sua sella dourada,
Na penta da sua lança
Uma fitta incarnada;
Um cordão do meu cabello
Que lhe prendia a espada.
Se porêm o tu não viste,
Cavalleiro da cruzada,

[1] Infante no feminino é um latinismo dos seculos XV e XVI que nunca foi popular, me persuado.

Ó triste de mim viuva,
Ó triste de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
E nenhuma ser casada.'
—'Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?
—'Dera-te tanto dinheiro
Que não tem conto nem fim;
E as telhas do meu telhado
Que são de oiro e marfim.'
—'Não quero oiro ou dinheiro,
Que me não pertence a mi:
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi.
Quanto deras mais, senhora,
A quem o trouxera aqui?'
—'Dera-te as minhas joias
Que não teem pêzo e medida;
Dera-te o meu tear de oiro,
Roca de prata pulida.'
—'Não quero oiro nem prata:
Com ferro minha mão lida.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:
Mas quanto deras, senhora,
A quem o trouxera aqui?'
—'De tres filhas que eu tenho,
Eu t'as dera a escolher
São formosas como a lua,
Como o sol a amanhecer.'
—'Eu não quero tuas filhas,
Não me podem pertencer.
Sou soldado, ando na guerra,
Nunca teu marido vi:

Mas quanto deras, senhora,
A quem n'o trouxera aqui?'
—'Não tenho mais que te dar
Nem tu mais que me pedir.'
—'Inda tens mais que me dar,
Não estejas a mentir;
Tens teu leito de oiro fino
Onde eu quizera dormir.'
—'Cavalleiro que tal diz
Merece ser arrastado
Em roda de meu jardim,
Aos pés de um cavallo atado.
Vinde cá, criados meus,
Castigae este soldado.'
—'Não chames os teus criados
Que criados são de mi.'
—'Se tu es o meu marido
Porque me fallas assim?'
—'Por ver se me eras leal
É que disfarçado vim.
Lembras-te, ó dona infante,
Quando eu d'aqui sahi,
O annel de sette pedras
Que comtigo reparti?
Se as tuas não perdeste,
As minhas ei-las aqui.'
—'Vinde ca, ó minhas filhas,
Vosso pae é já chegado.
Abri-vos, portão de jaspe
Ha tanto tempo fechado!
Folgae, folgae, meus vassallos,
Que é dom infante a meu lado.'

FRAGMENTOS DE LICÇÃO CASTELHANA

I

Estaba la linda infanta
A la sombra de una oliva,
Peine d'oro en las sus manos,
Los sus cabellos bien cria.
Alzó sus ojos al cielo
En contra do el sol salia,
Vió venir un fuste armado
Por Guadalquivir arriba:
Dentro venia Alfonso Ramos,
Almirante de Castilla.
—'Bien vengais, Alfonso Ramos,
Buena sea tu venida,
Y ¿qué nuevas me traedes
De mi flota bien guarnida?'
—'Nuevas te traigo, señora,
Si me aseguras la vida.'
—'Decildas, Alfonso Ramos,
Que segura te sería.'
—'Allá á Castilla la llevan
Los moros de Berbería.'
—'Si no me fuese porque,
La cabeza te cortaria.'
—'Si la mia me cortases,
La tuya te costaria [1].'

[1] Romancero, Ochoa, pag. 3.

II

'Caballero de lejas tierras,
Llegaos a cá, y pareis,
Hinquedes la lanza en tierra,
Vuestro caballo arrendeis,
Preguntaros he por nuevas
Si mi esposo conoceis.'
—'Vuestro marido, señora,
Decid ¿de que señas es?'
—'Mi marido es mozo y blanco,
Gentil hombre y bien cortés,
Muy gran jugador de tablas,
Y tambien del ajedrez,
En el pomo de su espada
Armas trae de un marqués [1].'

[1] Romancero, Ochóa, pag. 9.

II

O CAÇADOR

Os criticos d'Allemanha e de Hespanha contam entre os mais antigos romances da Peninsula este que os nossos vizinhos chamam da 'Infantina' e nós do 'Caçador.' Tambem me parece o mesmo. Lockhart, o elegante traductor inglez [1] extasia-se na admiravel belleza de sua poesia tam original e tam simples. Mais pasmára se o visse no texto portuguez como no'-lo conservou a memoria do povo, muito mais bello e muito mais original do que anda nas collecções castelhanas d'onde elle Lockhart o traduziu.

E todavia essas são dos meados do seculo dezeseis. Tres seculos depois, ainda a tradição

[1] Ancient spanish ballads, historical and romantic, translated with notes, by J. G. Lockhart Esq. London, 1841.

portugueza o tem n'esta perfeição. Forçosamente ou foi escripto no nosso dialecto que, segundo o tantas vezes citado e não suspeito testimunho do marquez de Santillana[1], era o preferido para se trovar na mesma côrte de Castella, e fôra o primeiro em que se fizeram versos; —ou, o que me parece mais provavel, foi composto na linguagem ainda commum e pouco discriminada que prevalecia, ao principio da reconquista, na povoação christan das Hespanhas.

Accresce que o romance castelhano, propriamente ditto, nunca se lançou no maravilhoso das fadas e incantamentos que a eschola celtica de França e Inglaterra, e mais ainda a neo-grega de Italia fizeram depois tam familiar na Europa: os severos descendentes de Pelaio não tinham mythologia nos seus poemas, cantados ao som da lança no escudo e a compasso das cutilladas. O sobrenatural d'esta historia parece-se mais com as crenças, e superstições, ainda hoje existentes no nosso povo, das moiras incantadas, das apparições

[1] Na collecção de Sanches. Madrid, 1779.

da manhan de San'João, e de outros mythos nacionaes, tam bellos, tam queridos da gente portugueza, e tam desprezados — ainda mal! — ateagora pelos nossos poetas.

Seja porêm como for, o romance do 'Caçador' pertence á poesia popular portugueza, é de immemorial antiguidade; e como a tal lhe dou aqui logar entre as reliquias mais originaes da nossa primitiva litteratura.

Ponho, alêm das variantes, a versão ou licção dos romanceiros castelhanos, e a traducção ingleza, que é mais paraphrase ou imitação que traducção.

A moralidade da fábula — se permittem a palavra os escrupulosos — é a mesma que a da 'Maré do carvoeiro;' occasião perdida, occasião que não volta. A historia do 'Capote novo' e outras muitas do 'Decameron popular,' que é pena serem tam sôltas e verdes que se não podem escrever, illustram a mesma sentença e rifão. Bocacio e Lafontaine achariam nos contos tradicionaes do nosso povo com que inriquecer muito as 'Cem novellas novas' de suas gaiatas collecções.

O CAÇADOR[1]

O caçador foi á caça,
A caça, como sohia[1];
Os cães ja leva cançados,
O falcão perdido havia.
Andando se lhe fez noite[2]
Por ũa mata sombria,
Arrimou-se a uma azinheira,
A mais alta que alli via.
Foi a levantar os olhos,
Viu coisa de maravilha:
No mais alto da ramada[3]
Uma donzella tam linda!

[1] Á caça de montaria—ALEMTEJO.
Á caça de altanaria—TRAS-OS-MONTES.
[2] Fez-se noite no caminho—BEIRALTA.
[3] *Ramada* pelo ajuntamento de ramos naturaes na mesma árvore

Dos cabellos da cabeça
A mesma árvore vestia,
Da luz dos olhos tam viva
Todo o bosque se allumia.

Alli fallou a donzella,
Ja vereis o que dizia:
—'Não te assustes, cavalleiro,
Não tenhas tammanha frima.
Sou filha de um rei c'roado,
De uma bemditta rainha.
Sette fadas me fadaram,
Nos braços de mi' madrinha,
Que estivesse aqui sette annos,
Sette annos e mais um dia;
Hoje se acabam n'os annos,
Ámanhan se conta o dia.
Leva-me, por Deus t'o peço,
Leva em tua companhia.'
—'Espera-me aqui, donzella,
Té ámanhan, que é o dia;
Que eu vou a tomar conselho,
Conselho com minha tia.'
Responde agora a donzella,
Que bem que lhe respondia!

fazendo sombra e abrigo, é a significação classica e natural. No Minho chamam *ramada* aos parreiraes e latadas de vinha feitos com ramos, varas, cannas, etc.

—'Oh, mal haja o cavalleiro
Que não teve cortezia:
Deixa a menina no souto[4]
Sem lhe fazer companhia!'

Ella ficou no seu ramo,
Elle foi-se a ter co'a tia...
Ja voltava o cavalleiro
Apenas que rompe o dia;
Corre por toda essa mata,
A enzinha não descubria.
Vai correndo e vai chamando,
Donzella não respondia;
Deitou os olhos ao longe,
Viu tanta cavallaria,
De senhores e fidalgos
Muito grande tropelia[5].
Levavam n'a linda infanta,
Que era ja contado o dia.
O triste do cavalleiro
Por morto no chão cahia;

[4] Deixa a menina no monte—BEIRABAIXA.

Souto parece mais minhoto; mas assim vem n'uma cópia da Extremadura.

[5] *Tropellia,* em portuguez casto e classico, é o tumulto que se faz em tropel; e tambem a injúria que se faz a alguem, a alguma coisa, *atropellando* direitos, posses, pessoas, razões ou conveniencias. Aqui está o derivado pelo original ou primitivo: e para mim o povo tambem é um classico.

Mas ja tornava aos sentidos
E a mão á espada mettia:
—'Oh, quem perdeu o que eu perco
Grande penar merecia!
Justiça faço em mim mesmo
E aqui me acabo co'a vida.'

LICÇÃO CASTELHANA

A cazar va el caballero,
A cazar como solia;
Los perros lleva cansados,
El falcon perdido habia,
Arrimárase á un roble,
Alto es á maravilla.
En una rama mas alta,
Viera estar una infantina,
Cabellos de su cabeza
Todo aquel roble cubrian.
—'No te espantes caballero,
Ni tengas tamaña grima,
Hija soy yo del buen rey
Y la reina de Castilla:
Siete fadas me fadaron
En brazos de un ama mia,
Que andase los siete años
Sola en esta montiña.
Hoy se cumplian los siete años
O mañana en aquel dia:
Por Dios te ruego, caballero,
Llévesme en tu compañia.
Si quisieres por muger,
Si no, sea por amiga.'
—'Esperaisme vos, señora,
Hasta mañana aquel dia,
Iré yo a tomar consejo
De una madre que tenia.'
La niña le respondiera
Y estas palabras decia:
—'¡O mal haya el caballero
Que sola deja la niña!'

El se va á tomar consejo
Y ella queda en la montiña. —
Aconsejóle su madre
Que la tome por amiga.
Cuando volvió el caballero
No halléra la infantina,
Vídola que la llevaban
Con muy gran caballeria.
El caballero que la vido
En el suelo se caía:
Desque en si hubo tornado
Estas palabras decia:
— 'Caballero que tal pierde,
Muy gran pena merescia:
Yo mismo seré el alcalde,
Yo me seré la justicia:
Que me corten pies y manos
Y me arrastren por la villa[1].'

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS.

TRADUCÇÃO INGLEZA

The knight had hunted long, and twilight closed the day,
His hounds were weak and weary, his hawk had flown away;
He stopped beneath an oak, an old and mighty tree,
Then out the maiden spoke, and a comely maid was she.

The knight had lift his eye the shady boughs between;
She had her seat on high, among the oak-leaves green:
Her golden curls lay clustering above her breasts of snow,
But when the breese was westering, upon it they did flow.

—'Oh, fear not, gentle knight! there is no cause for fear;
I am a good king's daugther, long years enchanted here;
Seven cruel fairies found me, — they charmed a sleeping child;
Seven years their charm hath bound me, a damsel undefiled.

'Seven weary years are gone since o'er me charms they threw;
I have dwelt here alone, — I have seen none but you.
My seven sad years are spent; —for Christ that died on rood,
Thou noble knight consent, and lead me from the wood!

'Oh, bring me forth again from out this darksome place!
I dare not sleep for terror of the unholy race.
Oh, take me, gentle sir! I'll be a wife to thee.'—
I'll be thy lowly leman, if wife I may not be!'

—'Till dawns the morning, wait, thou lovely lady, there;
I'll ask mother straight, for her reproof I fear.'
—'Oh, ill beseems thee, knight!' said she, that maid forlorn,
'The blood of kings to slight, a lady's tears to scorn!'

He came when morning broke, to fetch the maid away.
But could not find the oak wherein she made her stay:
All through the wilderness he sought in bower and tree; —
Fair lordlings, well ye guess what weary heart had he!

There came a sound of voices from up the forest glen,
The King had come to find her with all his gentlemen,
They rode in mickle glee — a joyous cavalcade —
Fair in the midst rode she, but never word she said.

Though on the green he knelt, no look on him she cast —
His hand was on the hilt ere all the train were past:
— 'Oh, shame to knightly blood! Oh, scorn to chivalry!
I'll die within the wood: no eye my death[1] shall see!'

[1] Lockhart, ANC. SPAN. BALLADS.

III

A INFEITIÇADA

É claramente de origem franceza, e vir-nos-hia porventura com os cavalleiros e os troveiros do conde D. Henrique, o lindo romance da 'Donzella infeitiçada.' Foi talvez um *fabliau* na sua terra? Quem sabe?

Aqui é elle muito antigo; castelhanos e portuguezes o disputam por seu, e acaso nem uns nem outros terão razão. Em algumas das nossas provincias anda confundido, na versão oral, com o romance precedente do 'Caçador' e custa a desinvencilhá-los.

Collacionando-o com a cópia castelhana que adeante vai, notar-se-ha quanto é mais gracioso e mais chistoso o texto portuguez: conhece-se muito mais n'elle o tom e o sainete sempre picante do genio francez, que do prin-

cipio foi o que é e hade ser, leve, facil e ingraçado com donaire e agudeza.

Chamam-lhe em Castella 'Romance de la infanta de Francia.'

A anecdota não está nos nossos costumes nem nos de nossos vizinhos, nem siquer nos costumes das eras cavalherescas. Tambem não é ainda do cyclo da Tavola-redonda, de quando os nossos mesmos romancistas punham todas as suas scenas no paiz dos Arthures e Amadizes. Essa eschola prevaleceu aqui mais tarde, e começou talvez a preponderar em tempos d'elrei D. Fernando em cuja côrte dominavam ja muito as modas e gôsto inglez que depois triumpharam absolutamente no reinado de seu irmão e successor.

O ar d'esta pequena peça é muito mais antigo; e por tal a teem os criticos e collectores castelhanos.

A INFEITIÇADA

Vai correndo o cavalleiro,
A París levava a guia,
Viu estar uma donzella
Sentada na penha fria:
—'Que fazeis aqui, donzella?'
Que fazeis, ó donzellinha?'
—'Vou-me á côrte de París[1]
Donde padre e madre tinha;
Perdi-me no meu caminho,
Pus-me a esperar companhia;
Cançada estou de esperar
Sentada na penha fria,

[1] Vou-me á côrte de França — EXTREMADURA.

Se te praz ó cavalleiro[2],
Leva-me em tua companhia.'
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—'Pois que me praz, vida minha.'
Lá no meio do caminho
De amores a requeria;
A donzella muito inchuta[3]
Lhe disse com ousadia:
—'Tem-te, tem-te, cavalleiro,
Não faças tal villania;
Que, antes que me baptisassem
Me deram feitiçaria:
Sette bruxas me imbruxaram
Antes que eu fosse á pia;
O homem que a mim se chegasse,
Malato[4] se tornaria.'
Não responde o cavalleiro[5],
Todo na sella tremia.

[2] Quereis vós, ó cavalleiro,
Que eu va em vossa companhia?'
Respondeu-lhe o cavalleiro:
—'Pois não quero, minha vida!'—RIBATEJO.

[3] A donzella mui sisuda,
Sem ter medo, lhe dizia—BEIRALTA.

[4] Malato era o homem livre que descia á condicção quasi de servo e villão. No sentido figurado—que parece ser o que domina—homem perdido, tolhido, invillecido?

[5] O cavalleiro com medo
Tremendo lhe respondia—ALEMTEJO.

Lá para o fim do caminho [6]
A donzella que surria.
—'De que vos rides, donzella,
De que rides, donzellinha?'
—'Não me rio do cavallo
Nem da sua fittaria,
Rio-me do cavalleiro,
Mais da sua covardia;
Com a donzella á garupa
E catou-lhe cortezia;
Soube guardar-se das môças
E bruxas velhas temia.'
—'Atraz, atraz, ó donzella,
Atraz, atraz, donzellinha,
Que na fonte onde bebêmos
Deixo uma espora perdida.'
—'Cavalleiro, adeante, adeante,
Que eu atraz não tornaria.
Se a sua espora é de prata,
Meu pae de oiro lh'a daria;
Que ás portas de meu pae [7]
'Se mede oiro cada dia.'
—'Dizei-me vós, ó donzella,
Dizei-me de quem sois filha'
—'Sou filha d'elrei de França
E da rainha Constantina.'

[6] Passado largo caminho — BEIRA-ALTA.
[7] Que ás portas de meu palacio — EXTREMADURA.

—'Arrenego eu de mulheres
Mais de quem n'ellas se fia!
Cuidei de levar amante,
Levo uma irman minha[8].'

[8] Depois d'estes versos a licção do Minho accrescenta, em fórma de moralidade que faz o trovador, o que aqui está na bôcca do cavalleiro:

Arrenego eu de mulheres,
Mais de quem n'ellas se fia!

VERSÃO CASTELHANA

De Francia partió la niña,
De Francia la bien guarnida;
Ibase para París,
Do padre y madre tenia:
Errado lleva el camino,
Errada lleva la via:
Arrimarase a un roble
Por esperar compañia.
Vió venir un caballero,
Que á París lleva la guia.
La niña desque lo vido
Desta suerte le decia:
—'Si te place, caballero
Llévesme en tu compañia.'
—'Placeme, dijo, señora,
Placeme, dijo, mi vida.'
peóse del caballo
or hacerle cortesia;
uso la niña en las ancas
subiérase en la silla:
el medio del camino
amores la requeria.
niña desque lo oyera
lole con osadia:
'Tate, tate, caballero,
hajas tal villania:
ja soy yo de un malato
de una malatia.
hombre que á mi llegase
alato se tornaria.'
on temor el caballero
'alabra no respondia.

Yá a la entrada de París
La niña se sonreia.
—'De que os reis, mi señora,
De que os reis, vida mia?'
—'Riome del caballero
Y dé su gran cobardia.
Tener la niña en el campo
E catarle cortesia!'
Con verguenza el caballero
Estas palabras decia:
—'Vuelta, vuelta, mi señora,
Que una cosa se me olvida.'
La niña, como discreta,
Dijo: —'Yo no volveria,
Ni persona, aunque volviese,
En mi cuerpo tocaria:
Hija soy del rey de Francia
Y la reina Constantina,
El hombre que á mi llegase
Muy caro le costaria[1].'

[1] Duran, tomo IV, parte I. Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS.

IV

CONDE YANNO

Sir Walter Scott diz, em alguma parte do 'Cancioneiro das fronteiras da Scocia', que os romances populares foram quasi todos em sua origem poemas mais longos e mais completos, que os menestreis depois incurtavam e truncavam para os poderem cantar em dous ou tres *lays* quando muito, como quem diz, em duas ou tres cantigas: o que na integra era impossivel. Que d'ahi ficaram assim pela memoria do povo, e assim vieram até nós.

Se tal é —e eu não defendo nem impugno agora a theoria— digo que este bello romance do 'Conde Yanno' algum menestrel portuguez o accommodou ao gôsto popular contrahindo-o do poemeto castelhano que alli se chama do 'Conde Alarcos e da infanta Solisa.'

Em algumas provincias nossas tambem lhe chamam 'Conde Alarcos', n'outras 'Conde Anardos'; e até n'outras, por muito visivel rebaptisação heretica, 'Dom Duarte, e Conde Alberto.' Tamsomente nos districtos mais certanejos do reino e menos proximos do contacto castelhano apparece 'Conde Yanno.'

Yanno é a mais antiga degeneração do grego e latino Ιώαννης, *Joannes*, — dos quaes tanto mais proximo está do que os modernos *Juan*, *João* dos dous dialectos cultos das Hespanhas.

Assim o nome como o modo de dizer 'Conde Yanno' (Conde João) em vez de 'Conde de tal' indicam ja grande antiguidade. E tanta, que eu mais me inclino a que o trovador castelhano alargasse a obra do menestrel portuguez do que vice versa. E ou ésta é uma excepção das muitas que tem a regra de Sir Walter, ou ella não é regra; absoluta pelo menos.

A verdade hade estar no meio, que é o costume.

Juncto a composição castelhana, e a linda versão ingleza de Lockhart: ambas illustram

o texto e a questão. Comparando-as com o romance portuguez, facilmente se dará a palma a este, assim no stylo como na invenção. Tem mais drama e mais peripecias, respira mais suave melancholia, é mais casto, e porfim termina com um inesperado successo que dá prazer.

Lembra-me, em pequeno, a immensa alegria que eu tinha quando a minha Brigida[1] velha, criada que nos contava e cantava éstas historias, chegando ao passo em que a condessa ia morrer ás mãos de seu ambicioso e indigno marido, mudava derepente de tom na sua sentida melopea, e exclamava:

'Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?..

Morria a má infanta que descasava os bem casados, e a pobre condessa escapava. Que fortuna! Tirava-se um pêso do coração á gente, e a historia acabava como devia de ser.

As despedidas da condessa moribunda 'a tudo que mais queria', ás suas flores, ao seu

[1] Ésta criada Brigida ja foi cantada na DONA BRANCA.

filhinho, são admiraveis aqui tambem e ommissas na licção castelhana.

Emfim, nascesse elle dentro das nossas fronteiras, ou viesse d'além d'ellas, cá se fez mais lindo o romance, muito mais.

Sismondi e Madame de Stael exaltam ésta composição acima de todas as do romanceiro castelhano. Que faria se conhecessem a licção portugueza?

É geralmente sabido por todo o reino, muito popular, e as variantes numerosas.

Quasi todas as que valiam a pena as incorporei no texto, porque algumas eram complementares de outras, e muitas acclaravam o sentido e atavam o fio da narrativa. Das poucas que ficaram, se apponta á margem alguma que o merece.

CONDE YANNO

Chorava a infanta, chorava[1],
Chorava e razão havia,
Vivendo tam descontente;
Seu pae por casar a tinha.
Acordou elrei da cama[2]
Com o pranto que fazia:
—'Que tens tu, querida infanta,
Que tens tu, ó filha minha?'
—'Senhor pae, o que heide eu ter
Senão que me pésa a vida?
De tres irmans que nós eramos,
Solteira eu so ficaria.'

[1] Chorava a infanta Solisa,
Razão de chorar havia.—ALEMTEJO.
Chorava Dona Sylvana—EXTREMADURA.

[2] Despertou elrei seu pae—BEIRA ALTA.

—'Que queres tu que te eu faça?
Mas a culpa não é minha.
Ca vieram embaixadas
De Guitaina e Normandia[3];
Nem ouvi-las não quizeste,
Nem fazer-lhes cortezia...
Na minha côrte não vejo
Marido que te daria...
So se fosse o conde Yanno[4],
E esse ja mulher havia[5].'
—'Ai! ricco pae da minha alma,
Pois esse é que eu queria.
Se elle tem mulher e filhos,
A mim muito mais devia,
Que me não soube guardar
A fé que me promettia.'

Manda elrei chamar o conde,
Sem saber o que faria:
Que lhe viesse fallar...
Sem saber que lhe diria.
—'Inda agora vim do paço,
Ja elrei lá me queria!

[3] De Leão e de Castilha — TRAS-OS-MONTES.
Guitaina é Aquitania, bem claramente.
[4] So se fôsse o conde Albano — MINHO.
— So se fôsse o conde Alarcos — BEIRABAIXA.
[5] E esse tem mulher e filhas — BEIRALTA, LISBOA.

Ai! será para meu bem?
Ai! para meu mal sería?'

Conde Yanno que chegava,
Elrei que a buscar o vinha:
—'Beijo a mão á vossa alteza;
Que quer vossa senhoria?'
Responde-lhe agora o rei
Com grande merencoria:
—'Beijae, que mercê vos faço;
Casareis com minha filha.'
Cuidou de cahir por morto
O conde que tal ouvia:
—'Senhor rei, que sou casado
Ja passa mais de anno e dia!'
—'Mattareis vossa mulher,
Casareis com minha filha.'
—'Senhor, como hei de mattá-la
Se a morte me não mer'cia?'
—'Callae-vos, conde, callae-vos,
Não vos quero demazia;
Filhas de reis não se inganam
Como uma mulher captiva.'
—'Senhor, que é muita razão,
Mais razão que ser devia,
Para me mattar a mim
Que tanto vos offendia;
Mas mattar uma innocente
Com tammanha aleivozia!

N'esta vida nem na outra
Deus m'o não perdoaria.'
—'A condessa hade morrer
Pelo mal que ca fazia.
Quero ver sua cabeça
N'esta doirada bacia.'

Foi-se embora o conde Yanno,
Muito triste que elle ia.
Adeante um pagem d'elrei
Levava a negra bacia.
O pagem ia de lutto,
De lutto o conde vestia:
Mais dó levava no peito
C'os appertos da agonia.
A condessa, que o esperava,
De muito longe que o via,
Com o filhinho nos braços
Para abraçá-lo corria.
—'Bem vindo sejais, meu conde,
Bem vinda minha alegria!'
Elle sem dizer palavra
Pelas escadas subia.
Mandou fechar seu palacio,
Coisa que nunca fazia [6];
Mandou logo pôr a cea [7]
Como quem lhe appetecia.

[6] O que d'antes não fazia — MINHO.
[7] Como quem comer queria — LISBOA.

Sentaram-se ambos á mesa,
Nem um nem outro comia;
As lagrymas era um rio[8]
Que pela mesa corria.
Foi a beijar o filhinho
Que a mãe aos peitos trazia,
Largou o seio o innocente,
Como um anjo lhe surria.

Quando tal viu a condessa,
O coração lhe partia;
Desata em tammanho chôro
Que em toda a casa se ouvia:
—'Que tens tu, querido conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Tira-me ja d'estas âncias,
Elrei o que te queria?'
Elle affogava em soluços,
Responder-lhe não podia;
Ella, apertando-o nos braços,
Com muito amor lhe dizia:
—'Abre-me o teu coração,
Desaffoga essa agonia,
Da-me da tua tristesa,
Dar-te-hei da minha alegria.'

[8] As lagrymas eram tantas
Que pela mesa corriam.—VÁRIAS.
Todas as versões lem assim; so a do Lisboa como vai no texto.

Levantou-se o conde Yanno,
A condessa que o seguia.
Deitaram-se ambos no leito;
Nem um nem outro dormia.
Ouvireis a desgraçada,
Ouvide ora o que dizia:
—'Peço-te por Deus do ceo
E pela Virgem Maria,
Antes me mattes, meu conde,
Que eu ver-te n'essa agonia.'
—'Morto seja quem tal manda,
Mais a sua tyrannia!'
—'Ai! não te intendo, meu conde,
Dize-me, por tua vida,
Que negra ventura é ésta
Que entre nós está mettida?'
—'Ventura da sem ventura,
Grande foi tua mofina[9]!
Manda-me elrei que te matte,
Que case com sua filha.'

Palavras não eram dittas,
Inda mal lh'as ouviria,
A desgraçada condessa
Por morta no chão cahia.

[9] *Mofina,* substantivo, talvez por *mofina sorte,* é usado dos classicos alguma vez; e commum hoje ao povo das provincias quasi todas.

Não quiz Deus que alli morresse...
Triste que alli não morria!
Maior dor do que a da morte
A torna a chamar á vida.
—'Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio haveria;
Ai! não me mattes, meu conde,
E um alvitre te daria[10]:
A meu pae me mandarás,
Pae que tanto me queria!
Ter-me-hão por filha donzella
E eu a fé te guardaria.
Criarei este innocente
Que a outra não criaria;
Manter-te-hei castidade
Como sempre t'a mantia.'
—'Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?
—'Calla, calla, conde Yanno,
Que inda remedio teria,
Metter-me-has n'um convento
Da ordem da freiraria;
Dar-me-hão o pão por onça
E a agua por medida:
Eu lá morrerei de pena,

[10] Um conselho te daria—BEIRABAIXA.

E a infanta o não saberia.'
—'Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se quer ver tua cabeça
N'esta maldita bacia?'
—'Fecháras-me n'uma tôrre,
Nem sol, nem lua veria,
As horas de minha vida
Por meus ais as contaria.'
—'Ai! como póde isso ser,
Condessa minha querida,
Se elrei quer tua cabeça
N'esta doirada bacia?'

Palavras não eram dittas,
Elrei que á porta batia:
—'Se a condessa não é morta,
Que então elle a mattaria.'
—'A condessa não é morta
Mas está na agonia.'
—'Deixa-me dizer, meu conde,
Uma oração que eu sabia.'
—'Dizei depressa, condessa,
Antes que amanheça o dia.'
—'Ai! quem podéra rezar[11],
Ó virgem sancta Maria!

[11] No poemeto castelhano a condessa reza—e não é feia a sua *preghiera:* mais bonito e mais poetico é o pensamento do cantor portuguez, que lhe não dá nem ânimo para rezar.

Que eu não me péza da morte,
Péza-me da aleivozia:
Mais me péza de ti, conde,
E da tua covardia.
Mattas-me por tuas mãos,
So porque elrei o queria!
Ai! Deus te perdoe, conde,
Lá na hora da contia[12].
Deixar-me dizer adeus
A tudo o que eu mais queria;
Ás flores d'este jardim,
Ás aguas da fonte fria.
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor da Alexandria!
Guardae-me vós meus amores
Que outrem me não guardaria.
Deem-me cá esse menino,
Intranhas de minha vida;
D'este sangue de meu peito
Mamará por despedida.
Mama, meu filhinho, mama
D'esse leite da agonia;
Que atégora tinhas mãe,
Mãe que tanto te queria,
Ámanhan terás madrasta
De mais alta senhoria...'

[12] Na hora em que contar comtigo, em que te tomar contas. É a phrase expressiva dos inglezes: *In the hour of reckonning.*

Tocam n'os sinos na sé...
Ai Jesus! quem morreria?
Responde o filhinho ao peito[13],
Respondeu—que maravilha!
—'Morreu, foi a nossa infanta
Pelos males que fazia;
Descasar os bem casados:
Coisa que Deus não queria.'

[13] Quasi todas as licções provinciaes ommittem os dous versos ultimos d'ésta copla, e o pensamento que elles incerram. So uma licção da borda-d'agua os traz, e julguei que mereciam ser incorporados no texto. Este prodigio de fallarem os innocentes ao peito das mães, nas grandes circumstancias públicas ou nas grandes crises domésticas, era mui favorito dos nossos. Na acclamação de D. João I bem sabido é que uma criança tirou todas as dúvidas bradando do collo da mãe: 'Real, Real pelo mestre d'Aviz rei de Portugal.' N'outro romance d'ésta collecção, o de 'Dom Beltrão' veremos fallar o cavallo de um morto cavalleiro.

LICÇÃO CASTELHANA

Retraida está la infanta,
Bien asi como solia,
Viviendo muy descontenta
De la vida que tenia,
Viendo que ya se pasaba
Toda la flor de su vida,
Y que el rey no la casaba,
Ni tal cuidado tenia.
Entre si estaba pensando
A quien se descobriria,
Y acordó llamar al rey
Como otras veces solia,
Por decirle su secreto
Y la intencion que tenia.
Vino el rey siendo llamado,
Que no tardó su venida:
Vídola estar apartada,
Sola está sin compañia,
Su lindo gesto mostraba
Ser mas triste que solia.
Conociera luego el rey
El enojo que tenia.
—¿Qué es aquesto, la infanta?
¿Qué es aquesto, hija mia?
Contadme vuestros enojos,
No tomeis malenconía,
Que sabiendo la verdad
Todo se remediaria.
—'Menester será, buen rey,
Remidiar la vida mia,
Que á vós quedé encomendada
De la madre que tenia.

Con verguenza os lo demando,
No con gana que tenia,
Que aquestos cuidados tales
A vos, rey, pertenecian.'
Escuchada su demanda,
El buen rey la respondia:
—'Esa culpa, la infanta,
Vuestra era, que no mia,
Que ya fuerades casada
Con el principe de Hungria;
No quisistes escuchar
La embajada que venia,
Pues acá en las nuestras côrtes,
Hija, mal recaudo habia,
Sino era el conde Alarcos
Que hijos y muger tenia.
—'Convidaldo vos, el rey,
Al conde Alarcos un dia,
Y despues que hagais comido
Decilde de parte mia,
Decilde que si se acuerde
De la fé que del tenia,
La cual él me prometió,
Que yo no se la pedia,
De ser siempre mi marido
Y yo que su muger seria.
Yo fuí dello muy contenta
Y que no me arrepentia.
Si casó con la condesa,
Que mirára lo que hacia,
Qué por él no me casé
Con el principe de Hungria:
Si casó con la condesa
Dél es culpa, que no mia.'
Perdiera el rey en la oir
El sentido que tenia,

Mas despues en si tornado
Con enojo respondia:
—'No son estos los consejos
Que vuestra madre os decia:
Muy mal mirastes, infanta,
Do estaba la honra mia.
Si verdad es todo eso,
Vuestra honra ya es perdida:
No podeis vos ser casada
Mientras la condesa viva.
Si se hace el casamiento
Por razon ó por justicia,
En el decir de las gentes
Por mala sereis tenida.
Dadme vos, hija, consejo,
Que el mio no bastaria;
Que ya es muerta vuestra madre
A quien consejo pedia.'
—'Pues yo os lo daré, buen rey,
Deste poco que tenia:
Mate el conde á la condesa,
Que nadie no lo sabria;
Y eche fama que elle es muerta
De un cierto mal que tenia,
Y tratarse ha el casamiento
Como cosa no sabida.
Desta manéra, buen rey,
Mi honra se guardaria.'
De alli se salia el rey,
No con placer que tenia;
Lleno va de pensamientos
Con la nueva que sabia;
Vido estar al conde Alarcos
Entre muchos que decia:
—¿'Que aprovecha, caballeros,
Amar y servir amiga,

Siendo servicios perdidos
Donde firmeza no habia?
No pueden por mi decir
Aquesto que yo decia.
Que en el tiempo que servi
Una que tanto queria,
Si bien la quise entonces,
Agora mas la queria;
Mas por mi pueden decir:
Quien bien ama tarde olvida.'
Estas palabras diciendo,
Vido al buen rey que venia,
Y hablando con el rey,
De entre todos se salia:
Dijole el buen rey al conde
Hablando con cortesia:
—'Convidaros quiero, conde,
Por mañana en aquel dia,
Que querais comer comigo
Por tenerme compañia.'
—'Que se haga de buen grado
Lo que su alteza decia:
Beso sus manos reales
Por la buena cortesía:
Detenerme he aqui mañana,
Aunque estaba de partida.
Que la condesa me espera
Segun carta que me envia.'
Otro dia de mañana
El rey de misa salia,
Luego se asentó á comer,
No por gana que tenia,
Sino por hablar al conde
Lo que hablarle queriá.
Alli fueron bien servidos
Como á rey pertenecia:

Despues que hubieron comido,
Toda la gente salida,
Quedóse el rey con el conde
En la tabla do comia.
Empezó el rey á hablar
La embajada que traia:
—'Unas nuevas traigo, conde,
Que dellas no me placia,
Por las cuales yo me quejo
De vuestra descortesía:
Prometistes á la infanta
Lo que ella no os pedia,
De siempre ser su marido,
Y á ella que le placia.
Si á otras cosas pasaste
No entro en esa porfía.
Otra cosa os digo, conde,
De que mas os pesaria:
Que mateis á la condesa,
Que asi cumple á la honra mia.
Echeis fama de que es muerta
De cierto mal que tenia,
Y tratarse ha el casamiento
Como cosa no sabida,
Porque no sea deshonrada
Hija que tanto queria.'
Oidas estas razones,
El buen conde respondia:
—'No puedo negar, el rey,
Lo que la infanta decia,
Sino que es muy gran verdad
Todo cuanto me pedia.
Por miedo de vós el rey,
No casé con quien debia.
Ni pensé que vuestra alteza
En ello consentiria,

De casar con la infanta
Yo, señor, bien casaria;
Mas matar á la condesa,
Señor rey, no lo haria
Porque no debe morir
La que mal no merecia.'
—'De morir tiene, buen conde,
Por salvar la honra mia,
Pues no miráste primero
Lo que mirar se debia:
Si no muere la condesa,
A vos costará la vida.
Por la honra de los reyes
Muchos sin culpa mortan,
Que muera pues la condesa
No es mucha maravilha.'
—'Yo la mataré, buen rey,
Mas no sea culpa mia,
Vós os avendreis con Dios
En el fin de vuestra vida,
Y prometo á vuestra alteza,
A fé de caballeria,
Que me tengan por traidor
Si lo dicho no cumplía,
De matar á la condesa
Aunque mal no merecia.
Buen rey, si me daes licencia
Luego yo me partiria.'
—'Vayais con Dios, el buen conde,
Ordenad vuestra partida.'
Llorando se parte el conde,
Llorando sin alegria;
Lloraba tambien el conde
Por tres hijos que tenia,
El uno era de teta,
Que la condesa lo cria,

Que no queria mamar
De tres amas que tenia,
Si no era de su madre
Porque bien la conocia;
Los otros eran pequeños,
Poco sentido tenian.
Antes que el conde llegase,
Estas razones decia:
—¿'Quién podrá mirar, condesa,
Vuestra cara de alegria
Que saldreis á recibirme
A la fin de vuestra vida?
Yo soy el triste culpado,
Esta culpa toda es mia.'
En diciendo estas palabras
Ya la condesa salia,
Que un page le habia dicho
Como el conde ya venia.
Vido la condesa al conde
La tristeza que tenia,
Vióle los ojos llorosos
Que hinchados los tenia
De llorar por el camino
Mirando el bien que perdia.
Dijo la condesa al conde:
—'Bien vengais, bien de mi vida!
¿Que habeis, el conde Alarcos?
¿Porque llorais, vida mia?
Que venís tan demudado
Que cierto no os conocia,
No parece vuestra cara
Ni el gesto que ser solia;
Dadme parte del enojo
Como dais del'alegría.
Decidmelo luego, conde,
No mateis la vida mia.'

—'Yo lo diré bien, condesa,
Cuando la hora sería.'
—'Si no me lo decís, conde,
Cierto yo reventaria.'
—'No me fatigueis, señora,
Que no es la hora venida.
Cenemos luego, condesa,
D'aqueso que en casa habia.
—'Aparejado está, conde,
Como otras veces solia.'
Sentóse el conde á la mesa,
No cenaba ni podia,
Con sus hijos al costado,
Que muy mucho los queria.
Echóse sobre los hombros,
Hizo como que dormia.
De lágrymas de sus ojos
Toda la mesa cubria:
Mirandole la condesa
Que la causa no sabia,
No le preguntaba nada,
Que no osaba ni podia.
Levantóse luego el conde,
Dijo que dormir queria;
Dijo tambien la condesa
Que ella tambien dormiria,
Mas entre ellos no habia sueño,
Si la verdad se decia.
Vanse el conde y la condesa,
A dormir donde solian;
Dejan los niños de fuera,
Que el conde no los queria:
Lleváronse el mas chiquito,
El que la condesa cria:
El conde cierra la puerta,
Lo que hacer no solia.

Empezó de hablar el conde
Com dolor y con mancilla:
—¡'O desdichada condesa,
Grande fue la tu desdicha!'
—'No soy desdichada, conde,
Por dichosa me tenia
Solo en ser vuestra muger:
Esta fué gran dicha mia.'
—'Si bien lo mirais, condesa,
Essa fué vuestra desdicha.
Sabed que en tiempo passado
Yo amé á quien servia,
La cual era la infanta.
Por desdicha vuestra y mia
Prometí casar con ella,
Y á ella que le placia.
Demándame por marido
Por la fé que me tenia.
Puédelo muy bien hacer
Por razon y por justicia:
Dijomelo el rey su padre
Porque della lo sabia.
Otra cosa manda el rey
Que toca en el alma mia:
Manda que murais, condesa,
A la fin de vuestra vida,
Que no puede tener honra
Siendo vós, condesa, viva.'
De qu'esto oyó la condesa,
Cayó en tierra mortecida;
Mas despues en si tornada
Estas palabras decia:
—'Pagados son mis servicios,
Conde, con que yo os servia!
Si no me matais, el conde,
Yo bien os consejaria:

Enviedesme á mis tierras,
Que mi padre me ternia;
Yo criaré vuestros hijos
Mejor que la que vernia,
Y os mantendré castidad
Como siempre os mantenia.
—'De morir habeis, condesa,
Antes que amanezca el dia.'
—'Bien parece, conde Alarcos,
Yo ser sola en esta vida,
Porque tengo el padre viejo,
Mi madre ya es fallecida,
Y mataron á mi hermano
El buen conde Don Garcia,
Que el rey lo mandó matar
Por miedo que dél tenia.
No me pesa de mi muerte,
Porque yo de morir tenia,
Mas pésame de mis hijos
Que pierden mi compañia:
Hacémelos venir, conde,
Y veran mi despedida.'
—'No los vereis más, condesa,
En dias de vuestra vida:
Abrazad ese chiquito
Que aqueste es el que os perdia.
Pésame de vos, condesa,
Cuanto pésar me podia.
No os puedo valer, señora,
Que mas me va que la vida;
Encomendaos á Dios
Qu'esto de hacerse tenia.'
—'Dejéisme decir, buen conde,
Una oracion que sabia.'
—'Decilda presto, condesa,
Antes que amanezca el dia.'

—'Presto la habré dicho, conde,
No estaré un Ave Maria.'
Afinojóse en la tierra
Y esta oracion decia:
«En las tus manos, Señor,
«Encomiendo el alma mia:
«No me juzgues mis pecados
«Segun que yo merecia,
«Mas segun tu gran piedad
«Y la tu gracia infinita.»
'Acabada es ya, buen conde,
La oracion que yo sabia;
Encomiendoos esos hijos
Que entre vos y mi habia;
Y rogad a Diós por mi
Mientras tuviésedes vida;
Que á ello sois obligado,
Pues que sin culpa moria.
Dédesme acá ese hijo,
Mamará por despedida.'
—'No lo desperteis, condesa,
Dejaldo estar que dormia,
Sino que os pido perdon
Porque ya llegaba el dia.'
—'A vos yo perdono, conde,
Por amor que vos tenia;
Mas yo no perdono al rey,
Ni á la infanta su hija,
Sino que queden citados
Delante la alta justicia,
Que allá vayan á juicio
Dentro de los treinta dias.'
Estas palabras deciendo,
El conde se apercebia:
Echóle por la garganta
Una toca que tenia,

Apretó con las dos manos
Con la fuerza que podia,
No le aflojó la garganta
Mientras que vida tenia.
Cuando ya la vido el conde
Trespasada y fallecida,
Desnudóle los vestidos
Y las ropas que tenia,
Echóla encima la cama,
Cubrióla como solia;
Desnudose á su costado
Obra de un Ave Maria;
Levantóse dando voces
A la gente que tenia:
—'Socorro, mis escuderos,
Que la condesa se fina.'
Hallan la condesa muerta
Los que á socorrer venian.
Así murió la condesa,
Sin razon y sin justicia;
Mas tambien todos murieron
Dentro de los treinta dias.
Los doce dias pasados
La infanta ya se moria,
El rey á los veinte y cinco,
El conde ál treinteno dia.
Allá fueron á dar cuenta
A la justicia divina:
Acá nos dé Dios su gracia,
Y allá la gloria cumplida [1].

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS, pag. 26.

TRADUCÇÃO INGLEZA

Alone, as was her wont, she sate, — within her bower alone,
Alone and very desolate Solisa made her moan,
Lamenting for the flower of life, that it should pass away,
And she be never wooed to wife, nor see a bridal day.

Thus said the sad Infanta: — 'I will not hide my grief,
I'll tell my father of my wrong, and he will yield relief:
The king, when he beheld her near: — 'Alas! my child' said he,
'What means this melancholy cheer? Reveal thy grief to me.'

— 'Good king,' she said, 'my mother was buried long ago,
She left me to thy keeping, none else my grief should know;
I fain would have a husband; 't is time that I should wed;
Forgive the words I utter, with wide shame they 're said.'

It was thus the king made answer: — 'This fault is none of mine,
You to the prince of Hungary your ear would not incline,
Yet round us here where lives your peer? Nay, name him if you can,
Except the count Alarcos, and he is a marred man.'

— 'Ask count Alarcos if of yore his word he did not plight
To be my husband evermore, and love me day and night;
If he has bound him in new vows, old oaths he cannot forsake.
Alas! I've lost a loyal spouse for a false lover's sake.'

The good king sate confounded in silence for some space,
At length he made his answer, with very troubled face:
— 'It was not thus your mother gave counsel you should do;
You 've done much wrong, my daughter; we're shamed, both I and you.

'If it be true that you have said, our honour's lost and gone;
And while the countess is in life, remeed for us is none:
Though justice were upon our side, ill-talkers would not spare.
Speak, daughter, for your mother's dead, whose counsel eased my care.'

—'How can I give you counsel?—but little wit have I;
But certes count Alarcos may make his countess die:
Let it be noised that sickness cut short her tender life,
And then let count Alarcos come and ask me for his wife.
What passed between us long ago, of that be nothing said;
Thus none should our dishonour know, in honour shall I wed.'

The count was standing with his friends—thus in the midst he spake!
—'What fools be men!—what boots our pain for comely woman's sake;
I loved a fair one long ago;—though I am a maried man,
Sad memory I kan ne'er forego, how life and love began.'

While yet the count was speaking, the good king came full there;
He made his salutation with very courteous cheer.
—'Come hither, count Alarcos, and dine with me this day:
For I have something secret, I in your ear must say.'

The king came from the chapel, when he had heard the mass;
With him the count Alarcos did to his chamber pass;
Full nobly were they served there, by pages many a one;
When all were gone, and they alone, 't was thus the king begun·

—'What news be there, Alarcos, that you your word did plight,
To be a husband to my child, and love her day and'night?
If more between you there did pass, yourself may know the truth.
But shamed is my grey head—alas!—and scorned Solisa's youth.

'I have a heavy word to speak,—a lady fair dothe lie
Within my daughter's rightfull place, and certe! she must die.
Let it be noised that sickness cut short her tender life;
Then come and woo my daughter, and she that be your wife.
What passed between you long ago, of that be nothing said,
Thus none shall my dishonour know—in honour you shall wed.'

Thus spake the count Alarcos.—'The truth I'll not deny,
I to the infanta gave my word, and broke it shamefully:
I feared my king would never consent to give me his fair daughter;
But oh! spare her that's innocent—avoid that sinful slaughter.'

—'She dies!' she dies!' the king replies;—'from thine own sin it springs;
If guiltless blood must wash the blot which stains the blood of kings,
Ere morning dawn, her life must end, and thine must be the deed.
Else thou on shamefull block must bend: thereof is no remeed.'

—'Good king, my hand thou may'st command, else treason blots my name!
I'll take the life of my dear wife—(God! mine be not the blame).
Alas! that young and sinless heart for other's sin should bleed!
Good king in sorrow I depart.'—'May God your errand speed!'

In sorrow he departed, dejectedly he rode
The weary journey from palace unto his own abode;
He grieved for his fair countess, dear as his life was she;
Sore grieved he for that lady, and for his children three.

The one was yet an infant upon his mother's breast,
For though it had three nurses, it liked her milk the best;
The others were young children, that had but little wit,
Hanging about their mother's knee while nursing she did sit.

—'Alas!' he said, when he had come within a little space.
'How shall I brook the cheerful look of my kind lady's face?
To see her coming forth in glee to meet me in my hall,
When she so soon a corpse must be, and I the cause of all!'

Just then he saw her at the door with all her babes appear,
(The little page had run before to tell his lord was near):
—'Now welcome home, my lord, my life!—Alas! you droop your head:
Tell, count Alarcos, tell your wife, what makes your eyes so red?'

—'I'll tell you all, I'll tell you all: it is not yet the hour;
We'll sup together in the hall... I'll tell it you in your bower.'
The lady brought forth what she had, and down beside him sate:
He sate beside her pale and sad, but neither drank nor ate.

The children to his side were led (he loved to have them so),
Then on the board he laid his head, and out his tears did flow:
—'I fain would sleep... I fain would sleep,' the count Alarcos said,
Alas! be sure, that sleep was none that night within their bed.

They came together to the bower where they were used to rest.
None with them but the little babe that was upon the breast:
The count had barred the chamber doors—They ne'er were barred till then;
—'Unhappy lady,' he began, 'and I most lost of men!'

—'Now, speak not so, my noble lord, my husband and my life!
Unhappy never can she be that is Alarcos wife.'
—'Alas unhappy lady, 't is but little that you know,
For in that very word you ' ve said, is gathered all your woe.

'Long since I loved a lady,—long since I oaths did plight,
To be that lady's husband, to love her day and night:
Her father is our lord the king, to him the thing is known,
And now, that I the news should bring! she claims me for her own.

'Alas! my love!.. alas! my life!.. the right is on their side;
Ere I had seen your face, sweet wife, she was betrothed my bride;
But, oh! that I should speak the word! since in her place you lie,
It is the bidding of our lord, that you this night must die.'

—'Are these the wages of my love, so lowly and so leal?
Oh, kill me not, thou noble count, when at thy foot I kneel!
But send me to my father's house, where once I dwelt in glee.
There will I live alone chaste life, and rear my children three!'

—'It may not be; mine oath is strong; ere dawn of day you die!'
—'Oh well 't is seen how all alone upon the earth am I;
My father is an old frail man, my mother's in her grave,
And dead is stout Don Garci... Alas! my broder brave!

'Twas at this coward king's command they slew my brother dear,
And now I'm helpless in the land. It is not death I fear,
But loath am I to depart, and leave may children so.
Now let me lay them to my heart, and kiss them ere I go.'

—'Kiss him that lies upon thy breast; the rest thou mayst not see.'
—'I fain would say an Avé.'—'Then say it speedly.'
She kneltther down upon her knee:—'Oh, Lord! behold my case;
Judge not my deeds, but look on me in pity and great grace.'

When she had made her orison, up from her knees she rose;
—'Be kind, Alarcos, to our babes, and pray for my repose;
And now give me my boy once more upon my breast to hold,
That the may drink one farewell drink, before my breast be cold.'

—'Why would you waken the poor child? you see he is asleep;
Prepare, dear wife; there is no time, the dawn begins to peep.'
—'Now hear me, count Alarcos! I give thee pardon free;
I pardon thee for the love's sake wherewith I've loved thee.

'But they have not my pardon, the king and his proud daughter!
The curse of God be on them, for this unchristian slaughter!
I charge them with my dying breath, ere thirty days be gone,
To meet me in the realm of death, and at God's awful throne!'

He drew a kerchief round her neck, he drew it tight and strong,
Until she lay quite stiff and cold her chamber floor along;
He laid her then within the sheets, and, kneeling by her side,
To God and Mary Mother in misery he cried.

Then called he for his esquires:—oh! deep was their dismay,
When they into the chamber came, and saw her how she lay.
Thus died she in her innocence, a lady void of wrong...
But God took heed of her offence, his vengeance stayed not long.

Within twelve days, in pain and dole, the Infanta passed away;
The cruel king gave up his soul upon the twentieth day;
Alarcos followed ere the moon had made her round complete:
Three guilty spirits stood right soon before God's judgment-seat [1].

[1] Lockhart, ANCIENT SPAN. BALLADS.

V

O CONDE D'ALLEMANHA

O romance-xácara do 'Conde d'Allemanha' tem um pensamento bello e moral; e o stylo d'aquella simplicidade sublime e verdadeiramente antiga que é o sêllo das composições originaes e primitivas, de quando a arte, espelho ainda rudo porêm ainda ingenuo, não faz mais do que reflectir a natureza, mas reflecte-a com toda a verdade.

Uma filha—uma infanta, pois quasi todos estes contos de 'era uma vez ha muito' são de infantas e princezas—uma filha tem a desgraça de vir a descobrir a 'criminal conversação' de sua mãe com um cavalleiro mancebo e extrangeiro, um certo 'conde d'Allemanha' —*Allamanha,* ou tambem *Aramenha,* como em algumas partes diz a licção do povo. Elrei

Elrei anda á caça, segundo é de uso usado n'estes reis antigos—ao menos occupavam-se n'isso!—e a filha protesta dizer-lhe tudo em elle chegando, apezar dos rogos e peitas com que a mãe a procura fazer callar. Chega o pae, a infanta vai resoluta a elle... Horroroso spectaculo! A tremenda accusação d'adulterio proferida pela filha contra a mãe! O terror chega ao seu auge, a peripecia é grande e sublime... A filha accusa o seductor, mas salva a mãe; accusa-o de um grande attentado que lhe deve custar a vida, mas outro, mas differente: o de lhe lançar mãos violentas, o de attentar contra a honra d'ella infanta!

A falsa querella leva o conde ao cadafalso; mas o crime verdadeiro fica punido e a honra do pae desaggravada sem se revellar a infamia da mãe.

É visivel que este romance foi composto para celebrar um facto real e historico, alguma d'essas negras e sanguinolentas tragedias, que tam frequentes se representavam nas escuras camaras de nossos antigos paços e solares. Nenhuma justiça ousava intender n'esses

crimes dos grandes, nenhuma voz os denunciava; e apenas o trovador ou o jogral em sua ronda de terra em terra, de tôrre em tôrre, ia repettir, longe n'uma, o que muito longe d'alli tinha ouvido n'outra:—ecchos vagos e confusos da historia verdadeira que nem elle saberia nem ousaria contar toda, e que mais desfigurados e confusos ficavam no monotono trovar de suas cantadas coplas, cantadas ao som uniforme d'aquella triste melopea que ainda hoje dura na memoria dos povos, d'onde toda se oblitterou, se alguma houve nunca, a lembrança dos factos e nomes verdadeiros d'ésta e de eguaes tradições.

Facto conhecido na historia de Portugal ou de outra parte de Hespanha, não sei que o memore este romance; mas inclino-me a crê-lo de origem portugueza,—isto é, que originalmente fôsse composto no dialecto portuguez, ou legio-lusitano, porque ainda agora ha mais simplicidade e mais natural na *edição* (tambem mais completa) que d'elle nos dá a tradição oral do nosso povo, do que na licção escripta e impressa em que o conservaram os

collectores castelhanos desde 1511 que se publicou o seu primeiro romanceiro geral.

Ainda no anno em que isto se escreve, 1841, é ésta uma das xácaras mais valídas, mais cantadas, e mais sabidas da gente dos campos. Assim de todas as provincias, até das de alêm mar, obtive cópias d'ella; algumas visivelmente adulteradas com grosseiros *rifacimentos* modernos, addições e 'melhoramentos' de algum presumido cantor d'aldea que pretendeu corrigir éstas antigualhas como os nossos architectos de Lisboa corrigiram o convento de Belem, e apperfeiçoaram o frontispicio da Conceição-velha.

Collacionando umas cópias com outras e com a licção castelhana segundo Depping e Augustin Duran, appurei o que me parece o texto mais legítimo e verosimil.

Juntei no fim alguma variante mais notavel e que apparecia mais repettida, e tambem a versão castelhana.

O CONDE D'ALLEMANHA

Ja lá vem o sol na serra[1],
Ja lá vem o claro dia,
E inda o conde d'Allemanha
Com a rainha dormia.
Não o sabe homem nascido
De quantos na côrte havia;
So o sabía a infanta[2],
A infanta sua filha.

[1] Ja o sol dá na vidraça — RIBATEJO.
[2] Sabia-o dona Silvana — MINHO.
Sabia-o dona Bernarda — BEIRALTA.

—'Não n'as chegue eu a romper[3]
Mangas da minha camiza,
Se em vindo meu pae da caça
Eu logo lh'o não diria.'
—'Call'-te, call'-te, la infanta,
Não digas tal, minha filha,
Que o conde d'Allemanha
De oiro te vestiria.'
—'Não quero vestidos d'oiro[4];
Mau fogo em quem n'os vestíra!
Padrasto com meu pae vivo,
Nunca o eu consentiria.'

Palavras não eram ditas,
Elrei que á porta batia.
—'Deus venha c'o senhor pae
E o traga na sua guia!
Tenho para lhe contar
Um conto de maravilha.

[3] Mangas da minha camiza,
Não n'as chegue eu a romper,
Se em vindo meu pae da missa
Logo lh'o não for dizer.—MINHO.
[4] Não quero vestidos de oiro,
Pois os tenho de damasco:
Inda tenho meu pae vivo,
Ja me querem dar padrasto.—RIBATEJO, TRAS-OS-MONTES, BEIRA-ALTA.

Estando eu no meu tear[5]
Seda amarella tecia,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios d'ella me tira...'

—'Call'-te, d'ahi, minha filha,
Ninguem te oiça dizer tal:
Que o conde d'Allemanha
É menino, quer brincar.'
—'Arrenego dos seus brincos[6]
Mais do seu negro folgar!
Que me tomou nos seus braços,
Á cama me quiz levar.'
—'Calla-te ja, minha filha,
Ninguem te oiça mais fallar;
Que em antes que o sol se ponha
Vai o conde a degollar.'

Veis-lo conde d'Allemanha,
Veis-lo vai a degollar;
Ao rabo do seu cavallo
Lá o levam a arrastar.

[5] Estando eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Veio o conde d'Allemanha
Tres fios me tirou d'ella.—PORTO, E OUTRAS.

[6] Arrenego de tal conde—BEIRA BAIXA.

—'Venha ca, senhora mãe[7],
Venha ao mirante folgar,
Veja um conde tão formoso
Que ahi vai a degollar.'
—'Mal haja, filha, o meu leite,
Mais quem t'o deu de mamar,
Que a um conde tam bonito
A morte foste causar.'

[7] Aqui as variantes são infinitas: é a passagem que todos os ingenhos d'aldea sè comprazeram mais a paraphrasear e a fazer thema de seus floreados e variações, modernizando-a sem obedecer á rhyma certa do romance e quando menos ao seu toante ou assoante obrigado, cujas severas leis não permittem que se mude senão em espaços regulares, e nunca mais de duas ou tres vezes em todo o decurso do mais extenso d'elles.

Ponho aqui uma amostra d'estas que não são variantes, mas variações modernas.

Venha ca, senhora mãe,
Para a janella do meio,
Ver o conde d'Allemanha
Infeitado de vermelho.
Venha ca, senhora mãe,
Á janella do quintal,
Ver o conde d'Allemanha
Como vai a degollar.
Venha ca, ó minha mãe,
Venha á janella do canto,
Venha ver o senhor conde
Como lhe parece o branco.
Venha ver, ó minha mãe,
Á janellinha do poço,
Venha ver o senhor conde
Com uma corda ao pescoço.

—'Call'-se d'ahi, minha mãe,
Ninguem lhe oiça dizer tal,
Que a morte que o conde leva
Não lh'a faça eu levar[8].'

[8] Algumas cópias, especialmente as da Beiralta e Ribatejo, trazem no fim uma especie de conclusão ou rabo-leva; o que G. de Rezende chamaria *cabo* ou *fym* (vej. CANÇ. de Rez.): remate que todavia se incontra quasi pelas mesmas palavras em outras muitas xácaras e romances.

N'uma campa raza e triste
Ja o deixam interrado;
Pozeram-lhe á cabeceira
Um letreiro bem lavrado,
Para quem passar que diga:
—'Aqui jaz o malfadado,
Que morreu de mal d'amores,
Que é mal desesperado.'

LICÇÃO CASTELHANA

A tan alta va la luna
Como el sol á medio dia,
Cuando el buen conde Alleman
Con esa dama yacía.
No lo sabe hombre nacido
De cuantos en corte habia,
Sino solo la condesa,
Esa condesa su hija
Asi la duẽna la hablára,
De esta manera decia:
—'Cuanto viéredes, condesa,
Cuanto viéredes encobrildo,
Daros ha el conde Alleman
Un manto de oro fino.'
—'Mal fuego le queme, madre,
El manto de oro fino;
Cuando en vida de mi padre
Tuviese padrasto vivo.'
De alli se fuera llorando,
Al conde su padre ha visto.
—'¿Porque llorais, la condesa?
Decid ¿quien llorar os hizo?'
—'Yo me estaba aqui comiendo,
Comiendo sopas en vino,
Entró el conde Alleman
Y echólas por el vestido.'
—'Calleis, mi hija, calleis,
No tomeis deso pesar,
Que el conde es niño y muchacho,
Hacerlo ha por burlar.'

—'Cuando me tomó en sus brazos,
No me quizo respetar.'
—'Si el os tomó en sus brazos',
Y con vos quizo holgar
En antes que el sol saliese
Yo lo mandaré matar [1].'

[1] Romancero de D. Aug. Duran, tom. IV, p. I. Ochoa, Tesoro, p. 9.

VI

DOM ALEIXO

Tem este romance um viço, um frescor de originalidade que recende. Todo elle respira a graça desaffeitada da poesia primitiva. E todavia é fino, elegante, cheira a um salão de castello da meia edade, aos perfumes do *boudoir* de uma nobre donzella do tempo da 'Madre-silva' ou da 'Ala-dos-namorados.' Se o contaria o condestabre á sua dama? Ou o Magriço áquellas misses de olhos azues que foi defender a Inglaterra? Ou se o traria de Normandia o conde de Abranches?

Sabemos que éstas coisas eram ja mais moda então do que as inrevezadas trovas trovadas d'elrei Dom Diniz e de seus donzeis e discipulos, pois temos nos chronistas a auctoridade de Nun'alvares Pereira, que era o grande

modelo de seu tempo, e preferia os romances d'elrei Arthur e de sua Tavola, a todas as pieguices alambicadas da eschola provençal.

Não quero dizer que seja 'Dom·Aleixo' tam antigo como 'Amadis' em sua linguagem e composição. Digo que a historia e o modo de a contar sabem a esses primitivos tempos. Vasco de Lobeira póde ser mais velho um seculo ou dous; mas o menestrel que disse este cantar, não o fez mais moderno, talvez menos. Na mesma montanha e na mesma estação do anno varía a temperatura, o clima e a vegetação por tal modo, que o viajante póde imaginar-se estar no mesmo dia, na primavera e no hynverno, no estio e no outomno, segundo sobe para a cumiada ou desce para a falda da serra. Ainda no mesmo ponto e no mesmo jardim florece em Janeiro a planta que está no abrigo, exposta ao sol, livre da geada; em quanto sua egual e sua irman gela sem flor nem folha ao desabrido sôpro do nordeste. Será mais dobrada e mais brilhante a flor d'aquella; mas quando estoutra rebentar aos bafejos da primavera natural, o seu viço

e perfume hãode ser mais vivos e de mais fôrça.

Assim é com a poesia: na mesma geração o poeta lido e lettrado produzirá odes e sonetos que pareçam dous seculos mais modernos do que as incultas coplas do seu contemporaneo. N'aquelles a moda, a imitação dos modelos estimados do tempo, lhe estampará com todas as lettras o anno de sua composição: a originalidade d'estes não traz data, nem a tem, porque a natureza não varía com os seculos.

Não vemos nós tambem a gente dos campos em muitas provincias da Europa trajar ainda hoje as modas de ha seis ou sette centos annos, e de mais? As populações do Oriente, os povos pastores com especialidade, não vestem ainda hoje como nos mais remotos tempos de que saibamos?

Faço e escrevo éstas considerações, porque ellas são precisas para avaliar conjecturalmente o que não tem livros nem monumentos nem documento outro algum por onde se estude ou se affira.

'Dom Aleixo' é dos nossos romances populares o que me chegou mais corrupto, interpolado, e de que menos licções provinciaes pude obter; so uns fragmentos da Beiralta e outros de Lisboa. Se não fôra a cópia do cavalheiro de Oliveira—de que me não valho senão em extremos, porque lhe dou menos fé que ás tradições oraes do povo—tinha-me sido impossivel restitui-lo. Ainda assim, algumas raras palavras foram por mim conjecturalmente substituidas. Taes são na copla que diz:

Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar.

A tradição oral de Lisboa diz:

Eu por ti menos daria:

o que não faz sentido algum; e devia de ser:

Eu te incommendaria;

sendo alli a rhyma em *ia*, não em *ar* como na nossa.

O argumento do romance é gracioso e lindo, pôstoque remate bem tragicamente. De tres irmans que viviam junctas, a mais pequena era tam amiga de saltar e folgar, que uma

noite se vestiu de pagem, e passeiando, rua abaixo rua acima, ao pé de sua casa, fingia querer cortejar alguma das tres irmans que alli moravam, e que tam parecidas eram, tam de *egualhar*, que ella dizia, em desprendido stylo leonino—e esse sim que é o mesmo em todos os tempos:

> Das tres irmans que aqui moram,
> A qual heide eu namorar?

Dom Aleixo, seu apaixonado d'ella, sentado no poial aopé da porta, e disfarçado em ermitão, via com despeito as fanfarronices d'aquelle atrevido pagem que não reconheceu, e lhe quiz metter medo com uma supposta espera que lhe estavam fazendo. Mas a dama-pagem tinha animos de cavalleiro, affrontou o perigo em vez de fugir. E quando Dom Aleixo reconhece a sua amada e lhe vai a deitar os braços, ella o fere mortalmente com um punhal. É singela a historia, mas verosimil e interessante, como são todas éstas que os nossos menestreis cantavam.

Não apparece vestigio algum d'este romance nas collecções castelhanas.

DOM ALEIXO

Nós eramos tres irmans[1],
Todas tres de um egualhar;
Uma insinava á outra
A cozer e a bordar:
A mais pequena de todas
Se foi, por noite, a folgar[2]
Com duas tochas accesas
Á porta do laranjal[3].

[1] É visivel o êrro e corrupção das licções que, faltando á rhyma obrigada, lêem, como n'esta:
Nós eramos tres irmans
Todas tres de um parecer;
Uma insinava á outra
A bordar e a cozer. — BEIRALTA.

[2] Andava pelo pomar — LISBOA.

[3] Ao redor do laranjal — BEIRALTA.

Vestiu vestido de pagem,
Que lhe ficava a mattar,
Seu punhal de oiro na cinta,
Seu borzeguim de alamar.
Foi-se pela rua abaixo,
Tornou acima a voltar:
—'Das tres irmans que aqui moram,
A qual heide eu namorar?'
Nós de dentro do balcão,
A rirmos de seu brincar[4].
As tochas tinha apagado,
Vinha sahindo o luar,
Passando junto da porta,
Que os olhos foi a baixar,
Viu estar um ermitão
Assentado no poial.
—'Que fazeis aqui, meu padre,
Que fazeis n'este logar?'
O ermitão, sem responder,
Começou-se a levantar...
Tam alto em demazia,
Alto, alto de pasmar[5].
—'Se tu es a coisa má,
Eu te quero esconjurar,
Ou se es alma que anda em penas,
Te farei incommendar[6].'

[4] Folgar — BEIRALTA.
[5] Que era coisa de pasmar — LISBOA.
[6] Farei incommendar a tua alma, rezar por ti, dizer missas, etc.

—'Eu não sou a coisa má
Que tenhas de esconjurar;
Tambem não sou alma em penas
Para tu me incommendar:
Sou a alma de Dom Aleixo,
Que aviso te venho dar[7]:
Sette tē estão esperando
Na esquina, áquelle portal,
E juram por Deus sagrado
Que a vida te hãode tirar.'

—'Pois eu por esse lhe juro[8],
E pela Virgem Maria,
Que outros sette que elles foram,
Eu atraz não tornaria.
Oh lá, oh lá, cavalleiros,
Não levem de covardia,
Puchem por suas espadas,
Que eu pucharei pela minha.
O que não trouxer espada,
Eu ésta lhė imprestaria,
Que eu cá com meu punhal de oiro
Defenderei minha vida.'

Palavras não eram dittas,
O ermitão se descubria,

[7] Que te venho avisar — LISBOA.
[8] Pois pelo mesmo lhe juro — BEIRALTA.

Foi a tomá-la nos braços
Com sobeja demazia...
Ella com seu punhal de oiro,
Que na cintura trazia,
Tal golpe lhe deu nos peitos,
Que alli por morto cahia.
—'Quem te mattou, Dom Aleixo,
Quem te mattou, minha vida?'
—'Mattaste-me tu, senhora,
Que outro ninguem não podia.'
Ergue-te, Dona Maria,
Bem calçada e mal vestida,
Agora, por mais que chores
Tua alma fica perdida[9].

[9] Ésta última copla, que em todas as licções apparece, pertencerá comeffeito ao romance? Ou será fragmento de outro que se lhe cozeu pela ignorancia do vulgo? As minhas conjecturas inclinam-me á segunda d'estas opiniões; mas conservei a copla no texto por não incontrar uma so licção em que ella não venha. Certo é porêm que as licções aqui são todas fragmentos.

VII.

SYLVANINHA

A rudeza da linguagem, a descompostura do stylo, e a nudez, pôsto que innocente, de algumas expressões e imagens characterizam o romance popular da 'Sylvaninha' por uma das mais antigas composições que a tradição dos povos tem conservado, de tempo immemorial, na nossa peninsula. Não dei com elle em nenhum romanceiro ou cancioneiro castelhano; mas não ha provincia de Portugal onde, mais ou menos completo, se não cante.

A cópia de que me servi quando pela primeira vez o publiquei em 1828, como fundamento e illustração da 'Adozinda [1],' tinha sido obtida em Lisboa pelo paciente zêlo de uma menina da minha amizade, que ia escrevendo no papel o que ora lhe cantava ora lhe rezava

[1] Veja prefacio e notas do I vol. do ROMANCEIRO, segunda edição (da Adozinda), Lisboa 1843.

uma criada velha da provincia do Minho, ha muito anno aqui residente. Vai agora melhor restituido o texto com o auxilio de outras cópias que me mandaram da Beira e do Ribatejo.

O assumpto d'este romance é feio e desnatural; mas são os que mais interessam o vulgo em toda a parte, e que preferiram sempre os poetas nas primitivas edades das nações. O coração aspero e cru, os sentimentos duros dos povos semibarbaros precisam d'esses violentos stimulos para vibrar—diz Sir Walter Scott [1]—o espirito ainda não está purificado bastante para fugir, como em tempos mais civilizados, de tam asquerosos meios de excitar interêsse.

A vaidade de poeta môçò fez-me escolher ésta xácara para provar n'ella a mão quando me insaiava a *traduzir*, para a lingua e poesia de hoje, alguns dos antigos vestigios dos nossos obscuros Enios da meia edade, porque me irritavam essas mesmas difficuldades e me lisongeava de as vencer. Da Sylvana nasceu pois a Adozinda, e em tam boa hora que d'ahi

[1] Minstrelsy of the Scottish Borders.

data o gôsto da poesia popular entre nós: por onde não fui tam infeliz, apezar dos escrupulos com que fiquei, assim da perigosa trama que escolhêra, como da timida ordidura com que a cubri.

Hoje sería affectação ridicula omittir aqui aquelle texto em toda a sua crua nudez. Boa é a maxima dos romanos: *Facinora ostendi dum puniantur, flagitia autem abscondi debent.* Mas não será da publicação pela imprensa de uma xácara velha, que anda na memoria dos povos, que hade vir a pollução do espirito, e menos ainda o derrancar do coração, que é a verdadeira doença-mãe de todas as doenças moraes.

Quanto se póde julgar de uma coisa tam desbotada do tempo e das mãos por que tem passado, inclino-me a crer que ésta singela rhapsodia popular é anterior ou, se contemporanea, extranha á polida e estudada litteratura provençal do seculo XIII.

Que ja no tempo de D. Francisco Manuel de Mello ella era havida por coisa muito antiga, e de nenhum modo castelhana, temos bom

documento no seu 'Fidalgo aprendiz,' jornada segunda[1]:

BRITES
Entoay, por meu prazer,
Qualquer coisa.

GIL
Sem guitarra?

BRITES
Eylla; tomay.

GIL
'Passeava-se Sylvana
Por um corredor um dia...'

BRITES
Ay senhor! eu não queria
Senão lettra castelhana.

GIL
Cantarey algaravia,
Se mandays; pois que quereis?

BRITES
Uma lettra nova quero...

O pensamento, o fundo das ideas, o primeiro desenho e, quando muito, o tom do colorido geral, é o que se deve examinar e considerar n'estes esbocetos antigos, tantas vezes pintados e repintados por pinceis de cada vez mais grosseiros e ignorantes, e sôbre tudo impenhados sempre em modernizar, pôr á moda

[1] Ed. de Leão de França, 1665, pag. 247.

e *fazer bonito* o que lhes parecia tosco e grosseiro, so porque era simples e original.

O stylo, as palavras, a fórma toda exterior de um d'estes romances parecerá muitas vezes, á primeira vista, de um seculo, e d'esse é com verdade, porque n'elle foi refeito ja na sexta ou septima traducção oral; quando originalmente elle foi composto outros tantos seculos antes.

Não ponho senão as variantes mais notaveis; tem muitas outras, e infinitas quasi, este romance, por ser dos mais populares e espalhados em todas as provincias. N'um curioso exemplar da Beiralta, em vez de começar como aqui começa e geralmente se diz, o principio é estoutro, accrescentado decerto por mão ignorante e sem tacto:

> O conde de Villa-Flor,
> Com ser o conde maior,
> Com ter ja tres filhos homens,
> Lindos como o mesmo sol,
> A sua filha Sylvana
> De amores accommettia:
> —'Bem podéras tu, Sylvana,
> Commigo fallar um dia.'

No resto differe pouco da licção geral.

A 'Adozinda' feita sôbre a 'Sylvana' e em geral a poesia popular portugueza deram motivo a um interessante artigo que se publicou no num. xx do *Foreign Quarterley Review* de Londres, Outubro de 1832. Copia-se aqui a parte respectiva, não so pelas curiosas observações do escriptor inglez, mas pelos tractos da traducção ingleza mais curiosos ainda.

We have already intimated that the long slighted *xacara* has at length found a cultivated admirer; and this admirer is the Senhor Almeida Garrett, whose attention seems to have been recalled to what formed the delight of his infancy, by the universal modern rage for old national legends and songs. He has collected the fragments of many mutilated *xacaras*, and in the introduction to Adozinda speaks of publishing them, with versions so far modernizing them as to render the language and stories intelligible. We are great lovers of such lore; and the Portugueze nature is so essentialy poetical, that we are satisfied Lusitanian lispings in numbers must be amongst the sweetest of early remains.

Adozinda is not exactly a specimen of what this work would be; in it the *xacara* fragments having grown into a poetical romance in four short cantos, and being altered, as well as dilated and completed. They could not else have appeared in these days of refinement; for the tale is founded on a passion revolting to human nature, and requires the utmost delicacy of management to render it endurable. Our author has done much to soften its offensiveness; indeed, as much as in most parts of the continent will, we conceive, be thought sufficient. English readers are [1] however, more fasti-

[1] Esta vaidade da pruderie ingleza pavoneia-se aqui muito fóra de proposito. Nas collecções de Percy e de W. Scott ha coisas tam pouco con-

dions; and there are parts of this poem which we could neither translate nor even insinuate comfortably. We must therefore tell the story briefly in our own way; first giving the description of Don Sisnando's return home from the moorish wars, and concluding with extracts from the catastrophe. As usual we imitate the metre of the original, to which belongs the intermixture of unrhymed lines.

Lo! what crowds seek Landim palace
Where it towers above the river!
Sounds of war and sounds of mirth
Through its lofty walls are ringing!
Shakes the drawbridge, groans the earth
Under troops in armour bright;
Steeds, caparisoned for fight,
Onward tramp: — o'erhead high flinging
Banners, where the red cross glows,
Standard-bearers hurry near, —
Don Sisnando's self is here!
From his breastplate flashes light;
Plumes that seem of mountain snow
O'er his dazzling helmet wave;
'Tis Sisnando, great and brave!

'Open, open, castle portals!
Pages, damsels, swiftly move!
Lo! from Paynim lands returning
Comes my husband, lord, and love!'
Thus the fond Auzenda cries
Tow'rds the portal as she flies.
Gates are opened, shouts ring round;
And the ancient castle's echo
Wakens to the festive sound;

fortaveis como ésta, ou menos talvez. Myrrha e Canacee, não a leem elles em Ovidio, sem fazer estes tregeitos de hypócritões que são, os nossos alliados?

'Welcome! welcome, Don Sisnando!'

* * * * *

Weeps her joy Auzenda meek,
Streams of rapture sweetly flow;
Down the never-changing cheek
Of the warrior stout and stern,
Steals a tear-drop all unheeded —
Stronger far is joy than woe!

Recovering from his conjugal transports, Don Sisnando asks for his daughter:

At his side his daughter fair
Trembling stands with downcast air.
Like some modest star she seems,
In the hot and vivid beams
Of the sun, uprising bright,
Seen as beautiful as ever
But pale, dim, bereft of light.

Three long years had Don Sisnando
Fought against the Moorish crew;
And unknown in this fair dame
Now his daughter met his view—
'See her here!' the mother cries,
Round her waist an arm entwining;
'See her here, my Lord!'—What flame
Blazes in the father's eyes
Fixed upon his lovely daughter;
Wonder with delight combining,
Long he stands in rapture mute.
Adozinda sighs and blushes,
Whispers 'Father!' tremblingly,
Bends in languid guise her knee,
And on the paternal hand
Breathes with icy lips a kiss.
Whilst of tears a torrent gushes,
Tears she may no more command.

Our hint as to the revolting character of the story may, perhaps, have prepared the reader to perceive that the father has fallen in love with his own daughter. Adozinda had been forewarned of the horrors awaiting her by a hermit, to whom she, as a child, had persuaded her ungentle father to grant hospitality, and she has ever since habitually passed her nights in solitary prayer in a haunted grotto. Here her father surprises her, and she only escapes the impetuosity of his loathsome passion by promizing to admit him to her chamber the following night. Her still beautiful mother takes her place; and the father, enraged at discovering the holy fraud, shuts up Adozinda, withoud clothes or drink, for seven years and a day, in a roofless tower, where a Moorish king had so imprisoned a faithless wife. He then retires to his chamber where none may intrude:—

And the father is alone.
He alone? With him remain
They that ne'er desert their own:—
Sin, remorse and gnawing pain.
* * * * *
Dawns at length th' appointed day;
Adozinda's years of doom,
Years and day, at eve expire.
Scorched i' th' sun's meridian ray
Seems the solid earth on fire.
From yon prison's sullen womb
Hark! what accents force their way?
Accents seven long years unheard.
'Tis a voice that asks compassion;—
Hearken to each piteous word—
'Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break.'

That was Adozinda fair,
All her accents recognize;

To her prison throngs repair,
On the loop-hole fix their eyes,
And 'she lives! she lives!' they shout
'Lives the innocent oppressed!'
Then amidst the wond'ring rout
Stories of her patience spread;
All the virtues are confessed,
Of the Angel mourned as dead.—
Hark! again those sounds are heard!
Hark! again each piteous word
Seems the prison walls to shake.
'Give, Oh give a draught of water!
One sole draught for mercy's sake;
Here unsheltered I am burning
And my very heart will break.'

Every breast was moved to grief,
But her father who might brave?
Weeping they this answer gave—
'Angel, yet a while endure,
Swift deliverance is sure,
He, thy Sire, must bring relief.
Now the seven long years are gone,
And the day is well nigh done;
Yet an hour 'gainst death contend,
Then thy sufferings must end.'

Adozinda answers that she cannot hold out another hour. She tells how she has been supported against thirst, heat and cold, through the seven years by a continued miracle, but that the hand of God has been withdrawn from her for the last three days, and she can endure no more. She concludes by again repeating her stanza of supplication. The tidings reach Don Sisnando; —

And within his stony breast
Cruelty has died away,

Dawns of pily a faint ray:
From his parched, sepulchral eyes,
Terror, that on all impressed,
By the hand that will chastise
Touched, burst tears of human anguish.

* * * * *

To the tow'r he rushes, shouting
'Water! quick, bring water here!
Hasten, hasten all to aid
Th' innocent ill-fated maid,
Murdered by her father's hands!'
Shouting thus he hurries near;
And beneath the prison stands,
Where sad Adozinda moans,
'Daughter! yet 'tis time—Oh live!
Daughter, daughter, Oh! forgive
This vile murd'rer!'—Passion's force
Choaks his accents, choaks his groans;
Voice, strenght, breath, have sudden failed him—
On the earth he lies a corse.

These events raise Auzenda from what was thought her death-bed. She totters to the foot of the tower, and orders her daughter to be released. But no exertions can burst the prison doors, till the Hermit who had forewarned Adozinda arrives. At his word the tower opens. — Adozinda is dead—and dead he leaves her. But Don Sisnando he recals to life, that the sinner may, by long and painful penitence, atone his crime. The guilty father departs with the hermit, and is seen no more; but even to the present day,

Still at midnight's solemn hour
Underneath that ruin'd tow'r,
Through th' adjoining chapel, sound
Voices mingling words and groans—
'Pardon! pardon!' echoes round.—
Those are Don Sisnando's tones.

SYLVANINHA

Passeiava-se a Sylvana
Pela corredor acima[1];
Violla de oiro levava,
Oh! que tam bem a tangia!
E se ella bem a tangia,
Melhor romance fazia.
A cada passo que dava,
Seu padre a commettia:
—'Atreves-te tu, Sylvana,
Uma noite a seres minha?'
—'Fôra uma, fôra duas,
Fôra, meu pae, cada dia;
Ma' las penas do inferno
Quem por mim las penaria?'

[1] Por seu corredor acima—MINHO.

—'Penà-las-hei eu, Sylvana,
Que las peno cada dia.'

Foi-se d'alli a Sylvana,
Mui agastada que ia;
Foi-se incontrar com sua madre
Lá no adro da ermida[2]:
—'Que tens tu, minha Sylvana,
Que tens tu, ó filha minha?'
—'Oh! quem tal pae não tivera,
Quem não fôra sua filha!
Que me accommette de amores,
Ó minha mãe, cada dia.'
—'Vai, filha, vai para casa,
Veste uma alva camisa,
Que o cabeção seja de oiro[3],
As mangas de prata fina:
Deitar-te-has no meu leito,
Eu no teu me deitaria...
E hade valer-nos a Virgem,
A Virgem Sancta-Maria.'

Lá junto da meia-noite
Seu padre que a accommettia...

[2] Entre a sala, e a cosinha—MINHO, EXTREMADURA.

[3] As camisas bordadas de oiro e prata eram uma das absurdas elegancias do luxo da edade-média em que nada se dava aos commodos e tudo á ostentação.

—'Se eu soubera, Sylvana,
Que estavas tam corrompida,
Oh! las penas do inferno
Por ti las não penaria...'
—'Ésta não é a Sylvana,
É a mãe que a paria;
Tambem pariu Dom Alardos,
Senhor da cavalleria,
Tambem pariu a Dom Pedro,
Principe da infantaria[4],
Tambem pariu a Sylvana
Que seu pae accommettia[5].'
—'Oh! mal haja que haja a filha
Que seu padre descubria!'
—'Oh! mal haja que haja o padre
Que sua filha commettia!'
Manda-a metter n'uma tôrre
Que nem sol nem lua via;
Dão-lhe a comida por onça
E'a agua por medida.
Ao cabo de sette annos
Veis a tôrre que se abria...

Assomou-se a Sylvana
A uma ventana mui alta,

[4] *Principe* na significação de chefe é commum na linguagem dos seculos XI, XII e XIII.

[5] Que de ti foi commettida — BEIRABAIXA.

Foi-se incontrar com sua madre
Lavrando n'uma almofada [6]:
—'Estejais embora, madre,
Ó madre ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua;
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma.'
—'Dera-t'a eu, filha minha,
Se a tivera salgada,
Que ha sette para oito annos
Que por ti soù mal casada.
Se teu padre tem jurado
Pela cruz de sua espada,
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada!'
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se incontrar c'os irmãos
Que estavam jogando as cannas:
—'Estejais embora, irmãos,
Meus irmãos ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma!'

[6] Cozendo n'uma almofada — EXTREMADURA.

—'Dera-t'a eu, irman minha,
Se a tivera impeçonhada[7]:
Que nosso pae tem jurado
Pela cruz da sua espada[8]
Quem primeiro te desse agua
Tinha a cabeça cortada.'
Assomou-se a Sylvana
A outra ventana mais alta,
Foi-se incontrar com seu padre
A jogar a imbocada:
—'Estejais embora, padre,
Padre meu ja da minha alma:
Peço-vos por Deus do ceo
Que me deis um jarro d'agua,
Que se me aparta a vida,
Que se me arranca a alma...
E de hoje por deante
Serei vossa namorada.'
—'Alevantem-se, meus pagens[9],
Criados da minha casa,
Uns venham com jarros de oiro,
Outros com jarros de prata:
O primeiro que chegar
Tem a commenda ganhada,
O segundo que chegar
Tem a cabeça cortada.'

[7] Se a tivera salgada — LISBOA.
[8] Pelos cunhos da espada — ALEMTEJO.
[9] Alevantem-se, meus moços — MINHO.

Os criados que chegavam,
Sylvaninha que finava
Nos braços da Virgem sancta,
Dos anjos amortalhada[10]!
Vai-te embora, Sylvaninha,
Sylvaninha da minha alma:
Tua alma vai para o ceo,
A minha fica culpada.

[10] Dos anjos acompanhada — RIBATEJO.

VIII

BERNAL-FRANCEZ

Desde que em 1828 publiquei em Londres pela primeira vez a interessante rhapsodia de poesia popular que leva este titulo, ella tem feito a volta da Europa, sendo traduzida em diversas linguas, ja no proprio fragmento, ja na reconstrucção ou imitação d'elle que ao mesmo tempo dei á luz.

Ultimamente recebi de Inglaterra, do meu amigo o cavalheiro João Adamson [1], uma nova traducção ingleza, differente e mais acabada do que essoutra que dei no primeiro volume do ROMANCEIRO [2]; de Hespanha chegou tam-

[1] Na LUSITANIA ILLUSTRATA, Part. II, Newcastle upon Tyne 1846, se publicou ésta nova traducção.

[2] ROMANCEIRO GERAL, I. Lisboa 1843.

bem ha pouco uma bella e elegante versão em castelhano.

Junctarei aqui uma e outra para satisfacção do público portuguez, e em demonstração tambem d'um grande e importante theorema que ainda me parece não ser tam geralmente demonstrado quanto precisa sê-lo entre nós; vem a ser: Que quanto mais nacional, mais estrême e puramente nacional é uma obra, mais agrada aos proprios extrangeiros, mais segura está de se generalizar e ser conhecida no mundo litterario. O que não tem côr nacional, o que póde ser para todos, é o de que todos fazem menos caso.

Mas não so como obra litteraria, ou como coisa de imaginação e objecto de curiosidade são interessantes éstas reliquias. Eu creio n'ellas como coisa historica. E tenho mais fe n'esses documentos que nos conserva o povo com toda a sua ignorancia, do que n'essoutros que deixou escriptos a sapiencia dos lettrados. O povo altera, traduz, corrompe, mas não inventa.

Vou pôr aqui, restituido e apurado por lon-

go trabalho de meditação e comparação de muitos exemplares, o texto original do 'Bernal-Francez' segundo o conservou essa tradição.

É este um dos mais bellos e seguramente mais antigos romances da nossa peninsula. Não apparece, como ja n'outra parte disse [1], em nenhum dos romanceiros castelhanos, nem na vasta collecção de Ochoa; e denota todo elle mais antiguidade que os mais antigos que n'aquelles codices se acham. Os neologismos da dicção devem-se ás causas ja referidas tantas vezes, que todas estão no variavel e pouco seguro cofre da memoria popular em que têem andado guardadas éstas reliquias, sem mais authêntica do que essa mesma recordação immemorial, bastante em direito para outras posses; porque o não será para ésta?

Além de não andar nas collecções da nação vizinha e irman, nenhum vestigio de idiotismo seu, nenhum resaibo castelhano se nota n'esta composição toda portugueza. As agudezas e artificio dos trovadores da côrte de D. Diniz

[1] Tom. I do ROMANCEIRO, pag. 91.

e de Affonso III tambem aqui são extranhas; é mais antiga e menos polida a civilização que a produziu.

Quando sôbre ésta simples tela bordei o pequeno poema que se publicou em 1828 com a Adozinda, o original de que me servi era muito mais imperfeito e cheio de lacunas, e unicamente fôra copiado da licção vulgar da Extremadura. A que dou agora, alêm de revista pelos manuscriptos do cavalheiro de Oliveira, foi apperfeiçoada ainda pela collação com as diversas cópias das provincias do Norte, especialmente da Beirabaixa que são, em meu intender, as mais seguras, segundo ja observei tambem [1].

Chamei-lhe então xácara: duvido agora se a classificação foi bem feita; duvido até da mesma theoria da classificação que tenho procurado estabelecer ás apalpadellas. Acham-se, é verdade, éstas variadas designações: *romance* ou *rimance, xácara, soláo,* que parecem indicar especies; e ainda as que parecem

[1] Veja o vol. cit. I do ROMANCEIRO.

ser mais genericas, de *trova, cantiga, cantar, canção:* mas o que ellas sempre designem ou quizeram designar não é facil determiná-lo com segurança. Mais modernas cuido que são as denominações de *loa, barca, tenção, chacota;* e tambem éstas não estão bem appuradas em suas distincções characteristicas. Umas eram talvez determinadas pela fórma exterior metrica, outras pelo stylo ou tom, outras pelo objecto e assumpto, outras finalmente pelo uso, pela solemnidade a que eram consagradas, pela occasião para que eram compostas.

Ja disse que o romance me parecia ser em sua origem um canto epico, isto é, todo narrativo, pouco ornado, pouco lyrico. Os romances pastoris, os satyricos, os facetos, os eroticos, os mesmos moiriscos do seculo XVII, são ja aberrações visiveis, ou, pelo menos, novas especies produzidas pela cultura artificial da planta primitiva.

A xácara é toda dramatica: o poeta falla pouco ou nada, não narra elle, senão os seus interlocutores que apenas indica, e nem sempre claramente.

Mas êstas duas especies, se o são, junctaram-se muitas vezes, e produziram, ora o *romance-xácara* em que predomina a narrativa epica sem exclusão do drama; ora a *xácara-romance* em que o dialogo é auxiliado de breves, brevissimas indicações, quasi rúbricas ou direcções de scena, que faz o poeta a raros intervallos. O povo, em muitas das coisas que recíta d'este genero, diz as fallas em verso e cantando, e as indicações narrativas em prosa, sem restricção a texto positivo, e mais ou menos diffusamente segundo o talento ou a verbosidade do recitador.

O *romance* e a *xácara* têem em geral a mesma lei metrica, do consoante ou assoante fixo e do número octosyllabo [1] dos versos. O chamado romance hendecasyllabo dos fins do seculo XVII é degeneração completa; e assim foi que precedeu logo a morte d'elle.

O *solão* será sempre cantar triste como indíca Bernardim-Ribeiro? Narrativo é elle tam-

[1] Apparecem, por excepção, alguns romances que os nossos chamam *em endexas*, compostos, segundo uns, em versos alexandrinos de dôze syllabas, segundo outros, em versos de seis syllabas, tomando o hemystictico por unidade.

bem pelo que tam claro nos diz Sa-de-Miranda. Mas uma coisa não exclue a outra. Eu inclino-me a crer que o soláo é um canto epico ornado, em que as effusões lyricas accompanham a narrativa de tristes successos, mais para gemer e chorar sôbre elles, do que para os contar ponto por ponto.

Cantiga deve de ser a expressão lyrica e improvisada de um sentimento.

Cantar é talvez o genero de todas éstas especies.

A *trova* mais artificial, mais elaborada, *achou-a* o poeta com estudo, cingindo-se a regras mais severas de metro ou de stylo: trovar (trouver, trovare) é *achar;* e para achar, procura-se, trabalha-se.

Canção tambem é termo generico, mas inculca mais artificio do que a *cantiga* e o *cantar:* entre nós designa mais strictamente a ode romantica da meia-edade com certas fórmulas de metro e divisões regulares de strophes.

Loa virá do latim *laus?* Póde ser; é um canto de louvor mas por certo modo e regra. A loa *deita-se* ainda hoje nos cirios das provin-

cias do Sul, recita-se nos presepes do Natal das provincias do Norte do reino. É um cantar de anjos, de genios, de espiritos; mas dramatico, dialogado: é um côro hyeratico que se intoa, que se *deita* do ceo para a terra, que entes superiores cantam para ouvirem homens e deuses. Os Thespis do nosso theatro começaram talvez por aqui, antes que Gil-Vicente e João da Enciña subissem ao seu tablado de novos Eschylos. Na descripção das festas do casamento do principe D. Affonso, chronica de D. João II, acho que algum tanto no-lo indicam as expresões de Garcia de Rezende; e mais claramente ainda o romance de Ayres Telles de Menezes — que n'esta collecção achará o seu logar respectivo. Ahi diz, descrevendo aquellas mesmas festas:

> Depois ledos tangedores,
>   Aa vinda da princeza,
> Fizeram fortes rumores,
>   Espanto da natureza;
> *Barcas* e *loas* fizeram,
>   E outras *representações*
> Que a todos gran' prazer deram,
>   Conforme suas tenções.

A *barca* (alguma coisa da barcarolla vene-

ziana?) era, creio eu, cantiga alternada tambem, e outra vez a vozes e côro, que o mar mandava á terra para tomar parte em seus regosijos. Navegantes, tritões, sereias, os habitantes reaes e os imaginarios do outro elemento, vinham a este cantar e deitar suas loas, que appropriadamente tomavam n'este caso o nome de barcas. Tambem se acham vestigios de barcas *ao divino*, compostas sôbre assumptos religiosos. Ao deante juntarei, em seu devido logar, um documento positivo e mui curioso exemplar d'esta gallante variedade, tam natural de nascer em um povo navegante e marinheiro como o nosso foi sempre.

Tenção é o *tençon* dos provençaes, distico breve, em methaphora ou ditto ingenhoso, ja accompanhando e explicando o symbolo heraldico de uma *empreza*, no escudo, na bandeira—ja expressando, em mais pacifico ensejo, os sentimentos intimos e recatados do poeta que quer que o adivinhem sem elle se explicar de todo. A *tenção* é originariamente cortezan; e so tarde e degenerada se relaxou ao braço popular.

Da *chacota,* do que ella era pelo menos no seculo XV e XVI, nos dá muitos exemplos e claro conhecimento o theatro de Gil-Vicente, precioso thesoiro de coisas populares, o mais ricco e variado que temos e, em minha opinião, mais ainda que os proprios cancioneiros, cujos collectores, homens so de côrte, desprezaram tudo o que não era alambicado pelas modas e polida affectação dos trovadores cortezãos; em quanto Gil-Vicente, homem do povo no meio do palacio, divertia seus amos com os dizeres, os gracejos, os modos originaes, as superstições antigas, as tradições immemoriaes, os cantares rusticos mas cheios d'alma, tinctos na côr fechada e forte que so o povo sabe dar e que não desbota.

A *chacota* era uma cantiga de rir e brincar, mas que mordia nos vicios, e nos ridiculos dos homens e dos tempos; uma especie de *sirvente* menos aspera e severa, nunca séria e grave como ella, e mais popular: cantava-se a vozes; muita vez era o remate, o côro final dos entremezes e das farças.

A mesma palavra *sirvente* ou *sèrvente,* e

a designação de versos *sirventesios*, não foi extranha aos nossos antigos, que houveram a palavra, e talvez confundiram a idea dos provençaes. Sabe-se que a *sirvente* do trovador era amarga, satyrica; por vezes foi o grito de guerra, o hymno revolucionario dos Alceus da meia-edade contra a tyrannia real e sacerdotal: à sirvente nossa creio que era toda ascetica e religiosa, senão é que mystica.

Mas repitto com sinceridade, que sim tenho consciencia de navegar para a verdadeira latitude, não tenho certeza da longitude: as observações são imperfeitas, e quasi todos estes calculos fundados em hypotheses vagas. Os nossos philologos, que elucidaram tanta coisa insignificante, desprezaram sempre a litteratura popular como indigna de seus classicos estudos. Faria-e-Sousa, e alguns poucos mais, que tinham o instincto da sua importancia, sacrificaram aos prejuizos do tempo; e, ou por credulidade ou por pouco escrupulo, fizeram-lhe fracos serviços, porque os fizeram sem verdadeira fe e lisura.

BERNAL-FRANÇEZ

—'Quem bate á minha porta,
Quem bate, oh! quem 'stá ahi?'
—'Sou Bernal-Francez, senhora;
Vossa porta, amor, abri.'
—'Ai! se é Bernal-Francez,
A porta lhe vou abrir;
Mas se é outro cavalleiro,
Bem se póde d'ahi ir.'

Ao saltar de minha cama
Eu rompi o meu frandil[1]

[1] *Frandil,* ainda hoje usado em Tras-os-montes, significa *fralda* no sentido metonymico antigo, por camiza ou gibão branco de fralda.

Ao descer de minha escada
Me cahiu o meu chapim [2],
Ao abrir a minha porta
Me apagaram o meu candil... [3]
Pegára-lhe pela mão
E o levei ao meu jardim,
Fiz-lhe uma cama de rosas,
Travesseiro de jasmins,
Lavei-o em agua de flores
E o deitei a par de mim...'

—'Meia noite ja é dada
Sem te voltares p'ra mim;
Que tens tu, amor querido,
Que nunca te vi assim?
Se téme-los meus criados,
Não virão agora ahi;
Se téme-los meus irmãos,
Elles não moram aqui;
Se de meu marido temes,
Longes terras foi d'aqui.
Por má traça o mattem moiros [4],
E a nova me venha a mim!..'
—'Não temo de teus irmãos

[2] Sapato, chinela.
[3] Candea, vela.
[4] Má traça! moiros o mattem,
Novas me venham a mim.—RIBATEJO.
Más cutiladas o mattem—BEIRALTA.

Que bem sei que são por mim[5],
Não temo dos teus criados
Que mais me querem que a ti;
A teu marido não temo,
E d'elle nunca temi...
Teme tu, falsa traidora,
Pois o tens a par de ti!'
—'Ai! se tu es meu marido,
Quero-te mais do que a mim...
Oh que sonho, tam mau sonho,
Que eu tive agora aqui!
Ergamo'-nos ja, marido,
Deixa-me vestir d'ahi.'
—'Calla-te, falsa traidora,
Que não me inganas assim.
Deixa tu vir a manhan,
Que eu é que te heide vestir:
Dar-te-hei saia de grana[6]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Pois tu o quizeste assim.'

[5] Pois cunhados são de mim — ALEMTEJO.

[6] Dar-te-hei saia de guarane. — EXTREMADURA, BEIRALTA e VÁRIAS. Se não é corrupção de *gran* ou grãa, estôfo, roupa tinta de gran, vermelha, só se for derivação do francez antigo *guare* (de duas côres) — o *garanvaz* das nossas antigas leis sumptuarias. Em quasi todas as cópias vem *guarane* e não *grana:* d'onde me inclino a crer que talvez a verdadeira licção original seja *guarane*. Eu àdoptei grana por ficar mais óbvio o sentido.

—'Deixa-me ir porqui abaixo[7]
Co'a minha capa a cahir,
Vou-me ver a minha dama
Se ainda se lembra de mim.'
—'Tua amada, meu senhor,
É morta que eu bem a vi:
Os signaes que ella levava;
Eu t'os digo agora aqui:
Levava saia de grana[8]
E gibão de cramezim,
Gargantilha de cutello,
Tudo por amor de ti.
Os sinos que lhe correram
Por minhas mãos os corri;
As andas em que a levaram
Eu de negro lh'as cobri;
Caixão em que a amortalharam
Era de oiro e marfim;
Os frades que a accompanhavam
Não tinham conto nem fim;
Sahiram-lhe sette condes[9],
Cavalleiros mais de mil;
As donzellas a chorar,

[7] Deixa-me ir porqui abaixo
Co'a minha capa cahida,
Quero ver a minha amada
Se é morta ou se inda é viva.—MINHO, RIBATEJO.

[8] Veja nota e variante 6.

[9] Foram ao seu sahimento ou intêrro.

Os pagens iam a rir.
Levaram-na a interrar
Á igreja de San'Gil.'

Palavras não eram dittas,
Por morto no chão cahi;
Passaram-se horas e horas
Quando me tornei a mim.
Fui-me áquella sepultura.
Queria morrer alli:
—'Abre-te, ó campa sagrada,
Esconde-me a par de ti!'
Do fundo da cova triste
Ouvi uma voz sahir[10]:
—'Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu que eu ja morri:
Os olhos com que te olhava
De terra ja os cobri,
Bôcca com que te beijava
Ja não tem sabor em si,
O cabello que intrançavas[11]
Jaz cahido a par de mim,
Dos braços que te abraçavam
As cannas vê-las aqui!
Vive, vive, cavalleiro,
Vive tu, que eu ja vivi:

[10] Uma triste voz ouvi — EXTREMADURA
[11] As tranças com que folgavas — AÇÔRES.

A mulher com quem casares
Chamem-lhe *Anna* como a mim;
Quando chamares por ella
Hasde-te lembrar de mim.
Conta-lhe os nossos amores,
Que apprenda na minha fim [12].
Filhas que d'ella tiveres
Insina-as melhor que a mim,
Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.'

[12] O povo, á maneira dos nossos antigos escriptores, ainda hoje faz *fim* ora masculino, ora feminino, mas não indifferentemente nem á toa. *Fim* como alvo, objecto, etc. é sempre masculino; como termo, acabamento da vida, ou de outro estado qualquer, sempre feminino, para elles.

TRADUCÇÃO INGLEZA

Mais para fazer acceito ao commum dos leitores um estudo e um gôsto que infallivelmente hade regenerar a nossa poesia e com ella a nossa lingua e litteratura toda, revertendo-a á simplicidade bella de sua origem natural, de que tam affastadas andam pela imitação pesada e contrafeita dos extrangeiros, mais para esse do que para nenhum outro fim litterario, *traduzi* em linguagem e modos menos rudos o *Bernal-Francez* pela fórma que appareceu na primeira edição de Londres e depois, com pouca differença, na de Lisboa[1].

D'essa que talvez possa chamar-se com propriedade a 'traducção litteraria do romance primitivo', ou mais exactamente ainda a 'traducção de sala' é que se fez a primeira versão ingleza publicada na segunda edição do Bernal-Francez em Lisboa[2].

Era essa traducção do meu amigo o Sr. John Adamson que, não contente assim com ella, me enviou outra mais apurada e perfeita, da qual não devo privar os leitores: ei-la aqui:

[1] Romanceiro, tom. i. Lisboa, 1843.

[2] Ibid.

BERNAL-THE-FRENCH

To the sea went Don Ramiro,
   Galley fair the warrior bore,
From the poop his conquering pennon
   Waved defiance to the Moor.

Sad th' adieus at his departing,
   Pangs of anguish rack'd his breast;
Many a year an anxious lover —
   Scarce twelve moons a husband blest.

You may not find a Spanish maiden
   As Violante fair to view —
Peerless she among earth's daughters,
   Had the heart been leal and true!

Loud beats the sea against the basement
   Of the castle's towering steep,
One only eye in that lone turret
   Keeps the watch that knows not sleep.

All is deep repose and slumber —
   All is silence — close the ward
Of jealous gate and stout portcullis
   While away the warrior Lord!

Still, at witching hour of midnight,
   Gleams on high a tiny spark;
And ever silent underneath it
   Floats a swift and vent'rous bark. —

And as night to night succeeded,
  Smooth or rough might be the sea —
Still above the light would tremble —
  Still beneath the bark would be.

Knew'st thou this, good Roderigo?
  Had'st forgot the sacred word?
With many a solemn pledge and promise
  Plighted to thine absent Lord?

Aye! or nay! no man may answer —
  Yet the vent'rous caraval
Still rocked beneath that guarded tower,
  Silent still the warder's call! —

One night at length full dark and drear, it
  Parted from the wonted shore —
Who it bore no man can tell us —
  But it came again no more.

As returned the hour of trysting
  Soft the light began to gleam —
But no swift advent'rous pinnace
  Answer'd to the luring beam!

Where the rock rebuts the billow
  Ope'd a secret postern gate —
Known alone to Don Ramiro,
  Warder tried and loving mate.

But, at deadly hour of midnight,
  Thro' that portal one hath gone;
Who ere while stands gently knocking
  At the Lady's Bower-alone!

—'Who without so rudely knocking
Slumber from mine eyes would move?'
—'Bernal am I of France, fair Lady!
Open to your Knight and love!'

From her bed of gold descending,
Robe of flowing silk she tore—
And the gust her lamp extinguish'd,
Gently tho' she ope'd the door.

By the trembling hand she led him
To her bower, this Leman bold:
—'How trembles all my bosom's treasure!
And this hand how chill and cold!'

Then, with sighs and burning kisses,
In her palpitating breast
By the faithless Violante
Were those chilly hands caress'd.

—'Hast thou come from far'—'Aye marry.'
—'Rough the sea?'—'As rocks above.'
—'Com'st thou arm'd?' Not waiting answer
Straight to loose each claspe she strove.

In essence pure of Arab roses
Quick the welcome form she bath'd,
And on her dainty couch she laid him,
All in folds of fragance swathed.

—'Fast the weary night is wasting.
Whisper none dost thou impart?
What ails my Love? let Violante
Share the woes of that lov'd heart?

'Is't thou fear'st my noble brothers?
Here their foot shall never fall.
Or doth Ramiro's kinsman daunt thee?
Feeble he to match Bernal. —

'Unconscious all my sottish vassals
Soundly sleep in cell and tower —
Safe our love, eye of mortal
Ne'er shall pierce this hidden bower?

'Fear'st Ramiro? — well thou know'st him
Gone o'er fields of fame to roam;
Long, O lusty Moor, detain him!
No regret shall haste him home.'

— 'Fear I not thy sleeping vassals —
Since mine own these vassals be,
Fear I not or frere or kinsman —
Frere and kinsman both to me!

'Fear I never Don Ramiro
Injur'd Lord — behold him here!
Here beside thee — faithless Leman!
Thine the heart may quail with fear!'

Fair the rosy sun new ris'n
Tips with gold each rock and tower —
Fairer still — to meet the Headsman
Violante leaves her bower.

Coarse and harsh the Sackcloth mantle
That those gentle limbs have on;
Rough and rude the rope that binds her —
Rope in place of jewel'd zone.

Weep the pages — weep the maidens —
Pity bids forget the crime —
Down the beard of injured Husband
Rain the tears like melting rhime.

Deep and dull the death-bell tolling
Signal gives the axe to raise;
—'Welcome death, the death I merit:'
(Thus that erring Lady prays) —

'Low before thee, Don Ramiro,
In the dust a boon I crave —
Pardon for the sake of pity,
Pardon — not that life shall save —

'But for the deadly wrong I've done thee!
Wrong that made thy bosom bleed,
Assoil me as I cower before thee
In this my hour of bitter need. —

'Faithless — I alone am guilty —
Never let thy vengeance fall
On him my baneful charms deluded,
Spare the wretched Knight Bernal!'

Quick the husband's love was kindling,
Pardon trembled on his tongue —
But at name of hated Bernal
Ruth and pity far he flung —

Flush'd his face with vengeful anger,
As from her he fain would save,
He tore his glance — and arm uplifting
Mad the fatal signal gave —

On that neck so clear and crystal,
Beauteous yet, though deadly white —
With a vigour fierce and fatal
Did the Henchman's axe alight.

Oh what dense and long procession
From the ancient gate departs!
Gathering crowds in silence see it —
Gathering crowds with aching hearts.

Torches and pale waxen tapers
Thro' the darkness and the gloom
Cast a dim and mournful glimmer —
Glimmer guiding to the Tomb.

Closed, within their hooded mantles,
Friars a requiem chaunt around;
Throb all hearts with aweful terror
At the bell's appalling sound.

Twice the moon her course hath wander'd —
In that loophole all is dark —
Yet o'er the channel, swiftly passing,
Plies the swift advent'rous bark. —

Pretty bark so ligth and buoyant —
Bark each billowy sea could brave —
The beam, that erst was wont to guid thee,
Ne'er again shall tinge the wave!

Lo, thy gentle Violante,
Queen of every witching charm,
For thee a dismal death hath suffered,
Fall'n beneath the Headsman's arm.

From Tower of St. Gil resounding
Hear'st thou not the knelling boom?
See'st thou not the torches glimmer?
Slow they bear her to the Tomb.

And now the funeral rites are over
Fix'd the cold sepulchral stone—
In those aisles, so lately crowded,
A cavalier is seen alone!

All of black his mournful raiment—
Blacker still his bosom's wound—
As by the new made grave despairing,
Flat he cast him on the ground.

—'Open, holy Tomb, thy portals—
Ope a broken heart to hide—
'Ope and fix in death that union,
Life to hapless love denied!

'Open, holy Tomb, thy portals!—
Hiding charms so passing bright—
My dark crime, with her ill-fortune,
Bury in eternal night.

'Open, holy Tomb, thy portals!—
Take a gift that I disown—
Let me yield for Violante
Life that lived on her alone!'

Fell his tears—fell fast and freely—
Groans of anguish heav'd his breast—
Firm he grasp'd his trusty faulchion.
So to give his sorrows rest.

But on the hilt his hand was frozen!
From the dark sepulchral mould
Arose a voice, still sweet and tender,
But so fearful and so cold...

Cold as the clay from wich it sounded,
Terror through each nerve it spoke;
The pulse of life was all suspended,
Cramp'd as tho' by palsy stroke!

—'Live, Sir Knight, O live belov'd!
Live tho' I no longer live—
Mine alone, who have deserv'd it,
Be the death our crime should give.

'Alas, beneath this frozen marble
Where cold horror laps my corse,
All that seems to hint existence
Is my love and my remorse!

'Arms, with which I once embrac'd thee,
Fix'd and rigid lie compos'd—
Eyes, which fondly gaz'd upon thee,
Clods of callous earth have clos'd:

'The mouth forsworn whith wich I kiss'd thee,
Boasts no more its honied dew—
The treach'rous heart with which I lov'd thee!
Oh! would that that were senseless too!

'Live, Sir Knight—O live belov'd!
Live and may'st thou belessed be!
And oh, thy life as husband—father
Guide by warning thought of me.

'The happy maiden, whom thou chooseth
 Give her Violante's name —
Be she in love a Violante —
 In love — but nought besides the same.

'The treasur'd children she may bear thee,
 Purer than mine their culture be,
That ne'er they lose themselves in passion,
 As I have lost myself for thee [1].'

[1] D'este e dos outros romances que formam o primeiro vol. do meu ROMANCEIRO, impresso em Lisboa, 1843, fez o Sr. Adamson o segundo vol. da sua 'LUSITANIA ILLUSTRATA' que me dedicou e foi publicado em New-castle 1846. Tambem deu depois outra edição das versões inglezas sem o texto portuguez com o titulo: BALADS FROM THE PORTUGUEZE TRANSLATED AND VERSIFIED BY J. A. and R. C. C.

TRADUCÇÃO CASTELHANA

A traducção castelhana do Sr. Isidoro Gil, ultimamente addido á legação d'Hespanha em Lisboa, pessoa de muita intelligencia e gôsto, foi publicada no jornal de Madrid, El Laberinto[1].

BERNAL FRANCES

Al mar se fué don Ramiro,
Rica galera llevaba;
Su pendon, terror del moro
En la alta popa ondeaba.

Tierna fué la despedida!
Vá en sus recuerdos sumido;
Con tantos años de amores
Ni uno cuenta de marido.

Que no hay dama en toda España
Tan bella cual Violante;
Ni igual la hubiera en el mundo
Si ella fuese mas constante.

Bate el mar la barbacana
Del alto muro almenado,
Solo en su torre el vijía
No cede al sueño pesado.

Todo calla y duerme en torno,
Todo es silencio ó pavor;
Redobla el celo en las puertas
Con la ausencia del señor.

[1] Tom. II, n.º 3, março de 1845.

Mas, allá entrada la noche,
Luz se vé en una tronera,
Y en la sombra deslizarse
Leve barca aventurera.

Y vuelve á verse otras noches,
Ya esté en calma ó recio el mar,
La misma luz á igual hora,
La misma barca pasar.

¿Ignora esto el buen Rodrigo,
Que á su señor prometió
Cumplir fiel el juramento
Que entre sus manos prestó?

Ignóralo, ó no lo ignora:
Mas la barquilla ligera
Que al pie de la torre immóvil
Yacia allá en la ribera,

En noche triste y oscura
Del mar desaparecio;
Que fué de ella no se sabe,
Mas sí se fué, nó volvió.

Y la luz del torreon
Vióse á igual hora brillar...
Mas la barca aventurera
No llegó a verse pasar.

De la roca el pie escarpado
Recela oculto postigo,
Solo le sabe Violante,
Su esposo, y el fiel Rodrigo.

Y un negro bulto en la noche
El postigo traspasava,
Y á la puerta de Violante
Blando llamar se escuchaba:

—'Quién asi llama á mi estancia?
Quién llama? Oh! quién es? decid.'
—'Soy Bernal-frances, señora,
Al amor la puerta abrid.'

Al bajar del lecho de oro
La fina holanda rasgó,
Al abrir quedo la puerta,
La luz el viento apagó.

Con trémula mano asiéndole
Á su aposento lo guia:
—'Cuál tiemblas, amor querido,
Cuâl siento tu mano fria!'

Y con ósculos ardientes,
En el seno palpitante
Sus yertas manos calienta
La enamorada Violante.

—'De lejos vienes?'—'De lejos.'
—'Bravo estava el mar!'—'Tremendo.
—'Y estas armas!'—No responde.
Ella las va desciñendo.

En pura esencia de rosas
Al tierno amante bañó,
Y en su lecho regalado
A par de si le acostó.

—'Media noche es ya pasada
Sin que hácia mi te tornáres
Que tienes, querido amante,
Que me encubres tus pesares!

'Si temes de mis hermanos,
No han de venir hasta aquí;
Si de mi cuñado temes,
Él no es hombre para ti.

'Mis criados é vasallos
Á hora tal han de dormir,
Ni de nuestro amor sospechan,
Ni lo pueden descubrir.

'Si de mi marido temes,
Á luengas tierras marchó,
Allá lo detengan moros,
Ningun recuerdo dejó.'

—'Yo no temo á tus criados,
Juráronme sumission;
Cuñado ni hermanos temo,
Mi hermano y cuñados son.

'De tu marido no temo,
Ni tengo porqué temer...
Junto á tí en el lecho se halla
Tu la que tiemble has de ser.'

Y alto el sol en el Oriente
La torre á medias doraba;
Violante mas que él hermosa,
Á la muerte caminaba.

Alba tela, áspera y dura
Cubre el cuerpo delicado;
Recio esparto ciñe el talle,
En grosero lazo atado.

Lloran pajes y doncellas
Que el crimen piedad merece:
El mismo ofendido esposo
Con tal vista se enternece.

Ya el teñir de la campana
La seña al verdugo envía...
—'Señor, merezco la muerte.'
La sin ventura decia:

'De rodillas, don Ramiro,
Humilde perdon os pido;
No pido la vida, no,
Que la muerte he merecido.

'La afrenta que deslumbrada,
Por mi desdicha os hiciera,
Pido, señor, que olvideis
En mi hora postrimera.

'Mas solo yo soy culpable
Del agravio que vos fiz,
No tomeis, señor, venganza
De ese mísero infeliz.'

Tal vez iba á perdonarla
Compadecido el esposo;
En nuevas iras le enciende
Aquel recuerdo enojoso.

Rojo el semblante de cólera
Para no verla apartó,
Y su esquierda mano alzada
La fatal seña trazó.

Sobre el desmayado cuello
De transparente cristal,
Con golpe tremendo y súbito
Cayó el terrible puñal.

¡Oh! que procession que sale
Por las puertas de la torre!
Qué de gente acude á verla,
Qué triste que el pueblo corre!

Teas de pálida cera,
En medio la noche oscura,
Despiden luz vaga y triste,
Luz que va á la sepultura.

Cubiertos con sus capuces,
Rezan monges en redor;
El doblar de las campanas
Hiela el alma de terror.

Dos noches son ya pasadas,
Ya no hay luz en la tronera,
Mas pasando y repasando
Va la barca aventurera.

Linda barca tan ligera
Que en ningun mar zozobró,
El fanal que te guiaba
No luce, ya se apagó.

¡Ay! tu querida Violante,
Tu gloria, tu encanto bello,
Por tí sufrió horrible muerte...
¡Un sayon segó su cuello!

¿De la iglesia de San Gil
La campana oyes doblar?
Ves las hachas á lo lejos?
Allí la van a enterrar.—

Ya se concluyó el entierro,
Ya cayó la losa fria;
En la iglesia solitaria
Un caballero se via.

Vestido de negro luto,
Y mas negro el corazon,
Sobre la tumba de hinojos
Asi esclama en su afliccion:

—'Abrete, tumba sagrada,
Abrete á este desdichado,
Ahi nos unirá la muerte,
Si en vida nos fue vedado.

'Abrete, tumba sagrada,
Que escondes tal hermosura,
Esconde tambien mi crimen
Al par de su desventura.

'Vivir no quiero esta vida
Que solo amaba por ella,
Vida que sufrir no puedo
Sin mi Violante bella.'

Y alli el llanto de correr,
Los sollozos de estállar,
Y ciego empuñar la espada
Para allí se traspasar.

Heló la mano en el puño
Voz que de tierra salia;
Voz aun que suave y dulce,
Mas tan medrosa y tan fria,
Del sepulcro tan ahogada
Que su eco estremecia,
Dejando la sangre helada.

—'Vive, vive, caballero,
Vive, que yo ya viví;
El castigo de mi crimen
Yo sola le mereci.

'En el fondo, ay! de esta tumba
Oscura mansion de horror,
Solo de vivir conservo
Remordimentos y... amor!

'Brazos con que te abrazaba
No tienen vigor ya en si;
Cúbre tierra húmeda y dura
Los ojos con que te vi.

'Boca con que te besaba
Perdió su perfume aqui;
Corazon con que te amaba...
Ese siempre ¡ay! vive en mi!

'Vive, vive, caballero,
Vive, vive y sé dichoso:
Y aprende en mi triste historia
A ser padre y ser esposo.

'Si con doncella casáres,
Llámala tambien Violante:
Nunca su amor será el mio...
Mas — que sea mas constante.

'Hijas que en ella tuvierdes
Críalas mejor que á mi,
Que no se pierdan por hombres,
Cuál yo me perdí por ti [1].'

[1] É interessante e digno de ler-se o artigo que serviu de prefacio a ésta publicação em Madrid, escripto pelo Sr. Cueto, secretario que aqui foi e depois encarregado de negocios da sua côrte junto á nossa.

IX

REGINALDO

Será este Reginaldo, ou Eginaldo, o gallante Eginard francez que os nossos traduziram assim, bem como de Bernard fizeram Bernal e Bernaldo, de Gerard Giraldo? E é este o celebrado secretario do imperador Carlos-Magno de cujos muito romanticos, porêm mui pouco platonicos, amores com a filha de seu augusto amo, estão cheias as historias da meia-edade? Thema constante de trovadores e poetas até quasi aos nossos dias em que a suave e melancholica musa de Millevoye ultimamente o remoçou no seu mais admirado poema.

Se d'este é que aqui se tratta — e eu creio que sim — vemos que o romance popular conta o caso mui differente do que os poetas e escriptores do norte o referem. É bem sabido que,

segundo esses, a namorada princeza, quando o feliz Eginaldo sahia da sua camara, um dia de madrugada de hynverno e com a neve alta e recemgeada pelos atrios e jardins do palacio, o tomára ella aos hombros paraque não ficassem impressas na neve as delatoras pégadas do amante. O que descubrindo por acaso o imperador, que se levantára antes do sol, por tal modo se internecêra com aquella próva de generosa dedicação, que logo lhes perdoára a ambos, casando o ditoso secretario com a namorada princeza.

Talvez o que primeiro contou a historia ao nosso povo e lh'a rhymou para seus cantares, ommittiu a scena da neve por menos familiar e commum n'estes climas do sul; ou talvez a ignorasse, ou porventura não era ainda tam popular por lá como depois veio a ser. Fôsse como fôsse, este Reginaldo parece ser o Eginard de Carlos-Magno, ésta infanta a princeza sua filha, este rei o imperador seu pae. A trôcò da bella scena da neve que nos falta, temos a visita da mãe de Reginaldo á prisão, e o lindissimo soláo que lhe elle canta. O que tudo

parece composto nos mais ternos e desgarrados modos de Bernardim-Ribeiro, ou de Crysfal. E temos porfim o rei chamando a filha ao balcão para ouvir cantar o preso: scena verdadeiramente homerica e de uma graça tam simples e tocante como não ha outra que o seja mais.

Estou que nos veio de França este romance: não se incontra nas collecções castelhanas; e entre nós é dos que andam mais desfigurados e corruptos. Eu tive de reunir varios fragmentos para o restituir. No Alemtejo chamam-lhe Generaldo, no Minho Girinaldo; Eginaldo diz uma cópia da Beira; e outra que me veio do Porto trazia por titulo —*Girinaldo o atrevido.*

As variantes não são muitas, porque não pude considerar como taes as ligaturas absurdas com que partes do romance andavam cozidas a partes egualmente desconjunctadas de outros, dos quaes tive de o estremar para reunir o que felizmente achei que acertava e quadrava n'um todo completo.

São infinitas e mui disparatadas as varian-

tes que desprezei na maior parte ao emendar conjecturalmente o romance. Tambem não valia a pena de as mencionar em nota. Fiz somente excepção a favor de algumas que junctei por mais consideraveis.

Na citada collecção do bispo Percy [1] vem uma ballada ingleza que tem por titulo 'Little Musgrave and Lady Bernard,' historia bastante differente d'esta; mas ha no principio uns dizeres tam semelhantes aos nossos, que mais me confirmam n'esta crença em que estou de que o verdadeiro romance antigo era de todos os paizes, como a todos pertencia o menestrel, o trovador, o cavalleiro andante, cuja patria era o mundo. Fôsse onde fôsse, era sua a terra ou o castello onde havia façanhas que fazer ou celebrar—aventuras para correr ou cantar. O romance inglez é dos que reconhecem por mais antigos os collectores d'aquella nação.

[1] Percy's RELIQUES, XI, secc. III, book the first.

REGINALDO

—'Reginaldo, Reginaldo,
Pagem d'elrei tam querido,
Não sei porquê, Reginaldo[1],
Te chamam o atrevido.'
—'Porque me atrevi, senhora,
A querer o defendido.'
—'Não fôras tu tam covarde
Que ja dormíras commigo.'
—'Senhora zombais de mim
Porque sou vosso captivo.'

[1] A licção da Extremadura e muitas outras ommittem estes seis versos, e completam a primeira copla com est'outros dois:

Bem podéras, Reginaldo,
Dormir um dia commigo.

A adoptada no texto é do Alemtejo.

—'Eu não n'o digo zombando,
Que devéras te lo digo.'
—'Pois quando quereis, infanta,
Que va pelo promettido?'
—'Entre las dez e las onze[2]
Que elrei não seja sentido.'

Inda não era sol pôsto,
Reginaldo adormecido;
Ás dez não eram bem dadas,
Reginaldo ja erguido.
Calçou çapato de panno,
Que d'elrei não fôsse ouvido,
Foi-se á camara da infanta,
Deu-lhe um ai, deu-lhe um gemido.
—'Quem suspira a essa porta,
Quem será o atrevido?'
—'É Reginaldo, senhora,
Que vem pelo promettido.'
—'Levantae-vos minhas aias,
Que assim Deus vos dê marido!
E ide abrir mansinho a porta
Que elrei não seja sentido.'
Vela o pagem toda a noite...
Por manhan é adormecido;

[2] Entre la uma e as duas
Quando elrei esteja dormindo.—ALEMTEJO.

Chamava o rei quė chamava [3]
Que lhe desse o seu vestido:
—'Reginaldo não responde,
Alguma tem succedido!
Ou está morto o meu pagem
Ou grande traição ha sido [4].'
Responderam os vassallos [5]
Que tudo tinham sentido:
—'Morto não é Reginaldo,
De somno estará perdido.'

Vestiu-se elrei muito á pressa,
E leva um punhal comsigo [6],
Vai correndo sala e sala,
Abrindo porta e postigo,
Chega ao camarim da infanta,
Entrou sem fazer ruido.
Dormiam tam socegados
Como mulher e marido,

[3] Lá por sôbre a madrugada
Pede elrei o seu vestido.—ALEMTEJO.

[4] Ou traição tem commettido—EXTREMADURA.
Ou traição me ha commettido—BEIRALTA.

[5] Accode d'alli um pagem
Que é de Reginaldo amigo:
—'Não é morto Reginaldo
Nem traição tem commettido.'
—'Então está Reginaldo
Com a princeza dormindo.'—BEIRABAIXA.

[6] Leva um traçado comsigo—EXTREMADURA.

De nada do que se passava
De nada davam sentido.
Accudiram os vassallos,
Que viram a elrei perdido:
—'Nunca vossa majestade
Matte um home' adormecido[7].'
Tira elrei seu punhal de oiro,
Deixa-o entre os dois mettido,
O cabo para a princeza,
Para Reginaldo o bico.
Ia-se a virar o pagem,
Sentiu cortar-se no fio:
—'Acorda ja, bella infanta,
Triste somno tens dormido!
Olha o punhal de teu pae
Que entre nós está mettido.'
—'Call'-te d'ahi, Reginaldo[8],
Não sejas tão dolorido;
Vai ja deitar-te a seus pés,
Que elrei é bom e soffrido.
Para o mal que temos feito
Não ha senão um castigo;
Mas se elrei mandar mattar-te,
Eu heide morrer comtigo.'

[7] Dê n'um home' adormecido—MINHO.

[8] Vai-te deitar, Reginaldo,
A seus pés muito rendido,
Que elrei tem bom coração
E te hade casar commigo.—BEIRABAIXA, EXTREMADURA.

—'D'onde vens, ó Reginaldo[9]?'
—'Senhor, de caçar sou vindo.'
—'Que é da caça que caçaste,
Reginaldo o atrevido?'
—'Senhor rei, da caça venho,
Mas não a trago commigo;
Que o trazer caça real
A vassallo é defendido.
So vos trago uma cabeça,
A minha: dae-lhe o castigo.'
—'Tua sentença está dada,
Morrerás por atrevido.'
Vêdes ora o bom do rei
Dando voltas ao sentido:
—'Se matto a bella infanta,
Fica o meu reino perdido...
Para mattar Reginaldo,
Criei-o de pequenino...
Mettê-lo-hei n'uma tôrre[10]
Por princípio de castigo.

[9] Éstas tres coplas são ommissas em todas as licções, salvo na do Alemtejo, e em uma das do Porto.

[10] A licção do Alemtejo termina o romance aqui com ésta copla:

—'Levanta-te, ó Reginaldo,
Reginaldo atrevido,
O castigo que te dou
É que sejas seu marido.'

Quereria o perfido menestrel pôr um epigramma na bôcca de sua real majestade?

—'Dizei-me vós, meus vassallos,
Pois tudo tendes ouvido,
Que mais justiça faremos
N'este pagem atrevido?'
Respondem os condes todos,
E muito bem respondido:
—'Pagem de rei que tal faz,
Tem a cabeça perdido.'

Ja o mettem n'uma tôrre [11],
Ja o vão incarcerar.
Mas anno e dia é passado,
E a sentença por dar.
Veio a mãe de Reginaldo
O seu filho a visitar:
—'Filho, quando te pari
Com tanta dor e pezar,
Era um dia como este,
Teu pae estava a expirar.
Eu co'as lagrymas dos olhos,
Filho, te estava a lavar;

Outra licção da mesma provincia continúa ainda depois:

Responderam os vassallos,
Que tudo tinham sentido:
—'Oh! quem teria a fortuna
Que Reginaldo tem tido!
Atéqui pagem d'elrei,
Agora filho querido!'—ALEMTEJO.

[11] So as versões do Ribatejo trazem este episódio da tôrre.

Cabellos d'esta cabeça
Com elles te fui limpar [12].
E teu pae ja na agonia,
Que me estava a incommendar:
Emquanto fôsses piqueno
De bom insino te dar,
E depois que fôsses grande
A bom senhor te intregar.
Ai de mim, triste viuva,
Que te não soube criar [13]!
A elrei te dei por amo,
Que melhor não pude achar:
Tu vais dormir co'a infanta
De teu senhor natural!
Perdeste a cabeça, filho,
Que elrei t'a manda cortar!..
Ai! meu filho, antes que morras,
Quero ouvir o teu cantar.'
—'Como heide eu cantar, mi madre [14],
Se me sinto ja finar?'
—'Canta, meu filhinho, canta,
Para haver minha benção,
Que me estou lembrando agora
De teu pae n'esta prisão.

[12] Pensamento favorito dos menestreis populares, que se incontra repettido em muitos dos nossos romances e xácaras.

[13] Insinar — RIBATEJO.

[14] Mãe minha — RIBATEJO.

Canta-me o que elle cantava
Na noite de San' João;
Que tantas vezes m'o ouviste
Cantar c'o meu coração.'

—'Um dia antes do dia
Que é dia de San' João,
Me incerraram n'estas grades
Para fazer penação.
E aqui estou, pobre coitado,
Mettido n'esta prisão,
Que não sei quando o sol nasce,
Quando a lua faz serão[15].'

De suas varandas altas
Elrei estava a escutar;
Ja se vai onde a princeza,
Pela mão a foi buscar:

[15] Em uma licção ultimamente vinda da Beiralta vem o episódio da prisão com mais uma copla n'este cantar do prêso. Aqui ponho a ditta copla por sua singularidade, apezar de se conhecer n'ella visivel interpolação, e desharmonia de stylo e sentido. Imagino que será fragmento de outra xácara ou cantiga, segundo tantos se incontram em muitas d'ellas:

Tenho aqui dous passarinhos
Que me trazem alcanfôres;
Elles vão e elles véem
Com novas dos meus amores.

Alcanfôres? e trazer alcanfôres? *quid?*

—'Anda ouvir, ó minha filha,
Este tam lindo cantar,
Que ou são os anjos no ceo,
Ou as sereias no mar.'
—'Não são os anjos no ceo,
Nem as sereias no mar,
Mas o triste sem ventura
A quem mandais degollar.'
—'Pois ja revogo a sentença
E ja o mando soltar;
Prende-o tu, infanta, agora,
Pois comtigo hade casar.'

X

DONA AUSENDA

A tradição visivelmente corrupta dá por titulo a este bello romance 'Dona Ausencia.' Extremenhos e Alemtejanos estão concordes; mas nem assim me conformo com seu dizer, porque 'Ausencia' não é nome proprio que jamais se usasse em nenhuma parte de Hespanha. 'Ausenda' hade ser, que por seculos se incontra em todos os documentos nossos da meia-edade, e era dos mais geralmente usados e conhecidos.

Com ser tam graciosa ésta xácara, é das que menos se vulgarizaram: duas provincias apenas a conservam em Portugal; e no resto da peninsula não consta que haja vestigios d'ella. Antiga é, e das mais antigas, porque ésta Dona Ausenda e este Conde Dom Ramiro teem um

sabor musarabe que não ingana. Mas a ponte da Alliviada de que aqui se falla é no Minho. Como é que a historia do seu ermitão se não conhece alli, e veio ter e ficar-se nas duas provincias circa-tejanas? Caprichos e mysterios dá migração das tradições humanas, mais difficeis de explicar que os de suas raças.

Incontram-se aqui várias reminiscencias —por me expressar na lingua musical da moda— de outros romances mais sabidos e populares. Indicará isto analogia na data?

DONA AUSENDA

Á porta de Dona Ausenda
Está uma herva fadada[1];
Mulher que ponha a mão n'ella
Logo se sente pejada.
Foi pôr-lhe a mão Dona Ausenda
Em má hora desgraçada;
Assim que pôs a mão n'ella,
Logo se sentiu pejada[2].
Vinha seu pae para a mesa,
Veio ella muito appressada
Para lhe dar agua ás mãos,
Como filha bem criada.
Pôs-lhe elle os olhos direitos,
Ella fez-se muito corada.
—'Que é isso, Dona Ausenda?
Voto a Deus que estás pejada.'

[1] Cresce uma herva fadada — ALEMTEJO.
[2] Sentiu-se logo prenhada — ALEMTEJO.

—'Não diga tal, senhor pae,
É da saia mal talhada[3];
Que eu nunca tive amores
Nem homem me deve nada.'

Mandou chamar os dois xastres[4]
Que tinham mais nomeada:
—'Vejam-me ésta saia, mestres;
Adonde está ella errada?'
Olharam um para o outro[5]:
—'Ésta saia não tem nada;
O êrro que ella tem
É a menina estar pejada.'
—'Confessa-te, Dona Ausenda,
Que ámanhan serás queimada.'
—'Ai triste da minha vida,
Ai triste de mim coitada!
Sem nunca ter tido amores[6],
Vou a morrer deshonrada!'

Foram chamar o ermitão[7]
Da ponte da Alliviada;

[3] Reminiscencia do romance de Dom Carlos d'Alem-mar, ou vice versa. Veja adeante n'este volume, pag. 207.

[4] Alfaiates.

[5] Veja nota 3.

[6] Sem nunca saber de amores — EXTREMADURA.

[7] Foram buscar confessor
Á ermida da Alliviada. — EXTREMADURA.

Era um fradinho velho
Que o incontraram na estrada.
Mal o frade chega á porta,
Deitou-se á herva fadada,
Cortou-a pela raiz[8],
Na manga a leva guardada.
—'Ajoelhae, Dona Ausenda,
Que a vossa hora é chegada:
Confessae vosso peccado
A Deus e á Virgem sagrada.'
—'Padre, eu nunca tive amores,
Nem homem me deve nada;
Más artes são do demonio
Ver-me eu donzella—e pejada[9]!'
—'Ha quanto tempo, senhora,
Vos sentis imbaraçada?'
—'Os nove mezes faz hoje
Que alli n'aquella ramada
Na noite de San' João
Adormeci descuidada;
Sentia o cheiro das flores
E da herva rociada,
Sentia-me eu tam ditosa,
Tam feliz e regalada,
Que o despertar me deu pena
Quando veio a madrugada.'

[8] Arranca raiz e tudo—ALEMTEJO.
[9] E prenhada — ALEMTEJO.

—'Tomae agora ésta herva,
Que é uma herva fadada:
Com a benção que lhe eu deito [10]
Ficará herva sagrada.'
—'Ai! este cheiro, meu padre,
É o que eu senti na ramada.'
Não disse mais Dona Ausenda,
Do somno ficou tomada.
Virtude tinha aquella herva,
Outra virtude fadada;
Mulher pejada que a toque [11]
Logo fica despejada.
Alli, sem mais dor nem pena,
Em boa hora abençoada,
Pare uma linda criança
Bem nascida e bem medrada.
Metteu-a o frade na manga,
Foi-se sem dizer mais nada.
Ja desperta Dona Ausenda,
Ja se sente alliviada;
De tudo quanto passou
Apenas está lembrada:
Um mau sonho lhe parece
Que a deixou perturbada.
Chamou por suas donzellas,

[10] Com as rezas que lhe eu rezo — EXTREMADURA.

[11] Mulher que ponha a mão n'ella,
Se está prenhe, é desprenhada. — ALEMTEJO.

Chamou por sua criada,
Vestiu suas galas mais riccas,
Sua saia mais bem talhada,
Foi-se incontrar com seu pae
Que estava na alpendorada [12],
Vendo armar a fogueira
Em que a queria queimada:
—'Senhor pae, aqui me tendes
Ja disposta e confessada;
Agora a vossa vontade
Seja em mim executada.'

O pae que a mira e remira
Tam esbelta e bem pregada,
O seu corpo tam gentil,
Sua saia tam bem talhada:
—'Que feitiço era este, filha,
Com que estavas imbruxada?
Como se desfez o incanto,
Que te vejo tam mudada?'
—'Fôsse elle podêr de incanto,
Ou condão de herva fadada,
Quebrou-o aquelle fradinho
Da ponte da Alliviada.'
—'Metade de quanto eu tenho,
Ametade bem contada,

[12] Alpendre cuberto, á entrada da casa.

A esse bom ermitão
D'esta hora lhe fica dada.
Palavras não eram dittas
O ermitão que chegava [13]:
—'Acceito a offerta, bom conde,
Se a metade é bem contada,
Se entra n'ella Dona Ausenda,
E m'a dais por desposada.'
Riram-se todos do frade;
Elle sem dizer mais nada,
Despe o hábito e o capuz,
Ergue a cabeça curvada;
Ficou um gentil mancebo,
Senhor de capa e de espada [14].
Era o conde Dom Ramiro,
Que d'alli perto morava.
Em boa hora Dona Ausenda
Pôs a mão na herva fadada!

[13] Assomava — ALEMTEJO.
[14] Vestido de capa e espada — EXTREMADURA.

XI

RAINHA E CAPTIVA

Nem os romanceiros castelhanos nem escriptor algum faz menção do bello romance da 'Rainha e captiva.' Anda, como os precedentes, na tradição oral do povo, e parece não ser dos que mais alterações teem padecido, quer na fórma, quer no stylo, apezar da renovação de palavras por que deve de ter passado na insensivel mudança da lingua, para se incontrar hoje em phrase tam corrente.

É geralmente sabido, e com poucas variantes se repette desde a Extremadura a Tras-os-Montes; se-lo-ha tambem nas provincias transtaganas, mas não me veio de lá cópia d'elle.

Pelas referencias a Galliza, a senhorio de moiros ainda perto, e á 'Terra de Sancta Maria,'

que, como todos sabem, é o districto d'entre Douro e Vouga que hoje se chama 'Terra da Feira,' ve-se que historia e epopeia, ambas são dos primeiros tempos da monarchia. E a circumstancia de 'salto' por mar e 'correria' por terra lhe dá uma forte côr do seculo XII.

Os poetas populares não compunham em geral as suas rhapsodias senão sôbre factos recentes. O que passou da historia escripta para os versos é ja feito pelos poetas lettrados de uma civilização — superior não sei, porêm mais adeantáda.

O conto conta-se bem no romance, e excusa explicado por argumento do compilador. É dos mais romanescos, cheio de situações interessantes, de lances e de aventuras. Ésta volta de captivos e renegados christãos pára as suas terras, fugidos com as joias de seus senhores infieis, é uma feição muito sabida, e commum nas lendas populares.

N'esta ha toda a singeleza homerica, todo aquelle tom; até a repettição das mesmas palavras e dos mesmos versos quando occorrem as mesmas ideas: é a Aurora da Iliada que

sempre abre o ceo com os mesmos 'dedos de rosa,' os reis que são sempre 'pastores de povos;' é Menelau com a mesma 'cabelleira loira,' Juno com as mesmas 'coxas pulchras,' os mesmos 'olhos de touro' sempre. A poesia primitiva é uma sempre, ás ribeiras do Pamyso ou ás do Douro.

A pintura da mãe baptizando a filha com as lagrymas de seus olhos, tem ja por si so mais poesia grande e sublime do que poemas inteiros de grandes poetas.

RAINHA E CAPTIVA

—'Á guerra, á guerra, moirinhos,
Quero uma christan captiva!
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Tragam-m'a christan captiva,
Que é para a nossa rainha.'
Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima:
Os que foram mar abaixo
Não incontraram captiva;
Os que foram terra acima,
Tiveram melhor atina[1].

[1] Melhor fortuna, atinaram melhor. Algumas lições dizem *atima;* palavra que não sei interpretar. É opinião do meu amigo o Sr. Herculano que poderá ser *acima*, isto é, a velha palavra *cima* — complemento, conclusão, acabamento, resultado — com a expletiva *a* por causa do metro.

Deram com o conde Flores
Que vinha de romaria:
Vinha lá de Sanctiago,
Sanctiago de Galliza;
Mattaram o conde Flores,
A condessa vai captiva
Mal que o soube a rainha,
Ao caminho lhe sahia:
—'Venha embora a minha escrava,
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe intrego éstas chaves
Da dispensa e da cozinha;
Que me não fio de moiras
Não me dem feitiçaria[2].'
—'Acceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha...
Hontem condessa jurada[3],
Hoje môça da cozinha!'
A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha:
Quiz a boa ou má fortuna
Que ambas parissem n'um dia.
Filho varão teve a escrava,
E uma filha a rainha;
Mas as perras das commadres,
Para ganharem alviçaras[4],

[2] Que me não dem bruxaria — EXTREMADURA.
[3] Hontem condessa de Flores — RIBATEJO.
[4] Trocaram-n'as á nascida — BEIRABAIXA.

Deram á rainha o filho,
Á escrava deram a filha.

—'Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria?
As lagrymas de meus olhos
Te sirvam de agua bemditta.
Chamar-te-hei Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria[5],
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhàndo rosas[6]
N'um rosal que meu pae tinha.'
Éstas lástimas choradas
Veis-la rainha que ouvia,
E co'as lagrymas nos olhos
Muito depressa acudia:
—'Criadas, minhas criadas,
Regalem-me ésta captiva;
Que se eu não fôra de cama,
Eu é que a serviria[7].'
Mal se levanta a rainha
Vai-se ter com a captiva:

[5] Rosa flor d'Alexandria — MINHO.
[6] Quando andava a apanhar rosas — EXTREMADURA.
[7] Eu é que a regalaria — EXTREMADURA.

—'Como estás, ó minha escrava,
Como está a tua filha?'
—'A filha boa, senhora,
Eu como mulher parida.'
—'Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?'
—'Chamára-lhe Branca Rosa,
Branca flor d'Alexandria[8];
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Captivaram-n'a os moiros
Dia de Paschoa florida,
Andando apanhando rosas[9]
N'um rosal que meu pae tinha.'
—'Se vira'la tua irman,
Se tu a conhecerias?'
—'Assim eu a vira nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito esquerdo
Um signal preto ella tinha[10].'
—'Ai triste de mim coitada,
Ai triste de mim mofina[11]!'
Mandei buscar uma escrava,
Trazem-me uma irman minha!'

[8] Rosa flor d'Alexandria — MINHO.
[9] Quando andava a apanhar rosas — EXTREMADURA.
[10] Um lunar preto ella tinha — EXTREMADURA.
[11] Triste de minha mofina — BEIRALTA.

Não são passados tres dias,
Morre a filha da rainha:
Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha;
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração lh'o dizia[12].'
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que succedia:
A mãe, c'o filho nos braços,
Cuidou morrer de alegria.
Não são passadas tres horas,
Uma á outra se dizia:
—'Quem se vira em Portugal,
Terra que Deus bemdizia!'
Junctaram muita riqueza
De oiro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Sancta-Maria;
Metteram-se n'um mosteiro,
Ambas professam n'um dia.

[12] Que o coração lh'o pedia — RIBATEJO.

XII

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

'Dom Claros d'Alem-mar', que em muitas partes o povo corruptamente diz 'Dom Carlos', não sei se nasceu portuguez ou castelhano: propendo para a última origem, apezar de que, impresso nas antigas collecções dos nossos vizinhos, o povo de Portugal todavia o canta bastante diverso, mas não peiorado decerto.

Do modo por que assim anda na tradição oral portugueza, faz lembrar no seu principio o romance francez do 'Conde Ory.'

Creio que é das mais antigas composições d'este genero que temos em Hespanha: nas provincias portuguezas é muito vulgar e sabido, e portanto abunda em variantes.

Observa-se aqui ser indubitavel que certos

versos e coplas de alguns primeiros romances; certos dizeres d'elles cahiram em graça geral, e ficaram sendo como *bordões* poeticos em todas as linguas.

D'isto apparecem continuas próvas e exemplos, não so entre provençaes, portuguezes, catalães e castelhanos, não so entre dinamarquezes, normandos, escocezes, allemães e inglezes, mas ainda de uma d'estas grandes familias para a outra.

Compare, no presente romance, os versos onde diz:

Haverá por hi um pagem
Que o meu pão queira comer?..

com estoutros do escossez PRINCE ROBERT, na collecção de Sir W. Scott ja citada:

'O where will I get a little boy,
That will win hose and shoon,
To rin sae fast to Darlington
And bid fair Eleanor came?'
Then up and spake a little boy,
That wad win hose and shoon:
'O I'll away to Darlington,
And bid fair Eleanor came [1].'

[1] MINSTRELSY OF THE SCOTTISH BORDERS, etc. tom. ii, pag. 121, ed. Paris 1838.

DOM CLAROS D'ALEM-MAR

—'Quero fazer uma apposta,
Ou eu não sei appostar:
Claralinda hade ser minha [1]
Antes d'o gallo cantar.'
—'Appostar, appostareis [2],
Mas não haveis de ganhar;
Que é discreta a Claralinda,
Ninguem n'a póde inganar.'

[1] De dormir com Marianna — BEIRALTA.

[2] —'Tal coisa não faças, filho,
Que a não hasde ganhar:
Marianna é mui sisuda,
E não se deixa inganar.' — BEIRALTA.
—'Não apposles, ó meu filho,
Não te mettas a appostar;
Que Marianna é discreta,
Não a pódes inganar.' — BEIRABAIXA.

Não quiz alli dizer nada,
Não quiz alli mais fallar;
Vestiu trajos de donzella
E se pôs a caminhar[3].
La estava a Claralinda
De seu balcão a mirar:
—'Que donzella tam bonita[4]!
Quem é, e o que vem buscar?'
—'É a tecedeira, senhora[5],
Que vem das praias do mar;
Tem a sua teia urdida,
E a falta[6] vem n'a buscar.'
—'Ahi tenho a falta, donzella,
Mas inda está por dobar[7].'

[3] Vestiu trajos de donzella,
Ao jardim foi passeiar.—BEIRALTA.

[4] —'Quem é aquella donzella
Que alêm anda a passeiar?'—BEIRALTA.
—'Quem bate á minha porta,
Quem me vem importunar?'—MINHO.

[5] —'Tecedeira sou, senhora,
De las areias do mar;
A teia tenho-a urdida,
A seda venho-a buscar!'—TRAS-OS-MONTES.

[6] Falta de teia é o que apparece de menos na tecedura em desproporção com a urdidura.

[7] —'Essa falta eu a tenho,
Mas não a posso dobar.'
—'Dobe-a ja, minha senhora,
Tratte de a mandar dobar.'—BEIRALTA.

—'Senhora, que se faz tarde
E eu não posso esperar:
De noite pelos caminhos [8]
Donzellas não hãode andar.'
—'Para honra da donzella,
Aqui hoje hade poisar.'
—'Tendes criados tam moços,
Tam atrevidos do olhar...'
—'Para honra da donzella
No meu quarto hade ficar.'

A donzella, de contente,
Á noite não quiz ceiar;
Tinha somno, tanto somno,
Que se quiz logo deitar.
Lá por essa noite adeante [9]
Claralinda de gritar...
—'Calla-te, ó Claralinda,
Não te queiras diffamar,
Que eu sou de nobre gente
E comtigo heide casar:

[8] —'Dilate-se, ó menina,
Que ainda está por dobar;
Donzellas pelo caminho
De noite parecem mal.'—BEIRABAIXA.

[9] Lá por essa noite velha
Marianna de queixar.—MINHO.

Fia-te n'esta palavra
De Dom Claros d'Alem-mar[10].'

Passados são tantos dias,
Tam compridos de esperar;
Não voltou a tecedeira,
Mas a teia ia a dobrar
Aos sette para oito mezes
O pae á mesa a jantar[11]:
—'Claralinda, Claralinda,
Que feio é o teu trajar!'
—'Não diga tal, senhor pae;
Ninguem lhe oiça tal fallar;
Não sou eu, é da vasquinha
Que é mal feita e dá mau ar.'

[10] —'Aos sette para oito mezes
Se teu pae ja reparar,
Mandarás uma cartinha
A Dom Carlos d'Alem-mar.'—BEIRALTA.

[11] Seu pae que a estava a mirar.
—'O que mira, senhor pae,
O que é que está a olhar?'
—'Eu miro-te, minha filha,
E ólho no teu dezar.'
—Este inchume, senhor pae,
É da saia mal trajar.'—COIMBRA.
—'Que é isso, Marianna,
Que te faz assim estar?'
—'Não é nada, senhor pae,
É a vasquinha mal talhada.'—PORTO.

Mandou chamar alfaiates [12]
Para se desinganar:
Disseram uns para os outros:
—'Não tem falta a saia tal.'

Não ha alli mais que dizer [13],
Não ha mais que perguntar:
—'Prepára-te, ó Claralinda,
Que ámanhan vais a queimar.'
—'Não se me dá que me mattem [14],
Que me levem a queimar,
Dá-se-me d'este meu ventre
Que é de sangue real!..

[12] Mandou logo vir dois xastres
Cada um de sua casa:
Disseram um para o outro:
—'A vasquinha não tem nada,
E a menina está pejada.'—PORTO.
—'Ésta saia não tem nada;
Ao fim de nove mezes
Ella será abaixada.'—COIMBRA.
[13] —'Oh lá, oh lá, meus criados,
A lenha ao monte apanhar,
Que ámanhan por éstas horas
Vai Claralinda a queimar.'—BEIRABAIXA.
'Confessa-te, ó Marianna,
Tratta de te confessar,
Que hoje te ajuntam a lenha.
Ámanhan te hãode queimar.'—BEIRALTA.
[14] —'Não se me dá que me queimem,
Que me tornem a queimar.'—COIMBRA.

Haverá por ahi um pagem[15]
Que o meu pão queira ganhar,
E que me leve ésta carta
A Dom Claros d'Alem-mar?'
Apparece um pagemsito
Discreto no seu fallar:
—'Aqui está um mensageiro
Que o recado quer levar.'
—'Se o meu pão queres comer,
A toda a pressa hasde andar,
E intregarás ésta carta
A Dom Claros d'Alem-mar[16].'

[15] —'Não ha por ahi um pagem
Que se doia do meu mal.—PONTE-DE-LIMA.
Quem me déra aqui um pagem,
Que me fôra ao meu mandar,
Que me levára ésta carta,
A Dom Claros, de pezar.'—MINHO.

[16] —'Se elle estiver a dormir,
Façam-n'o logo acordar,
Se elle estiver a comer,
Não o deixem acabar.'—BEIRABAIXA.
—'Se o achares a passear,
Deixá-lo-has assentar;
Se o achares a dormir,
Deixá-lo-has acordar;
Se o achares a jantar,
Deixá-lo-has alevantar.'—AÇÔRES.
—'Se o achares a dormir,
Deixá-lo-has acordar;
Se o achares acordado,
A carta lhe hasde intregar.'—BEIRALTA.

—'Que quereis, ó pagemsito,
Que vindes aqui buscar?'
—'Trago uma carta, senhor,
Novas de muito pezar;
Novas lhe trago, más novas [17]
Da sua amiga leal:
Hoje se lhe ajunta a lenha.
Ámanhan vai a queimar.'
Elle pôs-se a ler a carta,
Não a podia acabar;
As lagrymas eram tantas
Que o faziam cegar [18]:
—'Oh lá, oh lá, escudeiros,
Os cavallos a ferrar;

[17] —'Novas lhe trago, senhor,
Da sua amiga leal:
Dos sette para oito mezes
Seu pae a manda queimar.'—BEIRALTA.
—'A sua amada menina
Ámanhan vai a queimar.'—AÇÔRES.
—'Menina com quem dormiu
Vai ámanhan a queimar.'—BEIRABAIXA.

[18] Desgraçada Marianna
Que te levam a queimar!
Malstreado do teu ventre
Que leva sangue real!—BEIRALTA.
Pouco me dá que a queimem
Que a tornem a queimar;
Da-se-me, é do seu ventre
Que é de sangue real.—ALEMTEJO.

Jornada de quatro dias
Ésta noite se hade andar.'

Chega a um convento de frades,
Estava o sino a dobrar:
—'Por quem dobra o sino, padre,
Por quem está a tocar?'
—'É a infanta Claralinda
Que se está a agonizar:
Hontem juntaram-lhe a lenha,
Hoje a levam a queimar.'
Era quasi manhan clara,
Mandou seus pagens deitar,
Vestiu-se em trajos de frade[19],
Foi-a ao caminho esperar:
—'Parem lá os da justiça[20],
Justiça de mau pezar,

[19] Vestiu-se em trajos de frade,
Ao caminho a foi esperar;
Em chegando aopé d'ella
Aos criados foi fallar.—BEIRALTA.
[20] 'Parem lá com a liteira,
E façam-n'a ja parar,
Que a menina que ahi levam
Ainda vai por confessar.'—BEIRABAIXA.
—'Oh da justiça d'elrei,
Alto lá, façam parar.—COIMBRA.
A menina que ahi levais
Ainda vai por confessar.—BEIRALTA.
—'Diga-me, minha menina,
O porque vai a queimar?'

Que a menina que ahi levám
Inda vai por confessar.'

Deixaram-n'o ao bom do frade
Para a infanta confessar.
Mal se elle viu so com ella,
De amores lhe foi fallar:
—'Venha cá, minha menina[21],
Que a quero confessar;
No primeiro mandamento
Um beijinho me hade dar.'
—'Não permitta Deus do ceo
Nem os sanctos do altar!
Onde Claros pôs a bôcca[22]
Não me hade um frade beijar.'

—'Porque dormi uma noite
Com Dom Carlos d'Alem-mar.'—BEIRALTA.

[21] Diga-me, minha menina,
Verdade me hade fallar;
Se teve amores com clerigos
Ou com frades, mal pezar.'
—'Não tive amores com clerigos
Nem frades de mal pezar;
Tive amores com Dom Carlos,
Por isso vou a queimar.'
—'Pois Dom Carlos sou eu mesmo,
E comtigo heide casar.'—COIMBRA.

Segundo ésta licção de Coimbra acaba o romance aqui.

[22] Que onde Claros pôs a bôcca
Não hade pôr nenhum frade.—BEIRALTA.

—'Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No segundo mandamento.
Um abraço me hade dar.'
—'Vai-te na má hora, frade,
Que a mim não hasde chegar;
Que a mim nunca chegou homem,
Se não—inda mal pezar!
Senão só esse Dom Claros,
Dom Claros o d'Alem-mar,
Que, por meus grandes peccados,
Por elle vou a queimar!'

Dom Claros que tal ouviu,
Não pôde o riso occultar.
—'Por esse riso que dais[23],
Sois Dom Claros d'Alem-mar...'
—'Calla-te, ó Claralinda[24],
Que te venho libertar;

Que onde o meu bem pôs a bôcca—EVORA.
Não me hade um frade beijar—PONTE-DE-LIMA.
Venha um frade bafejar—PORTO.
[23] Pelo surriso que dais—BEIRABAIXA.
[24] —'Sim, senhora, sou Dom Carlos
Que vos venho libertar.'
Tomou-a logo nos braços
Poseram-se a caminhar.
Correm d'alem os criados
E poseram-se a gritar:

Ja está tecida a teia,
Vamo-l'a agora a curar.'

Tomou-a logo nos braços
Poseram-se a caminhar:
Estava perto o convento,
Viram-n'o os pagens chegar.
Chegavam, não chegariam...
A justiça de bradar.
—'Nas ancas de meu cavallo,
Menina, haveis de montar.'
Assim foi livre a infanta
Por Dom Claros d'Alem-mar.

—'Senhor padre, deixe a môça,
Que a manda seu pae queimar.'
—'Pois vão dizer a seu pae
Que a venha cá buscar;
Que eu co'este faim de prata
A alma lhe heide atravessar.'—BEIRALTA.
—'Eu Dom Claros, sou, menina,
Sou Dom Claros d'Alem-mar:
Nas ancas do meu cavallo,
Menina, haveis de montar.
Senhora das minhas quintas,
Rainha do meu caudal.,.
Agora dize a teu pae
Que te venha ca buscar.'—TRAS-OS-MONTES.

N'éstas duas licções da Beiralta e do Tras-os-montes, acaba respectivamente assim o romance.

LICÇÃO CASTELHANA

A caza va el emperador
A san Juan de la montiña,
Con el iba el conde Claros
Por le tener compañia.
Contandole iba contando
El menester que tenia.
—'No me lo digais, el conde,
Hasta despues la venida.'
—'Mis armas tengo empeñadas
Por mil marcos de oro y mas,
Y otros tantos debo en Francia
Sobre mi buena verdad.'
—'Llámenme mi camarero
De mi camara real;
Dad mil marcos de oro al conde
Para sus armas quitar;
Dad mil marcos de oro al conde
Para mantener verdad;
Dadle otros tantos al conde
Para vestir y calzar;
Dadle otros tantos al conde
Para las tablas jugar;
Dadle otros tantos al conde
Para torneios armar;
Dadle otros tantos al conde
Para con damas holgar.'
—'Muchas mercedes, señor,
Por esto y por mucho mas.
A la infanta Claraniña
Vós por muger me la dad.'

[1] Esta variante tem entre os castelhanos o titulo de 'Don Claros de Montalvan.'

—'Tardo acordastes, el conde,
Mandada la tengo ya.'
—'Vós me la dareis señor,
A cabo que no querais,
Porque preñada la tengo
De los seis meses ó mas.'
El emperador que esto oyera
Tomó de ello gran pesar,
Vuelve riendas al caballo
Y tornose á la ciudad:
Mando llamar las parteras
Para la infanta mirar.
Allí habló la partera,
Bien oireis lo que dirá:
—'Preñada está la infanta
De los seis meses ó mas.'
Mandola prender su padre
Y meter en escuridad,
El agua hasta la cintura
Porque pudriese la carne.
Caballeros de su casa
Se la iban á mirar:
—'Pésanos de vós, señora,
Quanto nos puede pesar,
Que de hoy en quince dias
El rey os manda quemar.'
—'No me pesa de mi muerte
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura,
Porque es hijo de buen padre;
Mas si hay aqui alguno
Que haya comido mi pan,
Que me llevasse una carta
A don Claros Montalvan?'
Allí hablo un page suyo,
Tal respuesta le fue a dar:

—'Escribidla vós, señora
Que yo se la iré á llevar.'
Ya las cartas son escritas,
El page las va a llevar;
Jornada de quince dias,
En ocho la fuera a andar.
Llegado habia a los palacios
A donde el buen conde está.
—'Bien vengais, el pagecico,
De Francia la natural.
¿Pues que nuevas me traeis
De la infanta? como está?'
—'Leed las cartas, señor,
Que en ellas os lo dirá.'
De que las hubo leeido,
Tal respuesta le fue a dar:
—'Uno me da que la quemen,
Otro me da que la maten.'
Ya se partia el buen conde,
Ya se parte, ya se va,
Jornada de quince dias
En ocho la fuera á andar,
Fuérase a un monasterio
Donde los frailes estan;
Quitóse paños de seda,
Vistió hábitos de fraile,
Fuérase á los palacios
De Carlos el emperante.
—'Mercedes, señor, mercedes,
Queráismelas otorgar,
Que á mi señora la infanta
Vos me dejeis confesar.'
Ya lo llevaban al fraile
A la infanta á confesar.
El cuando se vió con ella
De amores le fue a hablar.

—'Tate, tate,' dijo, 'fraile,
Que á mi tu no hasde llegar;
Que nunca llegó á mi hombre
Que fuese vivo en carne,
Sino solo aquel don Claros
Don Claros de Montalvan,
Que por mis grandes pecados
Por él me quieren quemar.
No doy nada por mi muerte,
Porque es cosa natural,
Pésame de la criatura
Porque es hijo de buen padre.'
Ya se iba el confesor
Al emperador a hablar:
—'Mercedes, señor, mercedes,
Quieráismelas otorgar,
Qui mi señora la infanta
Sin ningun pecado está.'
Alli habló el caballero
Que con ella queria casar:
—'Mentides, fraile, mentides,
Que nó decis la verdad.'
Desafianse los dos,
Al campo van a lidiar.
Al apretar de la cinchas
Conociólo el emperante;
Dijo que el fraile es don Claros,
Don Claros de Montalvan.
Mató el fraile al caballero,
La infanta librado ha,
En ancas de su caballo
Consigo la fue á llevar [1].

[1] Duran, ROMANCERO. Não vem no TESORO DE ROMANCEROS de Ochoa.

XIII

CLARALINDA

Ao revez do romance precedente, nós chamâmos 'Claralinda' a este, que os castelhanos teem muito mais extenso em suas collecções com o titulo de 'Conde Claros.'

O tal Dom Claros, ou Conde Claros, devia de ser o Don Juan d'aquelles tempos, á immensidade de aventuras e conquistas amorosas que os romanceiros lhe attribuem. E talvez é um mytho em que os trovadores moralistas resumiram todos os Lovelaces da meia-edade.

O presente romance mui similhante, na licção portugueza, ao que leva por titulo 'Rosalinda' na primeira parte d'esta collecção [1], differe todavia essencialmente d'elle na côr

[1] Romanceiro, tom. i. Lisboa 1843, pag. 177.

local, e para assim dizer, nas decorações da scena. O desfecho da aventura é inteiramente outro. E alêm d'isso, aquelle foi construído de tres fragmentos diversos: era este um d'elles.

Depois de publicado esse primeiro tomo, obtive uma melhor e mais completa cópia; ja lhe não cabe o nome de fragmento: é a que aqui dou com suas variantes, e com a mais ampla licção castelhana.

Seriam os menestreis os que, segundo a theoria de Sir Walter Scott, que ja n'outra parte mencionei [1], contrahiram o romance escripto na xácara para cantar? Ou seriam os poetas ou os collectores lettrados que da xácara popular fizeram o romance mais longo?

N'este caso especial não sei decidir; mas estou fortemonte capacitado de que ora uma ora outra coisa succedia, e que é difficil dizer quando ésta ou quando aquella se fez.

O saio de seda, a cintura de oiro e firmal,

[1] Romance do CONDE YANNO, pag. 43 d'este volume.

indicam antiguidade na licção portugueza que não desce do décimo-quinto seculo.

Em appendice ponho a licção castelhana. Que estudo na comparação dos dois textos! Como resalta o character das duas familias e das duas linguas, tam parentes e tam distinctas uma da outra! Como é reservado, como é natural o *finchado* portuguez! Como se exaggera e intumesce o castelhano! Mas é innegavel todavia que ha mais pompa e luxo de poesia n'este; assim como ha mais verdade e mais sentimento n'aquelle.

CLARALINDA

Meia-noite ja é dada,
Os gallos querem cantar,
O conde Claros na cama[1]
Não podia repousar.
Chamou pagens e escudeiros,
Que se quer ja levantar;
Que lhe tragam de vestir,
Que lhe tragam de calçar.
Deram-lhe uma alva camiza,
Que elrei a não tinha tal[2];
Deram-lhe saio de seda,
Cintura de oiro e firmal.

[1] Conde Claros em seu leito—ALEMTEJO.
[2] Que elrei a não tinha egual—MINHO.

Trazem-lhe esporas doiradas
Para com ellas montar;
Cavalgou no seu cavallo,
Pôs-se logo a caminhar.

—'Deus te salve, Claralinda,
Tam cedo estás a bordar?'
—'Salve-te Deus, conde Claros!
Donde vais a caminhar[3]?'
—'Aos moiros me vou, senhora,
Grandes guerras guerrear.'
—'Que bello corpo que tendes
Para com elles brigar!'
—'Melhor o tenho, senhora,
Para comvosco folgar...[4]'
Palavras não eram dittas
Um pagem que ia a passar;
—'As palavras que são dittas,
A elrei vou ja contar.'
—'Palavras que dittas são,
A elrei não vás levar:
Dar-te-hei de oiro e de prata
Quanto possas carregar.'
—'Não quero oiro nem prata,
Se oiro e prata me heisde dar;

[3] Tam cedo a caminhar—LISBOA.
[4] Para com damas folgar—BEIRABAIXA.

Quero guardar lealdade
A quem n'a devo guardar:
As palavras que são dittas,
A elrei às vou contar.'

Foi d'alli o bom do pagem[5]
Andando de bom andar
Á casa da estudaria,
Onde elrei estava a estudar:
—'Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Lá deixei o conde Claros
Com a princeza a folgar.'
—'Se á puridade o dissesses,
Tença te havia de dar;
Mas pois tam alto fallaste,
Alto hasde ir a inforcar.'

Castigar os chocalheiros
Boa justiça real:
Mas o pobre conde Claros
Tambem vai a degollar.
—'Vinde, vinde, Claralinda...
Como estais a descançar!
Vinde ver o conde Claros
Que elrei o manda mattar.'

[5] Foi d'alli o pagemzito—ALEMTEJO.

—'Accudi, minhas donzellas,
Vinde-me accompanhar:
Que se elrei lhe não perdoa,
Com elle quero acabar[6].'

—'Deus vos salve, senhor rei,
E a vossa c'roa real!
Que vos fez o conde Claros
Para o mandardes mattar?'
—'Se eu tivera outra filha
Para em meu reino reinar,
Juro-te, ó Claralinda,
Que o ias accompanhar.
Mas toma-o tu por marido,
Por genro o quero eu tomar;
E ninguem mais n'esta côrte
Se atreva a mexericar[7].'

[6] Com elle me hãode mattar — MINHO.

[7] A licção da Extremadura accrescenta aqui:

—'Ganhaste, mexeriqueiro,
Com o teu mexericar!'
—'Ganhei a morte, senhora;
E a vida me podeis dar.'
—'Se ella está na minha mão,
A vida não te heide dar:
Para outra não fazeres
Ja irás a degollar,
E ao rabo de meu cavallo
Te mandarei arrastrar.'

LICÇÃO CASTELHANA

Media noche era por hilo,
Los gallos querian cantar,
Conde Claros por amores
No podia reposar:
Dando muy grandes sospiros
Que el amor le hacia dar,
Porque amor de Claraniña
No le deja sosegar.
Cuando vino la mañana
Que queria alborear,
Salto diera de la cama
Que parece un gavilan.
Voces dá por el palacio
Y empezára de llamar:
'Levantaos, mi camarero,
Dadme vestir y calzar.'
Presto estaba el camarero
Para habérselo de dar.
Diérale calzas de grana,
Borceguis de cordeban,
Diérale jubon de seda
Afforrado en zarzanar,
Diérale un manto muy rico
Que no se puede apreciar,
Trescientas piedras preciosas
Al rededor del collar,
Tráele un rico caballo
Que en la corte no hay su par,
Que la silla con el freno
Bien valia una ciudad,
Con trescientos cascabeles
Al rededor del petral;

Los ciento eran de oro,
Y los ciento de metal,
Y los ciento son de plata
Por los sones concordar.
Ibase para el palacio,
Para el palacio real,
Y á la infanta Claraniña
Allí la fuera a hablar:
Trescientas damas con ella
La iban a acompañar;
Tan linda va Claraniña,
Que á todos hace penar.
Conde Claros que la vido
Luego va á descabalgar,
De rodillas en el suelo
Le comenzó de hablar:
—'Mantenga Dios á tu alteza.'
—'Conde Claros bien vengais.'
Las palabras que prosigue
Eran para enamorar:
—'Conde Claros, conde Claros,
El señor de Montalvan,
¡Como habeis hermoso cuerpo
Para con moros lidiar!'
Respondiera el conde Claros,
Tal respuesta le fue á dar:
—'Mejor le tengo, señora,
Para con damas holgar.
Si yo os tuviera esta noche,
Mi señora, á mi mandar,
Quereria la otra mañana
Con cient moros pelear,
Y si á todos no venciese
Que me mandasen matar.'
—'Calledes, conde, calledes,
Y no os querais alabar:

El que quiere servir damas
Así lo suele hablar,
Y al entrar en las batallas
Bien se saben escusar.'
—'Si nò lo creeis, señora,
Por las obras se verá:
Siete años son pasados
Que os empezé de amar,
Que de noche yo no duermo,
Ni de dia puedo holgar.'
—'Siempre os preciastes, conde,
De las damas os burlar:
Mas déjadme ir a los baños,
A los baños á bañar;
Cuando yo sea bañada
Estoy á vuestro mandar.'
Respondiérale el buen conde,
Tal respuesta le fue á dar:
—'Bien sabedes vós, señora,
Que soy cazador real;
Caza que tengo en la mano,
Nunca la puedo dejar.'
Tomárala por la mano,
Y para un vergel se van,
A la sombra de un ciprés
Y debajo de un rosal
. . . .
Mas fortuna que es adversa
A placeres y á pesar
Trujo allí un cazador,
Que no debia pasar,
Detras de una podenca
Que rabia debió matar;
Vido estar al conde Claros
Con la infanta á lindo holgar:
El conde cuando lo vido,

Empezóle de llamar:
—'Ven acá tú, el cazador,
Y Dios te guarde de mal:
De todo lo que as visto
Que nos guardes puridad;
Daréte mil marcos de oro,
Y si mas quisieres, mas;
Casarte he con una doncella
Que era mi prima carnal;
Darte he en arras y en dote
La villa de Montalvan.
De otra parte la infanta
Mucho mas te puede dar.'
El cazador sin ventura
No les quiso escuchar,
Vase para los palacios
Adonde el buen rey está:
—'Manténgate Dios, el rey,
Y á tu corona real:
Una nueva yo te traigo
Dolorosa y de pesar:
No te cumple traer corona
Ni en caballo cabalgar;
La corona de la cabéza
Bien te la puedes quitar,
Si tal deshonra como ésta
La hubieses de comportar,
Que he hallado la infanta
Con Claros de Montalvan,
Besándola y abrazándola
En vuestro huerto real.'
. . . .
El rey con muy grande enojo
Mandó al cazador matar,
Porque habia sido osado
De tales nuevas llevar.

Mandó llevar aguaciles
Á priesa, no de vagar;
Mandó armar quinientos hombres
Que lo hayan de acompañar
Para que prendan al conde,
Y le hayan de tomar;
Y mandó cerrar las puertas,
Las puertas de la ciudad.
A las puertas de palacio
Allá le fueran á hallar:
Preso llevan al buen conde
Con mucha riguridad,
Unos grillos á los pies
Que bien pesan un quintal,
Las esposas á las manos,
Que era dolor de mirar,
Una cadena á su cuello
Que de hierro era el collar;
Cabalganle en una mula
Por mas deshonra le dar:
Metiéronle en una torre
De muy gran escuridad:
Las llaves de la prision
El rey las quiso llevar,
Porque sin licencia suya
Nadie le pudiese hablar.
Por él rogaban los grandes
Cuantos en la corte estan,
Por él rogaba Oliveros,
Por él rogaba Roldan,
Y ruegan los doce pares
De Francia la natural.
Y las monjas de Sant'Ana
Con las de la Trinidad
Llevaban un crucifijo
Para el rey poder rogar:

Con ellas va el arzobispo
Y un prelado y cardenal,
Mas el rey con grande enojo
A nadie quiso escuchar;
Antes, de muy enojado,
Sus grandes mandó llamar:
Cuando ya los tubo juntos
Empezóles de hablar:
—'Amigos é hijos mios,
A lo que os hice llamar,
Ya sabeis que el conde Claros,
El señor de Montalvan,
De niño yo le he criado
Hasta ponello en edad,
Y le he guardado su tierra,
Que sù padre le fue á dar,
El que morir no debiera,
Reynaldos de Montalvan;
Y por hacello mas grande,
De lo mio le quiso dar.
Hícele gobernador
De mi reino natural:
El por darme galardon
Mirad en que fue á tocar,
Que quiso forzar la infanta,
Hija mia natural.
Hombre que lo tal comete
¿Qué sentencia le han de dar?
Todos dicen á una voz
Que lo hayan de degollar;
Y así la sentencia dada,
El buen rey la fue á firmar.
L'arzobispo qu'esto viera
Al buen rey fue á hablar,
Pidiéndole por merced
Licencia le quiera dar

Para ir á ver al conde
Y su muerte denunciar:
—'Pláceme' dijo el buen rey,
'Pláceme de voluntad;
Mas con ésta condicion,
Que solo habeis de andar
Con aqueste pagecico
Que le va á acompañar.'
Cuando vido estar al conde
En su prision y pesar,
Las palabras que le dice
Dolor eran de escuchar:
—'Pésame de vós, el conde,
Cuanto me puede pesar,
Que los yerros por amores
Dignos son de perdonar.
La desastrada caida
De vuestra suerte y ventura,
Y la nueva á mí venida,
Sabed que hace mi vida
Mas triste que la tristura;
De forma que no sé donde
Pueda yo placer cobrar.
Y como á vos no se esconde,
De vos me pesa, buen conde,
Porque asi os quieren matar.
Los como vós esforzados,
Para las adversidades
Han de estar aparejados,
Tanto á sufrir los cuidados,
Como las prosperidades:
Pues el primero no fuistes
Vencido por buen amar.
No temais angustias tristes,
Que los yerros que hecistes
Dignos son de perdonar.

Por vós he rogado al rey,
Nunca me quiso escuchar,
Antes ha dado sentencia
Que os hayan de degollar;
Y os lo dije bien, sobrino,
Que os dejásedes de amar,
Que el que las mugeres ama
A tal galardon le dan,
Que haya de morir por ellas
Y en los cárceles penar.'
Respondió presto el buen conde
Con esfuerzo singular:
—'Calledes por Dios, mi tio,
No me querais enojar,
Quien no ama las mugeres
No se puede hombre llamar;
Mas la vida que yo tengo
Por ellas quiero gastar.'
Respondióle el pagecico,
Tal respuesta fue á dar:
—'Conde, bien aventurado
Siempre os deben llamar,
Porque muerte tan honrada
Por vós habia de pasar:
Mas envidia é de vos, conde,
Que mancilla ni pesar:
Mas quisiera ser vós, conde,
Que el rey que os manda matar,
Porque muerte tan honrada
Por mí hubiese de pasar.
Llama yerro la fortuna
Quien no la sabe gozar,
Que la priesa del cadahalso
Vós, conde, la debeis dar;
Si no es dada la sentencia
Vós la debeis de firmar.'

El conde cuando esto oyera
Tal respuesta le fue á dar:
—'Por Dios te ruego, page,
En amor de caridad,
Que vaias á la princesa
De mi parte á le rogar
Que suplico á su alteza
Que ella me salga á mirar,
Que en la hora de mi muerte
Yo la pueda contemplar;
Que si mis ojos la ven
Mi alma no ha de penar.'
Ya se parte el pagecico,
Ya se parte, ya se va,
Llorando de los sus ojos
Que queria reventar.
Topára con la princesa,
Bien oireis lo que dirá:
—'Agora es tiempo, señora,
Que hayais de remediar,
Que á vuestro querido el conde
Lo llevan á degollar.'
La infanta que esto oyera
En tierra muerta se cae;
Damas, dueñas y doncellas
No la pueden retornar,
Hasta que llegó su aya
La que la fue á criar:
—'¿Que es aquesto, la infanta?
Aquesto ¿qué puede estar?'
—'¡Ay de mi triste mezquina,
Que no sé qué puede estar,
Que se al conde me matan
Yo habré de desesperar.'
—'Saliésedes vós, mi hija,
Saliésedeslo á quitar.'

Ya se parte la infanta,
Ya se parte, ya se va:
Fuese para el mercado
Donde lo han de sacar:
Vido estar el cadahalso
En que lo han de degollar;
Damas, dueñas y doncellas
Que lo salen á mirar.
Vió venir la gente d'armas
Que lo traen á matar,
Los pregoneros delante
Por su yerro publicar.
Con el poder de la gente
Ella no podia pasar.
—'Apartaos, gente d'armas,
Todos me haced lugar,
Si no... por vida del rey
A todos mando matar.'
La gente que la conoce
Luego le hacen lugar,
Hasta que llegó al conde
Y le empezára de hablar:
—'Esforzá, esforzá, el buen conde,
Y no querais desmayar,
Que aunque yo pierda la vida,
La vuestra se ha de salvar.
El alguacil que esto oyera
Comenzó de caminar;
Váse para los palacios
Adonde el buen rey está:
—'Cabalgue la vuestra alteza
Á priesa, no de vagar,
Que salida es la infanta
Para el conde nos quitar:
Los unos manda que maten,
Y los otros ahorcar;

Si vuestra alteza no acorre,
Yo no puedo remediar.'
El buen rey, de que esto oyera,
Comenzó de caminar,
Y fuese para el mercado
Adonde el conde fue á hallar;
—'¿Qué es aquesto la infanta?
Aquesto ¿qué puede estar?
¿La sentencia que yo he dado
Vos la quereis revocar?
Yo juro por mi corona,
Por mi corona real,
Que si heredero tuviese
Que me hubiese de heredar,
Que á vós y al conde Claros
Vivos os haria quemar.'
—'Que vós me mateis, mi padre,
Muy bien me podeis matar;
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera él acordar
De los servicios pasados
De Reynaldos de Montalvan,
Que morió en las batallas
Por tu corona ensalzar:
Por los servicios del padre
Lo debes galardonar;
Por mal querer de traidores
Vós no lo debeis matar,
Que su muerte será causa
Que me hayais de disfamar.
Mas suplico á vuestra alteza
Que se quiera consejar,
Que los reys con furor
No deben de sentenciar;
Porque el conde es de linage
Del reino mas principal,

Porque él era de los doce
Que á tu mesa comen pan;
Sus amigos y parientes
Todos te querrian mal:
Revolveros han en guerra,
Los reynos se perderán.'
El buen rey, cuando esto oyera,
Comenzara á demandar:
— 'Consejo os pido, los mios,
Que me querais consejar.'
Luego todos se apartaron
Por su consejo tomar:
El consejo que le dieron
Que lo haya de perdonar,
Por quitar males y bregas,
Y la princesa afamar.
Todos firman el perdon,
El buen rey lo fue á firmar;
Tambien lo aconsejaron,
Fueronle consejo á dar,
Pues la infanta queria al conde,
Con él haya de casar.
Ya desfierran al buen conde,
Ya le mandan desferrar.
Descabalga de la mula
El arzobispo á desposar:
El tomólos de las manos,
Así los hubo de juntar.
Los enojos y pesares
Placeres se han de tornar [1].

[1] Ochoa, TESORO DE ROMANCEROS, pag. 24: Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849–1851, tom. I, pag. 218. N'esta última e splendida collecção, que so agora me chega de Madrid quando estou corrigindo as próvas da presente obra, vem mais correcto o texto por um fragmento tirado do CANCIONERO GENERAL de 1511. Este é um dos romances que ficaram immortalizados pelas citações e allusões de Cervantes. D. QUIJOTE, cap. 9, part. 2.

XIV

DOM BELTRÃO

Não é das menos interessantes para a historia da poesia popular na Peninsula, ésta licção portugueza do romance de 'Dom Beltrão', que na castelhana se diz 'De la batalla de Roncesvalles.'

A sua origem parece ter sido proençal ou navarra; nós decerto o houvemos pelos nossos mais proximos vizinhos, os castelhanos. Em Portugal é elle arraiano, e não anda senão pelos extremos da Beira e Tras-os-montes.

Com ser este um dos mais bellos que tem o romanceiro de Castella, eu acho-o mais bonito em portuguez, mais repassado d'aquella melancholia e sensibilidade que faz o character da poesia do nosso dialecto, e que prin-

cipalmente o distingue dos outros todos de Hespanha.

O cavallo moribundo que se levanta deante do pae de seu senhor, para se justificar de seu procedimento na batalha, de como fez tudo para o salvar—é digno da Iliada e não desdiz do mais grandioso de nenhuma poesia primitiva.

Para que melhor se julgue, ponho em appendice a licção castelhana.

Variantes portuguezas não chegaram á minha mão, e este unico texto me veio de Tras-os-montes.

A novissima edição do 'ROMANCERO GENERAL' do Sr. Duran[1], obra de summo gôsto e trabalho, julga pertencer este romance ao último terço do seculo XV.

[1] Em dois vol. grandes, Madrid, 1849–1851.

DOM BELTRÃO

—'Quedos, quedos, cavalleiros,
Que elrei os manda contar!'
Contaram e recontaram,
So um lhe vinha a faltar:
Era esse Dom Beltrão,
Tam forte no batalhar;
Nunca o acharam de menos
Senão n'aquelle contar,
Senão ao passar do rio
Nos portos[1] do mal passar.
Deitam sortes á ventura
A qual o havia de ir buscar:

[1] Portos ou passagens dos Pyreneus, e em geral toda a passagem entre altas cordilheiras.

Que ao partir fizeram todos
Preito homenagem no altar,
O que na guerra morresse
Dentro em França se interrar.
Sette vezes deitam sortes
A quem n'o hade ir buscar;
Todas sette lhe cahiram
Ao bom velho de seu pae.
Volta redeas ao cavallo,
Sem mais dizer nem fallar...
Que lh'a sorte não cahíra,
Nunca elle havia ficar.
Triste e so se foi andando,
Não cessava de chorar;
De dia vai pelos montes,
De noite vai pelo val;
Aos pastores perguntando
Se viram alli passar
Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal[2],
—'Cavalleiro de armas brancas,
Seu cavallo tremedal,
Por ésta ribeira fóra
Ninguem não n'o viu passar.'
Vai andando, vai andando,
Sem nunca desanimar,
Chega áquella mortandade

[2]Cavallo tremedal, o quê?

Donde fôra Roncesval:
Os braços ja tem cançados
De tanto morto virar;
Viu a todos os francezes,
Dom Beltrão não pôde achar.
Volta atraz o velho triste,
Voltou por um areal,
Viu estar um perro moiro
Em um adarve a velar:
—'Por Deus te rogo, bom moiro,
Me digas sem me inganar,
Cavalleiro de armas brancas
Se o viste porqui passar.
Hontem á noite sería,
Horas de o gallo cantar.
Se entre vós está captivo,
A oiro o heide pesar.'
—'Esse cavalleiro, amigo,
Diz-me tu que signaes traz.'
—'Brancas são as suas armas,
O cavallo tremedal.
Na ponta de sua lança
Levava um branco sendal,
Que lh'o bordou sua dama
Bordado a ponto real.'
—'Esse cavalleiro, amigo,
Morto está n'esse pragal,
Com as pernas dentro d'agua,
O corpo no areal.'

Sette feridas no peito
A qual será mais mortal:
Por uma lhe entra o sol,
Por outra lhe entra o luar,
Pela mais pequena d'ellas
Um gavião a voar.'
—'Não tórno culpa a meu filho,
Nem aos moiros de o mattar;
Tórno a culpa ao seu cavallo
De o não saber retirar.'
Milagre! quem tal diria,
Quem tal poderá contar!
O cavallo meio morto
Alli se pôs a fallar:
—'Não me tornes essa culpa,
Que m'a não pódes tornar:
Tres vezes o retirei,
Tres vezes para o salvar;
Tres me deu de espora e redea
Co'a sanha do pelejar.
Tres vezes me apertou cilhas,
Me alargou o peitoral...
Á terceira fui a terra
D'esta ferida mortal.'

LICÇÃO CASTELHANA

En los campos de Alventosa
Mataran a Don Beltran,
Nunca lo echaron menos
Hasta los puertos pasar.
Siete veces echan suertes
Quién lo volverá á buscar,
Todas siete le cupieron
Al buen viejo de su padre,
Las tres fueron por malicia,
Y las cuatro con maldad.
Vuélve riendas al caballo,
Y vuélveselo á buscar,
De noche por el camino,
De dia por el jaral;
Por la matanza va el viejo,
Por la matanza adelante,
Los brazos lleva cansados
De los muertos rodear:
No hallaba al que buscaba,
Ni menos la su señal.
Vido todos los franceses
Y no vido á Don Beltran:
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pan
(El que comian los moros,
Que no el de la cristiandad):
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,
Que todas las aves del cielo
Allí se vienen á asentar,
Que de rama ni de hoja
No lo dejaban gozar:
Maldiciendo iba el caballero

Que cabalgaba sin page,
Si se le cae la lanza
No tiene quien se la alce,
Y si se le cae la espuela
No tiene quien se la calce:
Maldiciendo iba la muger
Que tan solo un hijo pare,
Si enemigos se lo matan
No tiene quien lo vengar.
A la entrada de un puerto
Saliendo de un arenal,
Vido en esto estar un moro
Que velaba en un adarve;
Hablóle en algarabia,
Como aquel que bien la sabe:
—'Por Dios te ruego, el moro,
Me digas una verdad,
Caballero de armas blancas
Si lo viste acá pasar,
Y si tu lo tienes preso
A oro lo pesarán;
Y si tu lo tienes muerto,
Désmelo para enterrar,
Pues que el cuerpo sin el alma
Solo un dinero no vale.'
—'Esse caballero, amigo,
Dime tú qué señas trae.'
—'Blancas armas son las suyas
Y el caballo es alazan.
En el carrillo derecho
El tenia uma señal,
Que siendo niño pequeño
Se la hizo un gavilan.'
—'Este caballero, amigo,
Muerto está en aquel pradal,
Las piernas tiene en el agua

Y el cuerpo en el arenal,
Siete lanzadas tenia
Desde el hombro al calcañal,
Y otras tantas su caballo
Desde la cincha al pretal.
No le des culpa al caballo
Que no se la puedes dar;
Siete veces lo sacó
Sin herida y sin señal,
Y otras tantas lo volvió
Com gana de pelear [1].'

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849-51, tom. I, pag. 263.—Não citarei mais outra collecção castelhana desde que possuo ésta, a mais completa e ordenada de todas.

XV

DOM GAIFEIROS

Eisaqui uma verdadeira preciosidade litteraria, a edição ou licção portugueza de um dos mais celebrados romances da nossa peninsula, 'Dom Gaifeiros.'

Tinha-o incontrado na collecção manuscripta do cavalheiro de Oliveira, mas confesso que fiz injúria á sua memoria, suppondo, sem mais exame, que era pia fraude do bom do cavalheiro, e que elle não tinha feito mais do que traduzir dos romanceiros castelhanos o que lá tinha achado em muito boa letra redonda. Não é assim; julguei de leve e julguei falso; o romance é corrente na tradição de Tras-os-montes. Tenho em minha mão cópias authênticas do cantar do povo feitas por pessoas fidedignas e intelligentes d'aquella pro-

vincia. As cópias não differem no essencial; todas são mais curtas do que as licções castelhanas dos romanceiros, mas nenhuma as segue litteralmente; e o mesmo faz a do cavalheiro de Oliveira, que é todavia a mais completa das portuguezas.

Appurei por todas ellas o texto como aqui o dou, recorrendo, nas frequentes difficuldades e dúvidas em que me achei, á licção castelhana tal como a dá Duran, que assevera tê-la copiado, não do 'Cancioneiro de Ambers', nem da 'Floresta de varios,' senão de um codice muito antigo que tinha á vista. Ésta cópia [1], diz elle e é certo, é a que mais quadra com a descripção de mestre Pedro no 'Dom Quixote', n'aquelle celebrado capítulo [2] da segunda parte que para sempre deixou immortal este romance.

Thomaz Rodd, o traductor inglez dos romances hespanhoes sôbre Carlos-Magno [3], diz

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1849–51, tom. I, pag. 248.

[2] DON QUIJOTE, parte 2, cap. 26.

[3] HISTORY OF CHARLES THE GREAT AND ORLANDO etc... With the most celebrated spanish ballads, etc... London 1812, 2 vol.

a este respeito que não é capitulo aquelle que se cite, senão que se deve ler e estudar na sua integra. E comeffeito elle é o melhor argumento e o melhor commentario do romance que póde fazer-se. Transcrevê-lo-hei todo n'esta parte.

Miren vuesas mercedes tambien como el emperador vuelve las espaldas, y deja despechado á Don Gaiferos, el cual ya ven como arroja impaciente de la cólera lejos de sí el tablero y las tablas, y pide apriesa las armas, y á Don Roldan su primo pide prestada su espada durindana; y como Don Roldan no se la quiere prestar, ofreciéndole su compañía en la difícil empresa en que se pone; pero el valeroso enojado no la quiere aceptar; antes dice que él solo es bastante para sacar á su esposa, si bien estuviese metida en el mas hondo centro de la tierra, y con esto se entra á armar para ponerse luego en camino. Vuelvan vuesas mercedes los ojos á aquella torre que allí parece, que se presupone que es una de las torres del alcázar de Zaragoza, que agora llaman la Aljaferia, y aquella dama que en aquel balcon parece vestida á lo moro es la sin par Melisendra, que desde allí muchas vezes se ponia á mirar el camino de Francia, y puesta la imajinacion en Paris y en su esposo, se consolaba en su cautiverio. Miren tambien un nuevo caso que ahora sucede, quizá no visto jamás. ¿No ven aquelle moro, que callandico y pasito á paso, puesto el dedo en la boca se llega por las espaldas de Melisendra? Pues miren como la dá un beso en mitad de los labios, y la priesa que ella se da á escupir y á limpiárselos con la blanca manga de su camisa, y como se lamenta, y se arranca de pesar sus hermosos cabellos, como si ellos tuvieran la culpa del maleficio. Miren tambien como aquel grave moro que está en aquellos corredores, es él rey Marsilio de Sansueña, el cual por haber visto la insolencia del moro, puesto que era un pariente y gran privado suyo, le mandó luego prender, y que le den docientos azotes,

llevándole por las calles acostumbradas de la ciudad con chilladores delante y envaramiento detrás: y ves aqui donde salen á ejecutar la sentencia, aun bien apenas no habiendo sido puesta en ejecucion la culpa, porque entre moros no hay traslado á la parte, ni á prueba y estése, como entre nosotros.

Niño, niño, dijo con voz alta á esta sazon Don Quijote, seguid vuestra historia linea recta, y no os metais en las curvas ó trasversales, que para sacar una verdad en limpio, menester son muchas pruebas y repruebas. Tambien dijo maese Pedro desde dentro: muchacho, no te metas en dibujos, sino has lo que ese señor te manda, que será lo mas acertado: sigue tu canto llano, y no te metas en contrapuntos, que se suelen quebrar de sotiles.

Yo lo haré así, respondió el muchacho, y prosiguió diciendo: Ésta figura que aquí parece á caballo, cubierta con una capa gascona, es la misma de Don Gaiferos, á quien su esposa esperaba, y ya véngada del atrevimiento del enamorado moro, con mejor y mas socegado semblante se ha puesto á los miradores de la torre, y habla con su esposo, creyendo que es algun pasajero, con quien pasó todas aquellas razones y coloquios de aquel romance, que dice:

Caballero, si á Francia ides
Por Gaiferos preguntad.

Las cuales no digo yo ahora, porque de la prolijidad se suele enjendrar el fastidio: basta ver como Don Gaiferos se discubre, y que por los ademanes alegres que Melisendra hace, se nos da á entender que ella le ha conocido, y mas ahora que vemos se descuelga del balcon para ponerse en las ancas del caballo de su buen esposo. Mas ¡ay sin ventura! que se le ha asido una punta del faldellin, de uno de los hierros del balcon, y está pendiente en el aire sin poder llegar al suelo. Pero veis como el piadoso cielo socorre en las mayores necesidades, pues llega Don Gaiferos, y sin mirar si se rasgará ó no el rico faldellin, ase de ella, y mal su grado la hace bajar al suelo, y luego de un brinco la pone sobre las ancas de su caballo á horcajadas como hombre, y la manda que se tenga fuertemente y le eche los brazos por las espaldas, de modo que los cruze

en el pecho, por que no se caigá, á causa que no estaba la señora Melisendra acostumbrada á semejantes caballerías. Veis tambien como los relinchos del caballo dan señales que va contento con la valiente y hermosa carga que lleva en su señor y en su señora. Veis como vuelven las espaldas y salen de la ciudad, y alegres y regocijados toman de Paris la via. Vais en paz, ó par sin par de verdaderos amantes; llegueis á salvamiento á vuesa deseada patria sin que la fortuna ponga estorbo en vuestro feliz viage: los ojos de vuestros amigos y parientes os vean gosar en paz tranquila los dias (que los de Nestor sean) que os quedan de la vida.

Aqui alzó otra vez la voz maese Pedro, y dijo: llaneza, muchacho, no te encumbres, que toda afectacion es mala. No respondió nada el intérprete, antes prosiguió diciendo: no faltaron algunos ociosos ojos, que le suelen ver todo, que no viesen la bajada y la subida de Melisendra, de quien dieron noticia á el rey Marsilio, el cual mandó luego tocar al arma; y miren con que priesa, que ya la ciudad se hunde con el son de las campanas, que en todas las torres de las mezquitas suenan.

Eso nó, dijo á esta sazon Don Quijote; en esto de las campanas anda muy improprio maese Pedro, porque entre moros no se usan campanas, sino atabales, y un jénero de dulzainas que parecen nuestras chirimias; y esto de sonar campanas en Sansueña, sin duda que es un gran disparate. Lo cual oido por maese Pedro, cesó el tocar, y dijo: no mire vuesa merced en niñarías, señor Don Quijote, ni quiera llevar las cosas tan por el cabo, que no se le halle? No se representan por ahí casi de ordinario mil comedias lleñas de mil impropiedades y disparates y con todo eso, corren felizisimamente su carrera, y se escuchan no solo con aplauso, sino con admiracion y todo? Prosigue, muchacho, y deja decir, que como yo llene mi talego, si quiera represente mas impropiedades que tiene átomos el sol. Así es la verdad, replicó Don Quijote; y el muchacho dijo: —

Miren cuanta y cuán luzida caballeria sale de la ciudad en seguimiento de los dos católicos amantes, cuantas trompetas que suenan, cuantas dulzainas que tocan, y cuantos atabales y tambores que retumban: témome que los han alcanzar, y los han de volver

atados á la cola de su mismo caballo, que seria un horrendo espectáculo. Viendo y oyendo pues tanta morisma y tanto estruendo Don Quijote, parecióle ser bien dar ayuda á los que huian, y levantandose en pie, en voz alta dijo: no consentiré yo que en mis dias y en mi presencia se le haga superchería á tan famoso caballero y á tan atrevido enamorado como Don Gaiferos; deteneos, mal nacida canalla, no le sigais ni persigais; si no, conmigo sois en la batalla; y diciendo y haciendo, desenvainó la espada, y de un brinco se puso junto al retablo y con acelérada y nunca vista furia comenzó á llover cuchilladas sobre la titerera morisma, derribando á unos, descabezando á otros, estropeando á este, destrozando á quel, y entre otros muchos tiró un altibajo tal, que si maeso Pedro no se abaja, se encoje y agazapa, le cercenara la cabeza con mas facilidad que si fuera hecha de masa de mazapan.

A nossa licção portugueza tem todos os characteres de ser do seculo XVI.

DOM GAIFEIROS

Sentado está Dom Gaifeiros
Lá em palacio real,
Assentado ao taboleiro
Para as tabolas jogar.
Os dados tinha na mão,
Que ja os ia deitar,
Senão quando vem seu tio
Que lhe entra a pelejar:
—'Para isso es, Gaifeiros,
Para os dados arrojar;
Não para ir tomar damas,
Com a moirisma jogar.
Tua espôsa lá teem moiros,
Não a sabes ir buscar[1]:
Outrem fôra seu marido,
Ja lá não havia estar.'

[1] Não es para a ir buscar — TRAS-OS-MONTES.

Palavras não eram dittas,
Os dados vão pelo ar...
A que não fòra o respeito[2]
Da pessoa e do logar,
Tavolas e tavoleiro
Tudo fòra espedaçar.
A seu tio, Dom Roldão,
Tal resposta lhe foi dar:
—'Sette annos a busquei, sette,
Sem a poder incontrar;
Os quatro por terra firme,
Os tres sôbre aguas do mar[3].
Andei por montes e valles,
Sem dormir, nem descançar;
O comer, da carne crua,
No sangue a sede mattar.
Sangue vertiam meus pés
Cançados de tanto andar;
E os sette annos cumpridos
Sem a podêr incontrar.
Agora a saber sou vindo[4]
Que a Sansonha foi parar;
E eu sem armas nem cavallo
Com que a possa ir buscar:

[2] Se alli não fòra o respeito — MS. DE OLIVEIRA.
[3] Os tres por cima do mar — TRAS-OS-MONTES.
[4] Ella estava em Salsonha,
Lá em palacio real. — TRAS-OS-MONTES.

Que a meu primo Montezinhos
Ha pouco os fui imprestar
Para essa festa de Hungria
Onde se foi a justar[5].
Mercê vos peço, meu tio,
Se m'a vós quizereis dar,
Vossas armas e cavallo
Que m'as queirais imprestar[6].'
—'Sette annos são cumpridos,
Bem n'os deves de contar,
Que Melisendra é captiva
E a vida leva a chorar.
E sempre te vi com armas,
Com cavallos a adestrar;
Agora que estás sem elles
É que a queres ir buscar?
Minhas armas não te impresto
Que as não posso desarmar;
Meu cavallo bem vezeiro[7],
Não o quero mal vezar.'
—'As vossas armas, meu tio,
Que m'as não queirais negar,
A minha espôsa captiva
Como a heide eu ir buscar?'

[5] Onde foi a tornear—MS. DE OLIVEIRA.
[6] A minha espôsa entre moiros,
Eu a quero ir buscar.—TRAS-OS-MONTES.
[7] Bem vezado—MS. DE OLIVEIRA.

—'Em San' João de Latrão
Fiz juramento no altar,
De a ninguem não prestar armas
Que m'as faça accovardar[8].'

Dom Gaifeiros, que isto ouviu,
A espada foi a tirar,
Saltam-lhe os olhos da cara
De merencorio a fallar:
—'Bem parece, Dom Roldão,
Bem parece, mal pezar!
O muito amor que me tendes
Para assim me affrontar.
Mandae-me dizer por outrem
Que me las possa pagar,
Essas palavras, meu tio,
Que vos não quero tragar.'
Accode alli Dom Guarino,
O almirante do mar,
Durandarte e Oliveiros
Que os veem a separar;
Com outros muitos dos dôze
Que alli succedeu de estar.
Dom Roldão muito sereno
Assim lhe foi a fallar:
—'Bem parece, Dom Gaifeiros,
Bem se deixa de mostrar,

[8] Por m'as não incovardar — MS. DE OLIVEIRA.

Que a falta de annos, sobrinho,
Em tudo vos faz faltar.
Aquelle que mais te quer,
Esse te hade castigar:
Fôras tu mau cavalleiro,
Nunca te eu dissera tal,
Porque sei que es bom, t'o disse...[9]
E agora, armar e sellar!
Meu cavallo e minhas armas
Ahi estão a teu mandar
E mais, terás o meu corpo[10]
Para te ir accompanhar.'
—'Mercês, meu tio, heide ir so[11],
So, tenho de a ir buscar.
Venham armas e cavallo
Que ja me quero marchar.
De covarde a mim! ninguem
Nunca me hade appellidar.'
Dom Roldão a sua espada
Alli lhe foi intregar:
—'Pois so queres ir, sobrinho,
Ésta te hade accompanhar.
Meu cavallo é generoso,
Não o queiras sopear;

[9] Por tu seres bom, t'o disse — MS. DE OLIVEIRA.

[10] E aqui tendes o meu corpo
Para vos accompanhar. — TRAS-OS-MONTES.

[11] So quero ir, meu tio, so,
Para melhor a tirar. — TRAS-OS-MONTES.

Dá-lhe mais redea que espora,
N'elle te podes fiar.'

Andando vai Dom Gaifeiros,
Andando de bom andar,
Por essas terras de Christo,
Té a moirama chegar.
Ia triste e pensativo,
Cheio de grande pezar:
Melisendra em mãos de moiros,
Como lh'a hade sacar?..'
Pára ás portas de Sansonha[12]
Sem saber como hade entrar:
Estando n'este cuidado
As portas se abrem de par.
Elrei com seus cavalleiros
Sahia ao campo a folgar;
Mui gallans iam de festa,
Mui ledos a cavalgar[13].
Furtou-lhe as voltas Gaifeiros,
Pelas portas foi entrar;
Deu com um christão captivo
Que alli andava a trabalhar:

—'Por Deus te peço, captivo,
E elle te venha livrar!

[12] Salsonha diz sempre a licção de TRAS-OS-MONTES.
[13] Mui guapos — MS. DE OLIVEIRA.

Assim me digas se ouviste
N'esta terra anomear
A uma dama christan,
Senhora de alto solar,
Que anda captiva entre moiros
E a vida leva a chorar.'
—'Deus te salve, cavalleiro,
Elle te venha ajudar!
E assim me dê outra vida,
Que ésta se vai a chorar.
Pelos signaes que me déste,
Ja bem te posso affirmar
Que a dama que andas buscando
Em palacio deve estar.
Toma essa rua direita
Que leva ao paço real;
Lá verás pelas janellas [14]
Muitas christans a folgar.'
Tomou a rua direita
Que no palacio vai dar,
Alçou os olhos ao alto,
Melisendra viu estar,
Sentada áquella janella
Tam intregue a seu pensar,
Que as outras em redor d'ella
Não n'as sentia folgar.

[14] Pelos balcões — MS. DE OLIVEIRA.

Rua abaixo, rua acima
Gaifeiros a passeiar.
—'Oh! que lindo cavalleiro,
De tam gentil cavalgar[15]!'
—'Melhor sou jogando ás damas,
Com moiros a batalhar!'
Melisendra que isto ouviu
Começava de chorar:
Não ja que ella o conhecesse,
Nem tal se podia azar,
Tam cuberto de armas brancas,
Tam diff'rente no trajar;
Mas por ver um cavalleiro
Que lhe fazia lembrar
Aquelles dôze de França,
Aquella terra sem par,
As justas e os torneios
Que alli sohiam de armar
Quando por sua belleza
Andavam a disputar.
Com voz chorosa e sentida
Começou de o chamar:
—'Cavalleiro, se a França ides[16]

[15] —'D'onde é o cavalleiro
De tam lindo passeiar?'
—'O cavalleiro é christão
Das bandas d'alêm do mar.'—TRAS-OS-MONTES.

[16] —'Se christão sois, cavalleiro,
Recado me haveis levar.'—TRAS-OS-MONTES.

Recado me heis levar[17],
Que digais a Dom Gaifeiros
Porque me não vem buscar.
Se não é medo de moiros,
De com elles pelejar,
Ja serão outros amores
Que o fizeram olvidar...
Emquanto eu presa e captiva
A vida levo a chorar.
E mais se este meu recado,
O não quizer acceitar,
Dá-lo-heis a Oliveiros,
A Dom Beltrão o heisde dar,
E a meu pae o imperador
Que ja me mande buscar,
Pois me querem fazer moira
E de Christo renegar.
Com um rei moiro me casam
De além das bandas do mar,
Dos sette reis de moirama
Rainha me hãode coroar.'
—'Esse recado, senhora,
Vós mesma lh'o haveis de dar[18];

[17] Ésta é a memoravel copla citada por Cervantes no Dom Quichote e que d'ahi obteve sua celebridade europea.

[18] Eu mesmo lh'o heide dar;
Pois Dom Gaifeiros sou eu
Que vos venho a buscar. — TRAS-OS-MONTES.

Dom Gaifeiros aqui o tendes
Que vos vem a libertar.'

Palavras não eram dittas[19],
Os braços lhe foi a dar,
Ella do balcão abaixo
Se deitou sem mais fallar.
Malditto perro de moiro
Que alli andava a rondar!
Em altos gritos o moiro
Começava de bradar:
—'Accudam á Melisendra,
Que a veem os christãos roubar[20]!'
—'Melisendra, minha espôsa,
Como havemos de escapar?'
—'Com Deus e a Virgem Maria
Que nos hãode accompanhar.'
—'Melisendra, Melisendra,
Agora é o esforçar!'
Aperta a cilha ao cavallo,
Affrouxa-lhe o peitoral,
Saltou-lhe em cima de um pulo,
Sem pé no estribo poisar.
Tomou-a pela cintura,

[19] A falla não era ditta,
Puseram-se a caminhar;
Tirou-a pelo balcão
Por não haver mais logar. — TRAS-OS-MONTES.

[20] Que se vai para alêm-mar — TRAS-OS-MONTES.

Que o corpo ergueu por lh'a dar;
Assenta a espôsa á garupa
Para que o possa abraçar[21],
Finca esporas ao cavallo,
Que o sangue lhe fez saltar.
Aqui vai, acollá voa...
Ninguem n'o póde alcançar.
Os moiros pela cidade
A correr e a gritar;
Quantas portas ella tinha
Todas as foram cerrar.
Sette vezes deu a volta
Da cêrca sem a passar,
O cavallo ás oito vezes
De um salto a foi saltar.
Ja os moiros da cidade
O não podem avistar:
Acode o rei Almançor
Que vinha de montear,
Com todos seus cavalleiros
Lá deitam a desfillar.
Sentiu logo Dom Gaifeiros
Como o iam alcançar:
—'Não te assustes, Melisendra,
Que é fôrça aqui apear.
Entre éstas árvores verdes
Um pouco me hasde aguardar,

[21] Ella o foi abraçar — MS. DE OLIVEIRA.

Em quanto eu volto a esses cães[22]
Que os heide affugentar.
As boas armas que trago
Agora as vou a provar.'
Apeou-se Melisendra,
Alli ficava a rezar.
O cavallo, sem mais redea,
Aos moiros se foi voltar;
Cançado ia de fugir
Que ja mal podia andar,
Cheirou-lhe ao sangue malditto,
Todo é fogo de abrazar.
Se bem peleja Gaifeiros,
Melhor é seu pelejar;
A qual dos dois anda a lida
Mais moiros hade mattar.
Ja cahem tantos e tantos
Que não teem conto nem par;
Com o sangue que corria
O campo se ia a alagar.
Rei Almançor que isto via,
Começava de bradar
Por Alá e Mafamede
Que o viessem amparar:
—'Renego de ti, christão,
E mais do teu pelejar!

[22] A esses perros — TRAS-OS-MONTES.

Não ha outro cavalleiro
Que se te possa egualar.
Será este Urgel de Nantes,
Oliveiros singular,
Ou o infante Dom Guarim
Esse almirante do mar?
Não ha nenhum d'entre os dôze
Que bastasse para tal...
So se fôsse Dom Roldão
O incantado sem par[23]!'

Dom Gaifeiros que o ouvia,
Tal resposta lhe foi dar:
—'Calla-te d'ahi, rei moiro,
Calla-te, não digas tal,
Muito cavalleiro em França
Tanto como esses val.
Eu nenhum d'elles não sou,
E me quero nomear:
Sou o infante Dom Gaifeiros,
Roldão meu tio carnal,
Alcaide-mor de Paris
Minha terra natural.'

Não quiz o rei mais ouvir
E não quiz mais porfiar,

[23] Sem egual — MS. DE OLIVEIRA.

Voltou redeas ao cavallo,
Foi-se em Sansonha incerrar.
Gaifeiros, senhor do campo,
Não tem com quem pelejar;
Cheio de grande alegria
Melisendra foi buscar.
—'Ai! se vens ferido, espôso?
E que ferido hasde estar!
Eram tantos esses moiros,
E tu so a batalhar.
Mangas de minha camiza,
Com ellas te heide pençar;
Toucas de minha cabeça
Faxas para te appertar[24].
—'Calla-te d'ahi, infanta,
E não queiras dizer tal;
Por mais que foram n'os moiros,
Não me haviam fazer mal:
São de meu tio Roldão
Éstas armas de provar;
Cavalleiro que as trouxesse,
Nunca póde perigar.'

Cavalgam, vão caminhando,
Não cessam de caminhar,
Por essa moirama fóra
Sem mais temor nem pezar;

[24] Serão para te appertar — MS. DE OLIVEIRA.

Fallando de seus amores
Sem de mais nada pensar[25].
Em terras de christandade
Por fim vieram a entrar.
A París ja são chegados,
Ja saem para os incontrar[26],
Sette leguas da cidade
A côrte os vai esperar.
Sahiu o imperador
A sua filha a abraçar;
Palavras que lhe dizia,
As pedras fazem chorar.
Sahiu toda a fidalguia,
Clerezia e secular,
Os dôze pares de França,
Damas sem conto nem par.
Dona Alda com Dom Roldão,
E o almirante do mar,
O arcebispo Turpim
E Dom Julião de além-mar,
E o bom velho Dom Beltrão,
E quantos sohem de estar
Ao redor do imperador[27]
Em sua mesa a jantar.

[25] Sem de outro al não pensar — MS. DE OLIVEIRA.

[26] A París a natural — MS. DE OLIVEIRA.

[27] É sempre a idea fixa da mesa redonda, do circulo formado pelos pares emtôrno do imperante.

Grande honra a Dom Gaifeiros!
Os parabens lhe vão dar;
Por sua muita bondade[28]
Todos o estão a louvar,
Pois libertou sua espôsa
Com valor tam singular.
As festas que se fizeram
Não têem conto nem par.

[28] *Bondade* é valor, e *bom* valente, em stylo do tempo.

LICÇÃO CASTELHANA

Asentado está Gaiferos
En el palacio reale,
Asentado está al tablero
Para las tablas jugare.
Los dados tiene en la mano
Que los quiere arrojare,
Cuando entró por la sala
Don Carlos el emperante:
De que asi jugare lo vido
Empezóle de mirare;
Hablándole está, hablando
Palabras de gran pesare:
— 'Si asi fuésedes, Gaiferos,
Para las armas tomare,
Como sois para los dados
Y para tablas jugáre,
Vuestra esposa tienen moros,
Iriadesla á buscar.
Pésame á mi por ello,
Porque es mi hija carnale.
De muchos fué demandada
Y á nadie quiso tomare:
Pues con vós casó por amores,
Amores la han de sacare;
Si con otro fuera casada
No estuviera en captividade.'
Gaiferos cuando esto vido,
Movido de gran pesare
Levantóse del tablero
No queriendo mas jugare,
Y tomáralo en las manos
Para haberlo de arrojare,

Sino por quien con él juega
Que era hombre de linage:
Jugaba con él Guarinos,
Almirante de la mare.
Voces dá por el palacio
Que al cielo quieren llegare,
Preguntando va, preguntando
Por su tio Don Roldane.
Hallárale en el patin,
Que queria cabalgare.
Con él era Oliveros
Y Durandarte el galane,
Con él muchos caballeros
De los de los doce Pares.
Gaiferos desque lo vido
Empezóle de hablare:
—'Por Dios os ruego, mi tio,
Por Dios os quiero rogare,
Vuestras armas y caballo
Vós me lo querais prestare,
Que mi tio el emperante
Tan mal me quiso tratare,
Diciendo que soy para juégo
Y no para armas tomare.
Bien lo sabeis vós, mi tio,
Bien sabeis vós la verdad,
Que pues busqué á mi esposa
Culpa no me deben dare.
Tres años anduve triste
Por los montes y los valles
Comiendo la carne cruda,
Bebiendo la roja sangre,
Trayendo los piés descalzos,
Las uñas corriendo sangre.
Nunca yo hallarla pude
En cuanto pude buscare,

Ahora sé que está en Sansueña,
En Sansueña esa ciudad.
Sabeis que estoy sin caballo,
Sin armas otro que tale,
Que las tiene Montesinos,
Que es ido á festejare
Allá á los reinos de Hungria
Para torneios armare,
Y yo sin caballo y armas
Mal la podré libertare;
Por esto os ruego, mi tio,
Las vuestras me querais dare.'
Don Roldan de que esto oyó
Tal respuesta le fué á dare:
—'Callad, sobrino Gaiferos,
No querades hablar tale,
Siete años vuestra esposa
Ha que está en captividade;
Siempre os he visto con armas
Y caballo otro que tale,
Ahora que no las teneis
La quereis ir á buscare.
Sacramento tengo hecho
Allá en San Juan de Latrane
A ninguno prestar armas
No me las hagan cobardes:
Mi caballo está bien vezado,
No lo querria mal vezare.'
Gaiferos que esto oyó
La espada fuera á sacare;
Con una voz muy sañosa
Empezára de hablare:
—'Bien parece, Don Roldan,
Siempre me quisiste male.
Si otro me lo dijera
Mostrára si soy cobarde;

Mas quien á mi ha injuriado
No lo vais por mi á vengare;
Si vós tio no mi fuésedes,
Con vos querria peleare.'
Los grandes que allí se hallan
Entre los dos puestos se hane;
Hablado le ha Don Roldan,
Empezóle de hablare:
—'Bien parece, Don Gaiferos,
Que sois de muy poca edade,
Bien oistes un ejemplo,
Que conoceis ser verdad,
Que áquel que bien os quiere
Ese os quiere castigare.
Si fuerades mal caballero,
No os dijera yo esto tale,
Mas porque sé que sois bueno,
Por eso os quise asi hablare,
Que mis armas y caballo
A vós no se han de negare,
Y si quereis compañia,
Yo os querria acompañare.'
—'Mercedes, dijo Gaiferos,
De la buena voluntade;
Solo me quiero ir, solo,
Para haberla de sacare:
Nunca me dirá ninguno
Que me vido ser cobarde.'
Luego mandó Don Roldan,
Sus armas aparejare;
El encubierta el caballo
Por mejor lo encobertare.
El mismo pone las armas
Y le ayudaba á armare,
Luego cabalgó Gaiferos
Con enojo y con pésare.

Pésale á Don Roldan,
Tambien á los doce Pares,
Y mas al emperador
De que solo lo vió andare,
Y des que ya se salia
Del gran palacio reale,
Con una voz amorosa
Llamáralo Don Roldane:
—'Espera un poco, sobrino;
Pues solo quereis andare,
Dejédesme vuesa espada,
La mia querais tomare,
Y aunque vengan dos mil moros
Nunca los volvais la haze:
Al caballo dadle rienda
Y haja á su voluntade,
Que si el ve la suya
Bien os saberá ayudare,
Y si ve demasia
Della os sabrá sacare.'
Ya le daba su espada
Y toma la de Roldane
Da de espuelas al caballo,
Sálese de la ciudad.
Don Beltran d'es que ir lo vido
Empezóle de hablare:
—'Tornad acá, hijo Gaiferos,
Pues que me teneis por padre,
Tan solamente que os vea
La condesa vuestra madre,
Tomará con vos consuelo,
Que tan tristes llantos hace,
Y dáraos caballeros
Los que hayais necesidade.'
—'Consoladla vós, mi tio,
Vos la querais consolare,

Acuerdese que me perdió
Chiquito y de poca edade,
Haja cuenta que de entonces
No me ha visto jamase,
Que ya sabeis que en los doce
Corren malas voluntades,
Y no diran, vuelvo por ruego,
Mas que vuelvo por cobarde,
Que yo no volveré en Francia
Sin Melisendra tornare.'
Don Beltran, de que lo oyera
Tan enojado hablare,
Vuelve riendas al caballo
Y entrose en la ciudad.
Gaiferos en tierra de moros
Empieza de caminare,
Jornada de quince dias
En ocho lá fué á andare.
Por las sierras de Sansueña
Gaiferos mal airado vae,
Las voces que iba dando
Al cielo quieren llegare.
Maldiciendo iba el vino,
Maldiciendo iba el pane
(El pan que comian los moros,
Mas no de la cristandade),
Maldiciendo iba la dueña
Que tan solo un hijo pare
(Si enemigos se lo matan,
No tiene quien lo vengare),
Maldiciendo iba al caballero
Que cabalga sin un page
(Si se le cae la espuela,
No tiene quien se la calce),
Maldiciendo iba el árbol
Que solo en el campo nasce,

Que todas las aves del mundo
En él van á quebrantare,
Que de rama ni de hoja
Al triste dejan gozare.
Dando estas voces y otras,
A Sansueña fué á llegare:
Viérnes era, en aquel dia
Los moros su fiesta hacen:
El rey iba a la mezquita
Para la zala rezare,
Con todos sus caballeros
Cuantos él pudo llevare.
Cuando allegó Gaiferos
A Sansueña, esa ciudade,
Miraba si veria alguno
A quien poder demandare:
Vido un cativo cristiano
Que andaba por los adarbes;
Desque lo vido Gaiferos,
Empezóle de hablare:
—'Dios te salve, el cristiano,
Y te torne en libertade:
Nuevas que pedirte quiero,
No me las quieras negare.
Tú que andas con los moros
Dime si oistes hablare
Si ay aqui alguna cristiana
Que sea de alto linage.'
El cativo que lo oyera
Empezára de llorare:
—'¡Tantos tengo de mis duelos,
De otros no puedo curare!
Que todo el dia caballos
Del rey me hacen pensare,
Y de noche en honda sima
Me hacen aquí aprisionare.

Bien sé que hay muchas cativas
Cristianas de gran linage,
Especialmente hay una
Qu'es de Francia naturale,
El rey Almanzor la trata
Como a su hija carnale;
Sé que muchos reyes moros
Con ella quieren casare.
Por eso idos, caballero,
Por esa calle adelante,
Vereislas á las ventanas
Del gran palacio reale.'
Derecho se va a la plaza,
A la plaza la mas grande.
Allí estaban los palacios
Donde el rey solia estare:
Alzó los ojos en alto
Por los palacios mirare,
Vido estar á Melisendra
En una ventana grande
Con otras damas cristianas
Qu'estan en captividade.
Melisendra que lo vido
Empezára de llorare,
No porque lo conociese
En el jesto ni en el traje,
Mas en verlo con armas blancas
Acordóse de los pares,
Acordóse de los palacios
Del emperador su padre,
De justas, galas, torneos
Que por ella solian armare.
Con voz triste y muy llorosa
Le empezára de llamare:
—'Por Dios os ruego, caballero,
Queráisos á mi llegare;

Si sois cristiano ó moro,
No me lo querais negare
Daros he unas encòmiendas,
Bien pagadas os serane:
Caballero, si á Francia ides
Por Gaiferos preguntade,
Decidle que la su esposa
Se le envia á encomendare,
Que ya me parece tiempo
Que la debia sacare.
Si no me deja por miedo
De con los moros peleare,
Debe tener otros amores,
De mi no lo dejan acordare:
¡Los ausentes por los presentes
Ligeros son de olvidare!
Aun le direis, caballero,
Por darle mayor señale,
Que sus justas y torneos
Bien las supimos acae.
Y si estas encomiendas
Non recibe con solace,
Daréislas á Oliveros,
Daréislas á Don Roldane,
Daréislas á mi señor
El emperador mi padre:
Direis como estó en Sansueña,
En Sansueña, esa ciudade,
Que si presto no me sacan
Mora me quieren tornare,
Casarme han con el rey moro
Que está allende la mare,
De siete reyes de moros
Reina me hacen coronare;
Segun los reyes me acuitan,
Mora me harán tornare;

Mas amores de Gaiferos
No los puedo yo olvidare.'
Gaiferos que este oyera
Tal respuesta le fué á dare:
—'No lloreis vós, mi señora,
No querais asi llorare,
Porque esas encomiendas
Vós mesma las podeis dare,
Que á mi allá dentro en Francia
Gaiferos suelen nombrare.
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobrino de Don Roldane:
Amores de Melisendra
Son los que acá me traen.'
Melisendra qu'esto vido
Conosciólo en el hablare,
Tiróse de la ventana,
La escalera fué á tomare,
Salióse para la plaza
Donde lo vido estare.
Gaiferos cuando la vido
Presto la fué á tomare,
Abrázala con sus brazos
Para haberla de besare.
Allí estaba un perro moro
Por los cristianos guardare,
Las voces daba tan altas
Que al cielo quieren llegare.
Al alarido del moro
La ciudad mandan cerrare.
Siete veces la rodean,
No hallan por do'escapare.
Presto sale el rey Almanzor
De la mezquita rezare:

Vereis tocar la trompeta
A priesa y no de vagare,
Vereis armar caballeros
Y en caballos cabalgare:
Tantos se arman de los moros
Que gran cosa es de mirare.
Melisendra que lo vido
En una priesa tan grande,
Con una voz delicada
Le empezára de hablare:
—'Esforzado Don Gaiféros,
No querades desmayare,
Que los buenos caballeros
Son para necesidade:
¡Si desta escapais, Gaiferos,
Hasta teneis que contare!
¡Ya quisiera Dios del cielo
Y Santa Maria su madre
Fuese tal vuestro caballo
Como el de Don Roldane!
Muchas veces le oi decir
En el palacio imperiale
Que si se hallaba cercado
De moros en alguno lugare,
Al caballo aprieta la cincha
Y aflojábale el pretale,
Hincábale las espuelas
Sin ninguna piedade:
El caballo es esforzado,
De otra parte va á saltare.'
Gaiferos de qu'esto oyó
Presto se fuera á apeare,
Al caballo aprieta la cincha,
Y aflojábale el pretale;
Sin poner pié en el estribo
Encima fué á cabalgare,

Y Melisendra á las ancas,
Que presto las fué tomare.
El cuerpo la da y cintura
Porque lo pueda abrazare:
Al caballo hinca la espuela
Sin ninguna piedade.
Corriendo venian los moros
A priesa y no de vagare,
Las grandes voces que daban
Al caballo hacen saltare.
Cuando fueron cerca los moros
La rienda le fué á largare;
El caballo era ligero,
Púsolo de la otra parte.
El rey moro qu'esto vido
Mandó abrir la ciudade;
Siete batallas de moros
Todos de zaga le vane.
Volviéndose iba Gaiferos,
No cesaba de mirare;
De que vido que los moros
Le empezaban de cercare,
Volvióse á Melisendra,
Empezóle de hablare:
—'No os enojeis, mi señora,
Seráos fuerza aqui apeare,
Y en esta grande espesura
Podeis, señora, aguardare,
Que los moros son tan cerca,
De fuerza nos han de alcanzare.
Vos, señora, no traeis armas
Para haber de peleare,
Yo pues que las traigo buenas,
Quiérolas ejercitare.'
Apeóse Melisendra
No cesando de rezare,

Las rodillas puso en tierra,
Las manos fué á levantare,
Los ojos puestos al cielo
No cesando de rezare:
Sin que Gaiferos volviese,
El caballo fué a aguijare.
Cuando huia de los moros
Parece que no puede andare,
Y cuando iba hácia ellos
Iba con furor tan grande,
Que del rigor que llevaba
La tierra hacia temblare:
Donde vido la morisma
Entre ellos fuera á entrare:
Si bien pelea Gaiferos,
El caballo mucho masé;
Tantos mata de los moros
Que no hay cuento ni pare;
De la sangre que salia
El campo cubierto se hae.
El rey Almanzor qu'esto vido
Empezára de hablare:
—'¡Oh válasme tu, Alá!
¿Esto qué podia estare?
Que tal fuerza de caballero
En pocos se puede hallare:
Debe ser el encantado
Ese paladin Roldane,
O debe ser el esforzado
Renaldos de Montalvane,
O es Urgel de la Marcha
Esforzado y singulare:
No hay ninguno de los doce
Que bastase hacer lo tale,
Gaiferos qu'esto oyó,
Tal respuesta le fué á dare:

—'Calles, calles, el rey moro,
Calles y no digas tale,
Muchos otros hay en Francia
Que tanto como estos valen:
Yo no soy ninguno d'ellos,
Mas yo me quiero nombrare:
Soy el infante Gaiferos,
Señor de Paris la grande,
Primo hermano de Oliveros,
Sobrino de Don Roldane.'
El rey Almanzor que lo oyera
Con tal esfuerzo hablare,
Con los mas moros que pudo
Se entrára en la ciudade.
Solo quedaba Gaiferos
No halló con quien pleare,
Volvió riendas al caballo
Por Melisendra buscare:
Melisendra que lo vido,
A recebir se lo sale;
Vidole las armas blancas,
Tintas en color de sangre.
Con voz muy triste y llorosa
Le empezó de preguntare:
—'Por Dios os ruego, Gaiferos,
Por Dios os quiero rogare,
Si traeis alguna herida
Queráismela vos mostrare,
Que los moros eran tantos
Quizá os habrán hecho male;
Con las mangas de mi camisa
Os la quiero yo apretare,
Y con la mi rica toca
Yo os la entiendo sanare.'
—'Calledes, dijo Gaiferos,
Infanta, no digais tale,

Por mas que fueran los moros,
No me podian hacer male,
Qu'estas armas y caballo
Son de mi tio Don Roldane;
Caballero que las trujere
No podia peligrare.
Cabalgad presto, señora,
Que no es tiempo de aqui estare;
Antes que los moros tornen,
Los puertos hemos pasare.'
Ya cabalga Melisendra
En un caballo alazane,
Razonando van de amores,
De amores, que no de al.
Ni de los moros han miedo,
Ni dellos nada se dane:
Con el placer de ambos juntos
No cesan de caminare,
De noche por los caminos
De dia por los jarales,
Comiendo las yerbas verdes
Y agua si pueden hallare,
Hasta qué entraron en Francia
Y en tierra de cristandade:
Si hasta allí alegres fuéron,
Mucho mas de allí adelante.
A la entrada de un monte,
Y á la salida de un valle,
Caballero de armas blancas
De léjos vieron asomare:
Gaiferos desque lo vido
La sangre vuelto se le hae,
Diciendo á su señora:
—'Esto es mas de recelare,
Que aquel caballero que asoma
Gran esfuerzo es el que trae;

Que sea cristiano ó moro,
Fuerza será peleare:
Apéaos vós, mi señora,
Y vení de mi á la pare.'
De la mano le traia
No cesando de llorare.
Lléganse los caballeros,
Comienzan aparejare
Las lanzas y los escudos
En son de bien peleare.
Los caballos ya de cerca
Comienzan de relinchare;
Mas conocióle Gaiferos
Y empezára de hablare:
—'Perded cuidado, señora,
Y tornad a cabalgare,
Que el caballo que allí viene
Mio es en la verdade.
Yo le dí mucha cebada
Y mas le entiendo de dare;
Las armas, segun que veo,
Mias son otro que tale,
Y aun aquel es Montesinos
Que á mi me viene á buscare,
Que cuando yo me partí
No estaba en la ciudade.'
Plugo mucho á Melisendra
Que aquello fuese verdade.
Ya que se van acercando
Cuasi juntos á la pare,
Con voz alta y crecida
Empiézanse de interrogare.
Conóscense los dos primos
Entonces en el hablare,
Apeáronse á gran priesa,
Muy grandes fiestas se hacen;

De que hubieron hablado
Tornaron á cabalgare:
Razonando van de amores,
De otro no quieren hablare;
Andando por sus jornadas
En tierra de cristandade,
Cuantos caballeros hallan
Todos los van compañare,
Y dueñas á Melisendra,
Doncellas otro que tale.
Al cabo de pocos dias
A Paris van a llegare;
Siete leguas de la ciudade
El emperador les sale,
Con él sale Oliveros,
Con él sale Don Roldane,
Con él el infante Guarinos
Almirante de la mare,
Con él sale Don Bermudez
Y el buen viejo Don Beltrane,
Con él muchos de los doce
Que á su mesa comen pane,
Y con él iba Doña Alda,
La esposica do Roldane,
Con él iba Julianesa,
La hija del rey Juliane;
Dueñas, damas, y doncellas
Las mas altas de linage.
El emperador abraza su hija
No cesando de llorare;
Palabras que le decia
Dolor eran de escuchare.
Los doce á Don Gaiferos
Gran acatamiento le hacen,
Tienenlo por esforzado
Mucho mas de allí adelante,

Pues que sacó á su esposa
De muy gran captividade:
Las fiestas que le hacian
No tienen cuento ni pare [1].

[1] Duran, ROMANCERO GENERAL, 1848–51, pag. 218, tom. I.

XVI

JUSTIÇA DE DEUS

A licção que principalmente aqui segui é a da Beiralta, por ser n'ella muito mais completo o romance. A de Tras-os-montes chama-lhe 'O Conde prêso.'

Poucas coisas mais bonitas tem o romanceiro popular da nossa peninsula. Onde nasceu não sei; mas as collecções castelhanas não o trazem. A questão porêm de se uma composição d'estas foi feita n'esse ou n'aquelle reino d'Hespanha, alêm de ser mui difficil de resolver, é de bem pouca importancia. O que é verdadeiramente antigo e popular, o que foi obra do trovador ou do menestrel, nasceu talvez em Catalunha ou em Valença, talvez em Portugal ou em França, ou em Leão ou em Castella: quem sabe? Viajou e perigrinou

com a harpa ou com a viola do cantor que o compoz ou que somente o apprendeu de cór: espalhou-se por essas terras de differentes dialectos que mais ou menos tiveram de o traduzir para o conservar na tradição de seus povos. E hoje, ha muitos seculos a ésta parte, quem póde dizer onde foi composto o romance que n'esta ou n'aquella provincia se incontra? É d'aquella onde foi achado.

Ja se vê que não applico ésta theoria ao que traz visivel e marcado o sêllo de sua nacionalidade, como são os romances propriamente moiriscos ou granadinos, os que á imitação d'estes se fizeram em tammanha cópia nos seculos XVI e XVII, nem tampouco aos historicos strictamente dittos.

Advertirei tambem, ao leitor pouco versado em nossas coisas, que lhe não faça pêso, para julgar este romance castelhano por fôrça, o ver que n'elle se tratta de San' Thiago e de suas romarias e romeiros. Depois de Galliza, nenhum reino de Hespanha teve jamais tanto que fazer com o apostolo de Compostella, como o nosso Portugal, especialmente nas duas

provincias do extremo Norte. Ainda lá vamos de romaria, e o temos por nosso em tudo... menos se formos a brigar, porque então vem 'San' Jorge e avante,' San' Jorge e o seu dragão, que são dois terriveis matta-castelhanos, apezar de todos os pezares, e das heterodoxas doutrinas de desequilibrio europeu com que nos têem obsequiado ultimamente.

JUSTIÇA DE DEUS

Prêso vai o conde, prêso,
Prêso vai a bom recado;
Não vai prêso por ladrão,
Nem por homem ter mattado [1],
Mas por violar a donzella
Que vinha de San' Thiago:
Não bastou dormir com ella,
Senão dá-la ao seu criado!
Accommetteu-a na serra,
Mui longe do povoado [2]:
Por morta alli a deixára
Sem mais dó, sem mais cuidado.

[1] Nem por home haver mattado — TRAS-OS-MONTES.
[2] Em logar despovoado — BEIRALTA.

Chorou tres dias, tres noites,
E mais teria chorado,
Senão que Deus sempre acode
A amparar o desgraçado.
Passou por alli um velho,
Um pobre velho soldado,
Suas barbas brancas de neve,
Em sua espada abordoado[3];
Vieiras traz na esclavina,
O chapeu d'ellas cercado;
Chegou-se á pobre romeira
Com muito amor, muito agrado:
—'Não chores mais, filha minha[4],
Filha, demais tens chorado;
Que esse villão cavalleiro[5]
Prêso vai a bom recado.'
Levou comsigo a donzella
O bom velho do soldado;
Vão á presença d'elrei,
Onde o conde era levado:
—'Eu te requeiro, bom rei,
Pelo apostolo sagrado
Que n'esta sua romeira
O fôro seja guardado.

[3] Ao seu bordão incostado—BEIRALTA.
[4] Donzella, não chores mais — BEIRALTA.
[5] Que prêso vai esse conde—BEIRALTA.

Da lei divina é casar-se,
Da humana ser degollado:
Que não valem fidalguias[6]
Onde Deus é o aggravado.'

Disse elrei aos do conselho
Com semblante carregado:
—'Sem mais detença, este feito
Quero ja desimbargado.'
—'Visto está o feito, visto,
Julgado está, bem julgado:
Ou hade casar com ella,
Ou se não... ser degollado.'
—'Pois que me praz' disse o rei:
'O algoz que seja chamado:
Ou ja casar co'a romeira
Ou aqui ser degollado.'

—'Venham algoz e cutello.'
Respondeu o accusado:
'Mas antes morrer mil vezes[7]
Que viver invergonhado.'

Agora ouvireis o velho,
O bom velho do soldado:

[6] Não ha fôro ou privilegio — BEIRALTA.
[7] Antes morrerei mil vezes — TRAS-OS-MONTES.

—'Fazeis, bom rei, má justiça,
Mau feito tendes julgado:
Primeiro casar com ella,
E depois ser degollado.
Lava-se a honra com sangue,
Mas não se lava o peccado.'

Palavras não eram dittas,
A espada tinha arrojado,
Despe insignias de romeiro [8],
Despe as armas de soldado,
Nos trajos de um sancto bispo
Apparece transformado;
Sua mitra de pedras finas,
De oiro puro o seu cajado:
Tomou a mão da romeira,
A mão do conde ha tomado,
Por palavras de presente
Alli os tem desposado.
Choravam todos que o viam,
Chorava mais o culpado;
Chorando, pedia a morte
Por não ficar deshonrado [9].
O sancto bispo o absolvia
Contricto de seu peccado:

[8] Tira o gaivão de romeiro — BEIRALTA.
[9] Antes que ser deshonrado — TRAS-OS-MONTES.

D'alli o levam por morto,
Que nem o algoz foi chamado,
Justiça de Deus foi n'elle,
Antes de uma hora é finado!
Mas acudiu áquella alma
O apostolo sagrado,
Que outro não era o romeiro,
O bispo nem o soldado[10].

[10] A licção de Tras-os-montes supprime a intervenção de San' Thiago, e tambem o casamento do conde, que alli vai simplesmente a degollar, declarando a sua última vontade n'estas coplas:

—'Não me interrem na egreja,
Nem tampouco em sagrado;
N'aquelle prado me interrem
Onde se faz o mercado.
Cabeça me deixem féra,
O meu cabello intrançado,
De cabeceira me ponham
A sella do meu cavallo.
Que digam os passageiros:
—'Triste de ti, desgraçado!
Morreste de mal d'amores,
Que é um mal desesperado.'—TRAS-OS-MONTES.

NOTAS

NOTAS

Nota A

Iufante no feminino é um latinismo dos seculos XV e XVI................................ pag. 12.

Não é d'esta opinião um amigo meu cujo voto litterario tem muito pêso. Diz elle que as terminações *ante, ente* e *inte* sempre foram invariaveis para ambos os generos; que sempre se disse 'amante, enchente, pedinte;' que *infanta* portanto é uma excepção da regra geral, excepção so usada por alguns.

Nota B

Fôra o primeiro em que se fizeram versos...pag. 20.

Ésta é a opinião de Sarmiento: Sanchez, nas notas á citada carta do marquez de Santillana, a combate.

Nota C

Malato se tornaria....................... pag. 36.

O que, a este respeito, fica apontado na nota marginal é a opinião do Sr. Alexandre Herculano. Sancta Rosa no 'glossario' lhe attribue quasi a mesma significação. No sentido porêm de gafo, doente, etc., a usa Berceo muitas vezes no POEMA DE ALEXANDRE. Na nova edição do ROMANCERO de Duran[1] ha uma variante d'este romance, que elle attribue a Rodrigo de Reinosa porque assim se diz em um folheto sôlto d'onde a transcreve, cuja linguagem parece mais velha, porêm que é decerto menos singela que as outras, e sabe mais ao inrevezado das coplas dos provençaes. N'esta indisputavelmente se põe *malato* por gafo, leproso, infecto de mal contagioso.

Eisaqui o logar parallelo:

Está quedo, caballero,
Non fagas tal villania,
Figa soy de un *malato*
Que tiene la *malatia*,
Y quien a mi llegare
Luego se le pegaria.

É notavel que n'esta variante se acha o romance da 'Infeitiçada' confundido com o do 'Caçador' do mesmo modo que o eu incontrei confundido na tradição oral de algumas de nossas provincias.

[1] Madrid, 1849-51, tom. I, n.º 285, pag. 152.

Nota D

Além de não andar nas collecções da nação vizinha................................ pag. 125.

No ROMANCERO de Duran, nova edição[1], ha um fragmento com o titulo 'El Palmero,' tirado da collecção de Sepulveda em que apparecem alguns versos eguaes aos do Bernal. Duran o julga semialegorico, e d'aquelles que na nossa peninsula ja começavam a imitar os provençaes no seculo XV. Não sou d'esta opinião.

Nota E

A xácara é toda dramatica.............. pag. 127.

Ésta qualificação é exclusivamente portugueza: os nossos parentes castelhanos intendem por *jacara* um romance truanesco em stylo picaro e mais proximo do que nós chamâmos ou chamavamos chacota.

Nota F

Loa virá do latim *laus?*................. pag. 129.

Os castelhanos dizem hoje *loor* e *loar* por *laus* e *laudare*. No 'Cancioneiro do Collegio dos Nobres'

[1] Madrid, 1849–51, tom. I, pag. 158, n.º 202.

fol. 58 v. acha-se *loado* por *louvado*. A diversidade que hoje se incontra, n'estas derivações, entre o portuguez e castelhano, é comparativamente moderna.

Nota G

Não se incontra nas collecções castelhanas, pag. 165.

Na nova edição de Duran, tantas vezes e inda agora citada [1], apparecem dois fragmentos, o primeiro até hoje conservado na tradição oral das Asturias, o segundo correndo impresso nos folhetos dos cegos ambulantes: ambos são inquestionavelmente reliquias dispersas do nosso romance. Alli chamam-lhe 'Gerinaldo.' E o mesmo nome lhe dão em Andaluzia, onde o conserva de memoria a gente do campo nos seus *corrios, corrillos* ou *carrerillas;* que todas éstas appellações teem as cantigas que o povo d'aquella provincia canta ou recita de immemorial tradição.

FIM DO VOLUME SEGUNDO

[1] Tom. I, pag. 175, 176, n.º 320 e 321.

INDICE